

KAT BELLEMORE

Emprestando Beijos



Emprestando Amor Livro Cinco

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

KAT
BELLEMORE

*Emprestando
Beijos*



Emprestando Amor Livro Cinco

Emprestando Beijos

KAT
BELLEMORE
Emprestando Amor Livro Cinco



1ª Edição


Leabhar
Ribeirão Preto/SP
2024

Direitos Autorais



Título original: Borrowing Kisses

Borrowing Amor book 5

Copyright © Kat Bellemore, 2019

Copyright da tradução ©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Yasmin Gallo

Revisão: Soraya Defavari

Diagramação e Adaptação de Capa: Labellalluna Web®

Arte Capa: Lara Wynter

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

B439lbe

Bellemore, Kat

Título: Emprestando Beijos (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar Books

Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Borrowing kisses © 2019 Kat Bellemore

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-306-7

1. Romance. 2. México. 3. Gallo, Yasmin I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda.
14025-200 — Rua Sete de Setembro, 1851 conj. 1 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Capítulo 1



Zoe caminhou pela calçada de braços dados com sua melhor amiga, Ruby. O sol havia se posto uma hora antes e tudo que lhes restava era a luz dos postes de rua, espalhando-se pela estrada. O verão era sua época favorita do ano, apesar das chuvas de monções, que iam embora tão rapidamente quanto chegavam, e dos mosquitos, que a chuva invariavelmente trazia consigo. E, naquele momento, ela adorava os aromas do deserto misturados com a fumaça da fogueira que os rodeava enquanto caminhavam pela rua principal em direção ao parque da cidade.

— Pena que Parker não pôde estar aqui para a festa das estrelas — disse Zoe, virando a esquina perto da loja de bicicletas. Um pequeno caminho levava ao grande parque escondido atrás dos prédios, o que o tornava perfeito para observar as estrelas. As luzes da rua não causavam tanta distração.

— Tenho certeza de que ele está tendo uma visão melhor do seu balão — disse Ruby. — E, para ser sincera, por mais que eu ame ser casada, gosto das nossas noites só de garotas.

— Também gosto delas — disse Zoe, tentando parecer otimista, mas Ruby deve ter ouvido seu tom sombrio, porque, imediatamente, puxou-a para um abraço lateral.

— Sei que não tenho estado muito presente. Depois que vendi a creche, não esperava que meu negócio decolasse tão rapidamente. E me sinto culpada se fico longe de Parker com muita frequência, considerando que ele também se ausenta muito.

Zoe a interrompeu. — Você não precisa se desculpar. As coisas não são como eram e não há nada de errado nisso. Estou feliz por você estar voando de novo.

A última coisa que ela queria era que Ruby se sentisse culpada por ser feliz, especialmente depois que a amiga passou por alguns anos difíceis após a morte de seu primeiro marido, que também era irmão de Zoe. A empresa de fretamento de aviões de Ruby a mantinha ocupada o tempo todo, mas ela precisava disso. Quase tanto quanto precisava de Parker.

— Tudo bem, se você diz — Ruby comentou com um pequeno franzido na testa, o qual se transformou novamente em um sorriso com a mesma rapidez. — Mas é melhor que a festa das estrelas não fique sem chocolate para os *s'mores* este ano.

Zoe estremeceu. — Sério, qualquer um pensaria que era o Armagedon. Mas o que eles esperavam que acontecesse? Ninguém quer comer apenas marshmallow preso entre duas bolachas.

— Quem está no comando do evento este ano?

— Katie se ofereceu para que o Refúgio tomasse conta.

— Ah, que bom. Definitivamente, haverá chocolate suficiente, então —

Ruby disse rindo.

Zoe sorriu, sabendo que a amiga estava certa. Katie era a esposa do prefeito e possuía uma organização sem fins lucrativos para os sem-teto, o que significava que a maioria das pessoas que comandavam a festa naquela noite seriam indivíduos que estavam tentando se reerguer. E Katie tinha seu próprio amor por chocolate.

Zoe e Ruby entraram na clareira e trocaram sorrisos. Telescópios pontilhavam a extensão gramada em uma extremidade e várias fogueiras pontilhavam a outra.

— Estrelas primeiro ou comida? — Ruby perguntou.

Como se ela tivesse que perguntar.

Zoe revirou os olhos e a outra riu. — Comida, então.

Aproximaram-se e espetaram cachorros-quentes antes de se acomodarem em algumas pedras grandes que estavam longe o suficiente do fogo para que as faíscas perdidas não caíssem sobre elas.

O cachorro-quente de Zoe estava quase perfeitamente dourado quando Ruby lhe deu uma cotovelada na lateral do corpo.

— Você conhece o cara sentado à nossa frente? — murmurou baixinho.

Zoe olhou para cima, tentando não deixar claro que estava olhando. Através das chamas, um homem atraente assava seu próprio cachorro-quente, embora sua atenção não estivesse na comida que segurava sobre o fogo. Seu olhar continuava vagando.

Ele observava um grupo de adolescentes que se desafiavam a pular as chamas de uma fogueira próxima, depois um garotinho que havia conseguido enfiar vários marshmallows nos bolsos antes que sua mãe o pegasse em flagrante. Seu olhar então viajou para os observadores de estrelas reunidos em torno dos telescópios e, finalmente, pousou em Zoe.

Ela desviou o olhar. — Não, eu nunca o vi antes. — Ela certamente se lembraria se o tivesse visto. Ele tinha olhos escuros e penetrantes, mas quando sorriu na direção do menino, que agora enfiava os marshmallows na boca para que a mãe não pudesse tirá-los, duas covinhas, que lhe davam a aparência de alguém que gostava de rir, apareceram.

— Ele fica olhando para você — disse Ruby.

— Ele está olhando para tudo, apreciando a paisagem. Provavelmente outro turista que está aqui para o voo que sai em alguns dias — disse Zoe. Eles vinham recebendo muito mais pessoas passando por sua pequena cidade desde que a *Galactic Enterprises* abriu sua base espacial, a setenta e dois quilômetros de distância, no meio do nada. As pessoas precisavam de um lugar para ficar antes do voo de turismo espacial, e Amor era a cidade mais próxima.

— Foi o que pensei a princípio, mas os olhos dele sempre voltam para você — disse Ruby, desviando os olhos quando ele olhou na direção delas novamente. — Talvez devêssemos mudar para uma fogueira diferente, só para prevenir.

Zoe bufou. — Prevenir do quê?

— Não sei. Ele é um estranho que simplesmente não consegue tirar os olhos de você.

— Sim, ele parece muito perigoso, mesmo — disse Zoe com uma pequena risada. — Talvez seja um assassino psicopata e vá usar seu cachorro-quente para nos espancar até a morte.

O homem inclinou a cabeça e deu-lhes um sorriso torto. — Vocês duas sabem que posso ouvir vocês, né? — Era como se ele quisesse rir, mas estivesse tentando ser educado. — Não é uma fogueira tão grande e as chamas não são à prova de som.

— Você sussurra alto demais — Zoe acusou Ruby em um sussurro que não era nem um pouco baixo. — Agora ele sabe que descobrimos seu plano.

O rosto de Ruby ficou com um tom vermelho brilhante e Zoe não sabia se era de vergonha ou do calor das chamas. Provavelmente o primeiro. Afinal, Zoe era especialista em constranger a amiga.

Quando Ruby não disse nada e, em vez disso, encolheu-se com os olhos fixos no cachorro-quente, Zoe assentiu e disse:

— Você está certa. É hora de usar o arsenal de emergência. — Enfiou a mão em um saco de marshmallows que havia colocado ao lado do suprimento de chocolate que tinha separado e depois jogou um no homem. Acertou-o no olho e ela sorriu. — Pronto. Eu me livrei dele.

Os olhos escuros dele brilharam com humor. Ele lentamente tirou seu cachorro-quente do fogo e enfiou o espeto no chão. Curvando-se, pegou seu próprio saco de marshmallows.

Zoe ficou boquiaberta. — Você roubou um pacote também? O aviso na mesa dizia claramente apenas dois marshmallows por pessoa.

— Devo ter deixado passar — disse o homem, antes de atirar vários marshmallows nela.

Ele os jogou tão rápido que ela não teve tempo de reagir, e acabou sendo atingida por um no nariz e dois na testa, mas só quando um caiu dentro de sua blusa é que ela deu um salto do chão com um gritinho, ao mesmo tempo em que deixou cair o espeto que estava assando. O cachorro-quente caiu nas chamas.

Zoe tentou fazer cara feia para o homem enquanto sacudia a blusa, mas estava rindo demais. Não esperava que o estranho fosse retaliar.

Quando o marshmallow caiu de sua blusa, ela o jogou nas chamas para queimar ao lado de seu cachorro-quente, agora enegrecido.

— Nunca comece uma briga se você não for capaz de vencê-la — disse-lhe ele com um sorriso, depois tirou o espeto, calmamente, do chão e voltou a assar sua própria comida.

— Você estava certa — disse Zoe a Ruby, que assistia toda a interação com a boca aberta. — Devíamos ir encontrar uma fogueira diferente. — Lançou um sorriso intrigado para o estranho, pegou seu saco de marshmallows e foi embora. Zoe estava atraída demais por aquele homem e isso não era nada

bom. Era melhor manter rapazes como ele à distância.

— Não é todo dia que você encontra alguém para competir de igual para igual — Ruby disse com um sorriso enquanto corria atrás de Zoe. — Foi divertido. Podemos fazer de novo?

— De jeito nenhum. Espero que, quando a espaçonave dele partir para o espaço, ela fique presa lá.

Rubi riu. — Normalmente, você não deixa ninguém te irritar assim. Esse cara deve ser especial.

— Se ‘especial’ é outra palavra para charmoso, engraçado e completamente errado para mim, então, sim, esse homem é realmente muito especial — disse Zoe, desabando em uma pedra desocupada perto da fogueira, que era o mais longe que conseguiram chegar dele.

— Quem é especial? — Katie perguntou, aproximando-se. Sua filha Liv corria entre suas pernas. A garotinha tinha dois anos e um poço sem fim de energia, mas Katie se saía muito bem a acompanhando.

— Um homem bonito em uma daquelas fogueiras ali — disse Ruby, apontando. — Ele e Zoe tiveram um... momento.

Katie ergueu as sobrancelhas e se aproximou. — Ah... um momento? Preciso saber mais sobre isso.

— Não teve nada disso — disse Zoe, cruzando os braços.

— Diz a mulher que o acusou de querer nos matar com seu cachorro-quente e depois jogou um marshmallow nele - o qual o atingiu no olho, devo acrescentar — disse Ruby rindo.

— Não acredito! — disse Katie, agora rindo também. — Na verdade, esquece. Eu conheço você há tempo suficiente para saber que fez isso sim.

— Podemos nos concentrar no aspecto mais importante da história? — Zoe perguntou. — Ele fez meu cachorro-quente cair no fogo. E não tem mais nenhum na mesa de comida. Vamos nos concentrar nesse final trágico por um momento.

— Você está me perguntando se posso buscar outro para você? — Katie questionou com um sorriso provocador.

— Está tudo bem — falou Zoe com um suspiro dramático. — Vou ser obrigada a comer a sobremesa primeiro. — Espetou vários marshmallows em seu espeto e, quando quatro lindos docinhos estavam prontos em um prato de papel à sua frente, Katie voltou com um pacote de cachorros-quentes.

— Você está certa, ele é muito bonito — disse com uma piscadela. Ela olhou para as mãos pegajosas de Zoe e entregou o pacote para Ruby.

— Eu não tinha notado — disse Zoe com a boca cheia de chocolate e marshmallow. Pelo menos ela estava tentando não se lembrar daquelas covinhas ou dos olhos escuros que se iluminaram quando jogou seu marshmallow nele.

Era mais difícil do que estava disposta a admitir.

Capítulo 2



Stephen se afastou da fogueira, três cachorros-quentes e dois marshmallows acomodados em seu estômago. Enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta para ajudar a se manter aquecido. Embora fosse verão, o ar esfriava quando o sol se punha. Parecia que toda a cidade se reunia para este evento e todos pareciam conhecer uns aos outros. Mas ele não se sentiu indesejável. Um sorriso amigável o saudava onde quer que fosse.

— Você deve estar aqui para o voo espacial — disse-lhe um homem de passagem. — Diga “olá” às estrelas por nós.

— Ah, eu não estou...

O homem afastou-se para falar com outra pessoa antes que Stephen tivesse oportunidade de responder. Olhou para as suas roupas. Havia algo na maneira como ele estava vestido que gritava “estrangeiro”? Ou seria apenas o fato de ser uma cara nova, que automaticamente implicava que ele devia estar ali para o voo de turismo espacial da *Galactic Enterprises*?

Stephen vagou pelo vasto parque. Certamente era grande o suficiente para o que sua empresa planejava fazer com ele. Os brinquedos do parquinho poderiam ser movidos, assim como o mirante, então sem problemas. Teria que esperar até segunda-feira para falar com os donos das pequenas lojas que bloqueavam o parque na rua principal, mas era melhor assim. De qualquer maneira, queria passar alguns dias pesquisando a área. Aliás, já havia conversado diversas vezes com o prefeito e ele parecia concordar com os planos.

Era raro Stephen trabalhar diretamente com funcionários do governo, mas parecia que tudo o que acontecia na pequena cidade de Amor passava primeiro pelo gabinete do prefeito. Normalmente isso era algo que o preocuparia, mas este prefeito era mais do que complacente. O sujeito havia até mesmo garantido que seu assistente o ajudaria com tudo o que ele precisasse. O político parecia pensar que Stephen encontraria alguma resistência inicial - nada que ele já não esperasse - e se ofereceu para que seu assistente ajudasse nas apresentações como uma forma de mitigar o risco de outras pessoas tornarem as coisas... difíceis... para o empreendedor imobiliário.

Terminou sua volta pelo parque. É, seria perfeito. À sua esquerda, notou um telescópio disponível e caminhou em direção a ele. Poderia muito bem aproveitar a vista enquanto estivesse aqui. Assim que chegou lá e se abaixou para dar uma olhada, alguém esbarrou nele. Ele se endireitou e se viu quase em cima de uma mulher, que deu um passo para trás surpresa.

— Você atravessou bem na minha frente — disse ela, colocando a mão no quadril.

— Desculpa. Não vi você — disse Stephen. Olhou mais de perto e

percebeu que era a moça da fogueira. A que havia atirado o marshmallow nele.

Seus olhos registraram reconhecimento ao mesmo tempo e se iluminaram. — É você de novo.

— Sim, sou eu — disse ele, sorrindo. — Conseguiu remover com sucesso todos os marshmallows da sua blusa? — Notou que ela já havia colocado uma jaqueta.

— Era apenas um marshmallow, mas não foi graças a você que consegui — disse ela. — Agora, se me der licença, eu gostaria de observar um pouco as estrelas. Este é o primeiro telescópio que vi disponível a noite toda. Todos os outros têm filas.

— Este também — disse Stephen, parando na frente do telescópio. — Mas se você puder dar alguns passos para trás, terminarei em um instante. — Não sabia o que havia naquela mulher que o irritava. Não podia ser a beleza dela, embora ela fosse muito bonita. Contudo, conhecera muitas mulheres bonitas e nenhuma delas o havia afetado assim. Seus longos cabelos escuros caíam em cascata sobre os ombros, e quando ela cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha, ele percebeu o que era.

Eram os olhos dela. Eles o desafiavam, esperando para ver o que ele faria a seguir. E Stephen sentiu a necessidade de fazer o inesperado quando estava sob o olhar dela.

Inclinou-se novamente e olhou pela ocular, mas tudo o que viu foi preto. Ele não queria admitir para ela, porém, que não conseguia ver nada, então fingiu que podia.

— Uau, é realmente incrível, não é? — perguntou. — Eles certamente não fazem estrelas como essas no lugar de onde eu venho.

Ouviu um longo suspiro da mulher. — E onde exatamente é isso? Em algum lugar onde eles não ensinam boas maneiras, obviamente — disse ela.

Stephen afastou-se do telescópio. — Você pode culpar minha mãe por isso. Ela morreu quando eu tinha cinco anos e meu pai não teve tempo de me ensinar coisas mundanas como boas maneiras.

Suas palavras a deixaram em silêncio, e parecia que ela estava tendo dificuldade para decidir se Stephen estava brincando ou não.

Certamente não era motivo de riso, e ele não sabia por que havia dito isso. Cada palavra era verdade, mas não era do feitio dele expor isso abertamente daquele jeito.

— Sua vez — disse, apontando para o telescópio.

A mulher o olhou por mais um momento antes de se aproximar do telescópio, mas, depois de um segundo, ela se endireitou novamente, os lábios se contraindo como se estivesse tentando não sorrir. — Você não tem estrelas como essas em sua cidade, hein?

— Não — disse ele, mudando de posição sob o olhar firme dela.

— Eu não duvido. Especialmente porque a tampa de segurança ainda está colocada. — Seu sorriso apareceu e iluminou seu rosto. Era o sorriso mais

lindo que Stephen já tinha visto. — A última pessoa a usar o telescópio sempre o coloca de volta se não houver fila esperando para usá-lo.

Ele ficou grato pela escuridão ao sentir suas bochechas esquentarem de vergonha. — Sim, isso explicaria.

— Por que você não vem cá e olha de novo? — ela disse, apontando para o telescópio e saindo do caminho.

Stephen permaneceu enraizado no local. — Tem certeza? — Ela parecera bastante descontente quando ele a havia interrompido em sua tentativa anterior de chegar ao telescópio. Talvez fosse um teste para ver o que ele faria. Por precaução, disse: — Eu não poderia. Quero dizer, damas primeiro e tudo o mais.

— Ah, então agora você quer ter boas maneiras? — ela perguntou com uma risada. — Sério, eu insisto. Já estive em muitas festas dessas nas quais podemos observar as estrelas e esta é obviamente a sua primeira. Vá em frente. Diga-me o que vê.

Ele deu um passo hesitante à frente. — Ok. — Quando olhou pela ocular, não viu as estrelas que esperava. Em vez disso, viu um grande planeta. — Júpiter — disse, impressionado. — É verdade? — Claro que era, mas era uma sensação estranha pensar que estava olhando para um planeta real.

— Cada telescópio aponta para algo diferente — disse a mulher. — Você precisa dar uma volta, porque tem coisas bem legais por aí. É claro que será capaz de ver um pouco disso quando for à base espacial em alguns dias.

Essa história de novo. Todos pensavam que ele estava lá para o voo de turismo espacial. — Obrigado pelo conselho — disse, curvando-se para dar uma última olhada em Júpiter. Depois que teve o suficiente do planeta gigante, perguntou: — A propósito, qual é o seu nome? — Parecia apropriado que, depois dos encontros deles durante a noite, ele devesse, pelo menos, ser capaz de colocar um nome no rosto dela.

Mas quando se endireitou e se virou, ela havia sumido. Em vez disso, outra mulher estava ali, esperando sua vez de usar o telescópio.

— Meu nome é Bev, mas só para você saber, sou casada.

Demorou um pouco para Stephen se recuperar e então murmurar:

— Sim, claro. Desculpe. — Saiu correndo antes que Bev pudesse dizer mais alguma coisa.

Ele examinou o parque em busca de algum sinal da moça misteriosa que continuava aparecendo do nada, mas estava muito escuro e cheio para ver alguma coisa. Considerou ficar por ali um pouco mais e ver que outros planetas e constelações interessantes seria capaz de ver através dos telescópios, mas pessoas aleatórias continuavam parando e conversando com ele sobre o quão animado ele deveria estar com seu voo para o espaço.

Em vez de continuar corrigindo-os, Stephen começou a responder: “Sim, estou mesmo. Se você me der licença, acho que vi alguém que conheço”, e então saía correndo. Seu desejo de ver os milagres do universo desapareceu rapidamente e ele partiu a pé em direção ao pequeno caminho que o levaria à

rua principal e, depois, ao seu hotel.

Estava quase lá quando, mais uma vez, alguém o interrompeu para conversar. Todos os futuros astronautas do programa de turismo espacial tinham que aguentar isso?

— Partindo tão cedo?

— Sim, estou. Se me der licença, acho que vi alguém que... — Stephen parou quando olhou para cima. Era ela.

Ela estava parada perto de uma árvore com a amiga da fogueira. — Você estava dizendo?

A amiga da mulher observava-o com interesse, como se o estivesse avaliando, e Stephen sentiu que não podia brincar da mesma maneira que havia feito quando ele e a moça estavam sozinhos perto dos telescópios.

— Está ficando cheio demais para mim — finalmente disse.

A amiga falou:

— Você poderia se juntar a nós em um chocolate quente para se aquecer. Estamos de saída também.

Stephen devia ter passado em algum tipo de teste, pois a amiga o olhava sem o traço de ceticismo que tinha antes. Mas antes que pudesse responder, e ele honestamente não tinha certeza do que teria dito, a jovem deu uma cotovelada na amiga. — Eu não acho que ele queira fazer isso. Ele tem um voo importante se aproximando e provavelmente quer descansar antes que o submetam à câmara de tortura.

— Não pode ser tão ruim assim — disse ele.

— Nossa outra amiga participou e ficou ligando para Ruby como se pensasse que fosse morrer ou algo assim — disse a mulher.

— Ruby?

— Eu mesma — disse a amiga, agitando os dedos. — E você é...

Stephen olhou diretamente para a outra mulher. Aquela para a qual ele ainda não tinha um nome, mas gostaria de ter. — Estou precisando descansar, como você mesma disse. Mas talvez eu te veja por aí. Estava pensando em tomar café da manhã no restaurante amanhã.

Ele não tinha certeza do porquê disse essa última parte. Não queria a distração de uma mulher em sua vida. Isso já tinha acontecido e não tinha dado muito certo e, agora, estava prestes a ser promovido. Este era um projeto no qual seu chefe estava muito interessado, e Stephen precisava ter certeza de que tudo correria bem, sem qualquer percalço.

— É uma ótima escolha — disse ela. — A comida de lá é deliciosa.

— É minha única opção. Pesquisei e não tem muita variedade por aqui.

A mulher riu e encolheu os ombros. — Verdade. Mas isso não significa que seja uma escolha ruim. Está sob nova administração há cerca de um ano e você não encontrará comida melhor, nem mesmo de onde é.

— Mal posso esperar — disse Stephen enquanto ela e Ruby se viravam para sair. — Caso eu te veja novamente, como devo te chamar?

— Do que você quiser — disse ela, parando uma vez para olhar para trás e

dar-lhe um pequeno aceno.

Stephen olhou para as duas enquanto elas se afastavam. Assim que não conseguiu mais vê-las, o feitiço que a mulher exercia sobre si se quebrou e ele se viu torcendo para que ela não aparecesse no restaurante. Devia ter soado tão patético daquele jeito, praticamente implorando pelo nome dela e contando a ela onde estaria. Se ele estivesse em sua cidade, na Flórida, não teria importância, porque saberia que nunca mais a veria. Essa era a beleza de uma cidade grande. Bem, talvez ‘grande’ fosse um pouco generoso. Mas grande o suficiente.

As coisas eram diferentes nesta pequena cidade e quanto mais cedo ele concluísse o projeto, melhor. Duvidava que fosse demorar muito até que os nativos ficassem inquietos e percebessem o motivo da sua presença.

Capítulo 3



Zoe ajustou o telefone para poder equilibrá-lo entre o ombro e a orelha enquanto se abaixava e olhava embaixo da cama. Por que as manhãs de segunda-feira sempre começavam com um sapato sumido?

— Ainda acho que você deveria ter ido tomar café da manhã no restaurante ontem — Ruby disse através do telefone.

— Está sempre muito lotado aos domingos — disse Zoe, levantando-se. Sam, que era, ao mesmo tempo, prefeito e chefe dela, havia telefonado na noite anterior e dito que ela teria uma reunião importante naquela manhã, mas não explicou com quem seria ou do que se tratava. Muito enigmático para o gosto dela. Sam geralmente era muito acessível, o que significava que, fosse o que fosse que a manhã reservasse, ela não iria gostar. Isso também significava que ela precisava usar suas botas favoritas para aguentar o tranco.

— Isso nunca impediu você de ir ao restaurante antes.

— É errado querer um domingo relaxante de vez em quando? — Zoe perguntou. Havia encontrado uma das botas no armário ao qual ela pertencia, então a outra não poderia estar muito longe, certo?

— Não — disse Ruby —, mas tenho quase certeza de que teve mais a ver com evitar aquele cara da festa das estrelas do que querer usar pijama o dia todo.

Zoe deu outra procurada em seu armário, mas estava sem sorte. Olhou para o telefone. — Droga — murmurou. Tinha dez minutos para encontrar sua bota, tomar café da manhã e sair pela porta.

— *Perdeu alguma coisa de novo?* — Ruby perguntou, com um sorriso em sua voz.

— Como sempre — disse Zoe. — Você, por acaso, não sabe onde está um par do meu sapato favorito, sabe?

— Por sapato favorito, você está se referindo à sua pantufa de arco-íris?

Zoe olhou para baixo. Supôs que elas poderiam tecnicamente ser chamadas de pantufas, já que eram macias e listradas como um arco-íris, mas também chegavam até a metade dos joelhos, então preferia pensar nelas como botas realmente incríveis e confortáveis.

— Talvez.

Ruby riu. — Sam deve ter pedido para você fazer algo realmente importante hoje.

— Sim, mas ele não me disse o que é — disse Zoe.

— Procure embaixo das almofadas do sofá.

— Como ela chegaria até lá? — No entanto, estava ficando desesperada e valia a pena dar uma olhada.

— Sei por que você não quis se encontrar com aquele cara — disse Ruby. Argh. É claro que ela iria trazer a conversa de volta para ele. — Você passa o

tempo todo bancando a casamenteira com todo mundo, mas nunca deixa ninguém fazer isso por você. Você tem medo.

Zoe bufou e levantou uma almofada do sofá. — De quê?

— Não sei. Talvez você tenha medo de se comprometer com uma pessoa. Apesar de que você não sai com ninguém, então talvez só tenha medo de homens em geral.

— Do que você está falando? Fico perto de homens o tempo todo.

— Sim, casados. Você arranja todo cara solteiro que encontra com uma de suas amigas. É quase como se não quisesse que eles se apaixonassem por você, então se certifica de que eles se casem com outra pessoa.

— Bem, isso é ridículo.

— Não é um absurdo tão grande assim — disse Ruby.

— Eu não estava me referindo à sua teoria. Mesmo que ela seja ridícula. Estava falando da minha bota. — Puxou a que estava sumida, que se encontrava esmagada sob a almofada do sofá. — Como você sabia onde estaria?

— Como você é minha melhor amiga há mais de uma década, eu te conheço melhor do que você mesma. E é por isso que estou certa sobre sua vida amorosa, ou a falta dela.

— Vou apresentar um bom contra-argumento mais tarde, mas, até lá, tenho que me apressar ou chegarei atrasada à reunião com Sam.

— Apenas diga ao bom e velho prefeito Sam que a irmã dele atrasou você. Ele não consegue ficar bravo comigo.

— Obrigada, mas ele também não consegue ficar bravo comigo. Venho tentando há anos.

Ruby riu, despediu-se rapidamente e desligou.

Zoe se olhou no espelho e alisou o vestido preto. Tinha mangas três quartos e caía até o meio da coxa. Não precisava usar um colar; suas botas arco-íris tinham toda a cor de que ela precisava. Pegou um café da manhã nutritivo, composto por uma banana e um donut do dia anterior, e saiu correndo porta afora. Estava curiosa sobre o que Sam havia planejado para aquela manhã e, se aquilo fosse realmente tão importante quanto ele havia sugerido, ela não queria chegar atrasada.



Zoe entrou na prefeitura. Sua bolsa balançava no ombro enquanto ela subia as escadas até o segundo andar, onde ficava o escritório de Sam. Quando chegou à porta dele, olhou para o telefone. Apenas dois minutos atrasada. Nada mal.

— Toc-toc — disse, entrando. — Olha quem está... — Sua voz caiu quando viu Sam em sua mesa e um homem sentado em uma cadeira, de costas para ela. Parecia que eles tinham começado sem ela. — Ah, desculpe. Só queria avisar que estou aqui.

— Não precisa se desculpar. Você chegou na hora certa — disse Sam. — Entre. — Olhou para as botas dela e deu-lhe um sorriso exasperado. Ele se

levantou e o visitante também. — Stephen, quero que você conheça minha assistente, Zoe Flores. Posso assegurar que ela lhe dará uma representação muito melhor do nosso escritório do que a que você experimentou até agora.

O homem virou-se para Zoe e assentiu educadamente. Havia algo familiar nele, mas ela não conseguia identificar o que era.

Ele a estudou também, como se pudesse ter tido o mesmo pensamento.

Sam olhou para Zoe e disse:

— Bob encurralou Stephen no corredor porque não agendei uma reunião oficial para ele. Bob até chamou a segurança. Aparentemente, Stephen aqui é o próximo Unabomber, pelo menos é o que o Bob pensa. Não tenho certeza se conseguimos convencê-lo do contrário.

Ela fez uma careta e ficou feliz por não ter estado lá para isso. Bob levava seu trabalho a sério. Muito a sério.

— Zoe garantirá que você consiga se encontrar com todas as pessoas certas e tenha tudo o que precisa nas próximas semanas — Sam continuou voltando sua atenção para o outro homem.

— Espero que não demore tanto assim — disse Stephen.

Ela ergueu uma sobrancelha para Sam, perguntando-se o que estava acontecendo, mas rapidamente transformou isso em um sorriso quando Stephen olhou em sua direção e disse:

— Ficarei feliz em ajudar no que puder.

Foi nesse momento que tudo mudou.

Os olhos de Stephen brilharam em reconhecimento, como se ele finalmente tivesse descoberto de onde a conhecia.

Zoe observou sua boa aparência, cabelos escuros e maçãs do rosto salientes.

Mas então ele devolveu o sorriso dela.

Zoe havia sonhado com aquelas covinhas. Contudo, também estava tentando esquecê-las.

— Stephen, não é? — perguntou, tentando acalmar seu coração acelerado.

— Sim. Stephen McAllister.

— Presumo que você não esteja aqui para o voo de turismo espacial.

Ele balançou a cabeça negativamente com uma risada. — Fiquei dizendo a todos que não estava, mas ninguém pareceu querer ouvir. — Olhou para os sapatos de Zoe. — Gostei das suas botas.

O sorriso dela se alargou. — Obrigada. — Virou-se para Sam. — Viu? Até ele sabe que são botas. — Sua voz caiu para um sussurro conspiratório. — Todo mundo as chama de pantufas.

— Pantufas não vão até tão alto assim — disse Stephen.

— Exatamente.

As covinhas dele estavam aparecendo mais do que nunca, e Zoe não conseguia desviar os olhos delas.

— E você é a Zoe, assistente do prefeito Freedman?

Ela assentiu lentamente. — Sim. E em que exatamente estou ajudando-o,

Sam? Quero dizer, prefeito Freedman — disse rapidamente quando Sam lhe lançou um olhar penetrante.

Este respirou fundo, como se estivesse temendo essa parte. — Você vai apresentá-lo aos lojistas, ao departamento de licenciamento comercial, ao departamento de impostos e receitas, construtores, empreiteiros, tudo o que ele precisar.

Zoe permaneceu em silêncio, absorvendo tudo. — Só há um motivo para ele precisar falar com todas essas pessoas — disse, em voz baixa. Seu olhar se voltou para Sam. — Por favor, me diga que isso não é o que estou pensando.

Ele soltou um suspiro. — Chegou a hora.

A visão de Zoe ficou turva e seus batimentos cardíacos irregulares não tinham mais nada a ver com a atração que sentia por Stephen. Em vez disso, era por causa do medo que a tomou, fazendo tudo na sala girar de cabeça para baixo.

— Não — disse, balançando rapidamente a cabeça em negação.

Zoe saiu do escritório. Mais do que alguns olhares curiosos a seguiram enquanto cambaleava pelo corredor até seu próprio escritório. Ela trancou a porta e encostou-se nela, respirando com dificuldade.

Uma batida soou, mas ela ignorou. A maçaneta chacoalhou.

— Zoe, deixe-me explicar — Sam disse através da porta.

Ela destrancou a porta e a abriu. Ele recuou, obviamente surpreso.

— Você quer dizer explicar por que está nos traindo? — perguntou. — Não sei se estou pronta para qualquer desculpa que queira inventar.

Sam lançou um olhar ansioso para o corredor, entrou no escritório de Zoe e fechou a porta. — Com o afluxo de pessoas importantes que passam pela cidade para os voos espaciais, a mudança é necessária — disse, calmamente. Estendeu as mãos em um gesto apaziguador.

— Não, não é. Se os turistas não gostam de como as coisas estão, não precisam vir — disse Zoe. — Você recusou todas as outras incorporadoras imobiliárias, então por que não recusou essa?

— Esta é... diferente. Sei que isso pode parecer ingênuo para você, mas tenho um bom pressentimento sobre ele. Ele quer fazer o mínimo de mudança para obter o máximo benefício.

— Exatamente quão bem você o conhece? — Tudo estava começando a fazer sentido para ela. — Há quanto tempo você está se encontrando com ele?

— Alguns meses — admitiu Sam. — Na maioria das vezes, por telefone, mas algumas vezes pessoalmente.

— Aquela vez que você saiu da cidade no mês passado?

— Sim, foi para me encontrar com Stephen.

Zoe tropeçou até sua cadeira e se afundou nela. — Você tem se encontrado com um incorporador imobiliário pelas minhas costas? — A traição que ela sentiu doeu em seu peito. — A reeleição está chegando e você sabe que todo mundo vai te chutar para fora assim que souberem, né?

Tudo ficou quieto por um momento, e quando ela olhou para cima, Sam

estava olhando para seus pés.

— Não vou concorrer de novo.

Zoe não sabia se conseguiria lidar com mais surpresas durante uma manhã. Trabalhara como assistente de Sam durante anos. O que ela faria se ele não fosse prefeito? — Por que não?

— Katie e eu decidimos que queremos criar Liv em um ambiente diferente - no qual o olhar do público não esteja voltado para mim e nossa família. Além disso, achamos que podemos querer ter mais alguns filhos e quero passar mais tempo com eles. Então, voltarei para a fazenda assim que meu mandato terminar.

Zoe se sentiu entorpecida. Esta cidade era sua vida. Este trabalho e as pessoas nele eram as constantes que a ajudavam a enfrentar cada dia. Mas tudo estava mudando, e rápido demais.

— Não posso fazer isso — sussurrou. — Não posso fazer parte de nenhum acordo comercial que você tenha feito com aquele homem.

— Você é a única em quem confio para garantir que ele consiga o que precisa — disse Sam. — Amor precisa disso. As pessoas estão se mudando daqui. Empresas têm sido fechadas. Quer você goste ou não, Amor precisa mudar se quiser sobreviver. E atender aos turistas espaciais é como vamos fazer isso.

Zoe olhou para as próprias mãos e balançou a cabeça. — Nos tornando uma cidade turística? É sério? Somos melhores que isso.

— Você prefere ser uma cidade turística ou uma cidade fantasma?

Ela bufou. — Não pode ser tão ruim. — Quando olhou para cima e viu a expressão no rosto de Sam, percebeu que ele estava falando sério. — Pode?

Este assentiu.

Zoe levantou-se da cadeira e soltou um longo suspiro. — Tudo bem, Sam. Você ganhou. Eu vou fazer isso. Mas não será fácil impedir que as pessoas descubram. Principalmente porque elas sabem que trabalho para você.

— Eu sei — disse Sam. — Apenas tente manter isso em segredo o máximo que puder. — Fez uma pausa. — E você deveria se desculpar com Stephen.

— Mas eu não...

Sam ergueu a mão. — Peça desculpas.

— Ok — murmurou. Não via por que precisava, mas faria por Sam.

Zoe o seguiu de volta ao escritório, onde Stephen estava sentado fazendo algo no telefone. Assim que entraram na sala, ele enfiou o aparelho no bolso e ficou de pé. Sua testa estava franzida em ansiedade e olhou de Sam para Zoe e de volta para o prefeito.

Sam olhou para Zoe e ergueu as sobrancelhas.

— Eu... sinto muito por ter reagido assim — murmurou.

— Agora diga isso de um jeito que ele possa realmente ouvir você — disse Sam com um meio sorriso.

— Não tenho dois a... — começou a protestar, mas Sam deu-lhe um olhar que a interrompeu no meio da frase. Ela respirou fundo e tentou novamente.

— Sinto muito por ter saído furiosa daqui — disse, mais alto. — Essa coisa toda me pegou de surpresa, mas vou te ajudar no que precisar.

Sam assentiu e virou-se para Stephen. — Quando você gostaria de começar?

Stephen estudou Zoe por um momento e o olhar dela caiu para o chão. — Que tal agora? — disse.

Os olhos dela se ergueram novamente. — Agora? Não olhei nenhum dos planos e...

— Agora seria ótimo — Sam interrompeu. — Ela vai ter bastante tempo para colocar a leitura em dia mais tarde.

Stephen hesitou. — Está tudo bem por você? — perguntou a Zoe.

Ela ficou surpresa com a pergunta, mas os olhos dele eram honestos, como se realmente quisesse saber. Assentiu. — Claro. Podemos conversar sobre os planos enquanto caminhamos para onde você precisa visitar primeiro.

Quando ela saiu do escritório para seguir Stephen, Sam a puxou de volta.

— Se comporte. Por favor.

— Eu sempre...

Sam ergueu um dedo. — Se comporte.

Zoe deu uma pequena risada. — Farei o meu melhor, mas não prometo nada.

— Precisamos disso, e ele é a melhor opção que temos — disse Sam, sua voz seguindo-a enquanto ela saía do escritório e acelerava o passo para alcançar Stephen.

Mas, à medida que Zoe o seguia pela rua, a realidade do motivo pelo qual ele estava ali se estabeleceu. E ela sabia que não poderia permitir que ele fizesse isso. Não podia permitir que Stephen comprasse lojas locais e tirasse as pessoas do mercado, apenas para substituí-las por restaurantes chiques e lojas de roupas sofisticadas - o tipo de lugar onde os moradores de Amor nunca pisariam.

Cabia a Zoe impedi-lo.

Capítulo 4



Stephen diminuiu a velocidade quando chegou à calçada e olhou por cima do ombro para trás, para onde Zoe estava. Suas botas de arco-íris chamativas pareciam realçá-la de uma maneira que o intrigava. De algum modo, elas combinavam com sua personalidade e a faziam se iluminar de uma forma que a tornava mais bonita do que algumas noites antes na festa das estrelas. Claro, ela também poderia estar brilhando com a fúria que sentia por ele.

— Estava esperando que você pudesse me apresentar a algumas pessoas esta manhã — disse, recuando alguns passos até onde ela se movia a passo de lesma.

— Você quer dizer as pessoas que deseja comprar? — ela perguntou, com acusação em sua voz.

— Sim, mas não da forma tão sinistra quanto você está fazendo parecer. Ninguém os forçará a vender, e estou disposto a pagar-lhes mais do que a propriedade vale para tentar compensar o inconveniente. Além disso, o prefeito Freedman e eu encontramos um local que exigiria o fechamento de um número mínimo de lojas. Acredite ou não, tenho em mente os melhores interesses da cidade.

Zoe bufou.

Ele soltou um suspiro e caminhou mais meio quarteirão antes de perceber que ela não estava mais atrás dele. Em vez disso, havia parado de andar e estava olhando-o do meio da calçada.

Ela parecia estar à altura da tarefa de ajudá-los a avançar com o projeto, mas sem a presença do prefeito Freedman para intervir, não parecia que seria tão cooperativa quanto Stephen esperava. Isso não o surpreendeu, é claro. Era normal em cidades pequenas como esta. Mas ainda assim... teria sido bom.

Ele se virou e cruzou os braços. — Você vem? — chamou.

— Não.

Eles se encararam por um momento.

Stephen olhou para trás na direção em que queria ir, sem saber o que fazer. — Por que não?

Zoe não respondeu e, em vez disso, sentou-se em um banco que ladeava a rua. Cruzou uma perna com as pantufas de arco-íris sobre a outra e olhou em volta como se tivesse todo o tempo do mundo.

Se ela pensava que ele iria até lá e imploraria que o ajudasse, estava redondamente enganada. O prefeito Freedman achava que ter sua assistente auxiliando Stephen abriria portas e ajudaria a ter relações mais amigáveis com os outros membros da comunidade, mas agora ele estava se perguntando se conseguiria realizar mais feitos sem Zoe.

Ter a ajuda dela seria uma conveniência, com certeza. E tinha que admitir para si mesmo que gostava de estar perto dela. Pelo menos, a versão dela com

quem havia passado algumas noites atrás. Ela mantinha as coisas interessantes. Mas se ela não estivesse disposta a ajudar, poderia fazer as coisas sozinho.

Então, encolheu os ombros para mostrar-lhe que não se importava e começou a caminhar em direção ao parque. Havia cinco lojas que bloqueavam o parque da estrada principal. Se conseguissem demoli-las, ele teria tudo o que precisavam. Inclusive a promoção que certamente receberia quando o projeto fosse concluído.

— Ei, espere — Zoe gritou atrás dele.

Ele não parou.

Ela correu na frente dele, bloqueando seu caminho. — Aonde você está indo?

— Fazer meu trabalho — disse Stephen, como se fosse óbvio.

— Mas Sam, o prefeito Freedman, disse que eu precisava mostrar o lugar para você.

— Sim, mas você não está mostrando. E se for dificultar as coisas, prefiro fazer sozinho.

Zoe franziu a testa e parecia frustrada, como se estivesse tentando descobrir a solução para um problema que não tinha resposta.

— Isso significa muito para Sam — ela finalmente disse. — E eu não sei por quê. Ele é o melhor prefeito que nossa cidade já teve e sempre fez o que é certo. Então, por que está levando isso adiante, sabendo que todos irão odiá-lo por isso?

— Porque a mudança é inevitável e ele quer que seja feita nos seus termos. Ele não sabe quem irá substituí-lo e não quer correr o risco de que isso seja feito da maneira errada. É por isso que me escolheu.

Zoe cruzou os braços. — Bastante seguro de si, não é mesmo?

— De certa forma, sim — disse Stephen. — Conheço os caras que já tentaram aqui e eles não se importam com a cidade ou em garantir que farão o que é certo para você e para a empresa deles. Sam se recusou a trabalhar com eles, o que me diz que ele é um bom juiz de caráter.

Os braços de Zoe caíram e ela pareceu baixar um pouco a guarda. — Sim, ele é.

Stephen passou a mão pelo cabelo, sem saber o que fazer a seguir. — Olha, podemos só conversar com algumas pessoas? Se eu os deixar, ou a você, desconfortável, irei embora.

— Tipo, embora da cidade? — Zoe perguntou, levantando uma sobrancelha cética.

Stephen riu. — Bem que você queria. Não, vou sair da loja deles ou da situação, ou o que for e encontrar uma nova solução. Mas você tem que acreditar em mim, Zoe: isso é importante. E precisa ser feito logo. Os abutres estão rondando sua cidade e vocês não querem estar no cardápio deles de jeito nenhum.

— Parece que já estamos — ela murmurou.

— Por favor, me ajude.

Zoe esfregou as têmporas, como se sentisse uma dor de cabeça chegando.

— Tudo bem. Vou apresentá-lo a uma pessoa - uma loja. Isso é tudo que prometo.

Stephen esperava falar com os proprietários das cinco lojas naquele dia e, idealmente, teria os contratos assinados até o final da semana. Mas teria que levar esse projeto um passo de cada vez.

— Tudo bem. Mas eu posso escolher qual deles?

— Justo, já que ainda não sei nada sobre os planos do projeto e não sei quais lojas você tem em mente.

E Stephen queria adiar isso o máximo possível. Se ela soubesse que o prefeito Freedman havia concordado em vender uma grande parte do parque para sua empresa, duvidava que as coisas terminassem bem. Havia tido apenas um vislumbre de seu fervor e não queria estar do lado receptivo mais do que já havia estado.

— Vamos conversar no caminho — disse, e começaram a descer a rua.

Quando Stephen chegou, presumiu que iria dirigir para todo o lado em seu carro alugado, mas a cidade era tão pequena que ele logo descobriu que era mais inconveniente entrar no carro e dirigir por dois minutos do que apenas caminhar.

— Como você entrou neste ramo de negócios? — Zoe perguntou depois de um momento. — Parece algo completamente deprimente.

— O que há de deprimente na melhoria e na inovação? — ele perguntou.

Ela franziu a testa e chutou uma pequena pedra na calçada. — É isso que você diz a si mesmo para poder dormir à noite?

— Minha consciência está limpa — disse Stephen, e era verdade. — Eu pago aos lojistas de forma justa; caso contrário, eles não venderiam. Geralmente é suficiente para que possam reabrir sua loja em um local melhor. — Olhou para o outro lado da rua, para a entrada do parque. — Que tal começarmos ali na loja de bicicletas?

Zoe balançou a cabeça negativamente. — Não é uma boa escolha.

Stephen soltou um suspiro e apontou para a loja ao lado. — Ok, e a confeitaria?

— Você quer fechar a única confeitaria da cidade? — ela disse exasperada.

Ele gemeu. — Cada loja aqui é a única da cidade.

— Você quer levar embora o que torna nossa cidade especial.

— Não ficaria fechado para sempre, a menos que eles decidam não abrir em um novo local — disse. — Vou dar-lhes os meios, mas o resto depende deles. — Quando Zoe ainda estava lá, olhando-o como se ele fosse a pior pessoa do planeta, Stephen ergueu as mãos. — Quer saber? Esqueça. Volte para o escritório e diga ao prefeito Freedman o que quiser, para não te causar problemas.

Zoe olhou para ele com desconfiança. — E o que você vai fazer aqui sozinho?

— Faz diferença?

— Não quero que importune meus amigos para que vendam suas lojas e temo que, quando eu virar as costas, isso seja exatamente o que irá fazer.

Stephen tentou reprimir sua frustração. Não queria que Zoe visse o quanto estava atingindo-o, mas ela estava transformando uma simples caminhada pela cidade em um pesadelo estressante.

— Você não confia em mim. Tudo bem — retrucou. Tentou novamente com uma voz mais calma. — O que posso fazer para provar a você que não tenho intenções nefastas? Como posso mostrar que não sou o bandido nessa situação?

Zoe pensou por um momento, com o dedo no queixo, enquanto estudava Stephen. Finalmente, sorriu. E ele não confiou naquele sorriso nem por um segundo.

— Ok. Começaremos pela confeitaria. Mas você não vai conversar com a proprietária sobre a compra de sua loja em sua primeira visita.

— Não vou?

— Não — disse Zoe. — Em vez disso, você terá uma conversa educada e dirá ‘sim’ a tudo que ela lhe perguntar. Por dez minutos. Se você fizer isso, podemos voltar amanhã e conversar sobre negócios.

Isso não parecia tão ruim.

— Ok, combinado — disse Stephen.

Ele começou a se questionar, no entanto, quando Zoe pareceu muito animada com o acordo e atravessou a rua saltitante, o vestido abraçando suavemente suas curvas enquanto caminhava. Stephen forçou seu foco a se desviar do vestido e voltar para a mudança de comportamento dela. Não poderia ser um bom sinal.

Seguiu-a até a confeitaria. Não havia ninguém atrás do balcão, mas se alguma vez ele precisasse de um bolo de casamento, já sabia aonde ir. Havia uma exposição inteira dedicada apenas às miniaturas que ficam em cima do bolo.

— Rebecca? — Zoe chamou.

Uma mulher de meia-idade saiu, com o cabelo no topo da cabeça preso em um coque e os braços cobertos de farinha. Ela os limpou no avental que tinha um bolo de casamento gigante decorado. — Zoe, estou tão feliz em ver você. Já faz um tempo desde que estive aqui. A última vez provavelmente foi quando Ruby se casou, não foi?

— Sim, acho que sim — disse Zoe. — Para o chá de panela dela.

O olhar de Rebecca mudou para Stephen, e parecia que ela tinha acabado de notá-lo porque sua boca se abriu ligeiramente e então se inclinou em um sorriso animado. O tipo que as tias bem-intencionadas dele faziam quando estavam entusiasmadas com a ideia de se intrometer nos assuntos de outra pessoa.

— Quem é seu amigo? — ela perguntou. — Ou ele é mais que um amigo? Zoe riu. — Não, apenas um amigo.

O sorriso de Rebecca diminuiu, como se a notícia a tivesse decepcionado.

— Um amigo solteiro — acrescentou Zoe.

Espere, por que ela acrescentaria que ele era solteiro? Ela nem sabia o status de relacionamento dele. Mas quando o sorriso de Rebecca voltou, Stephen teve uma boa ideia do motivo pelo qual Zoe havia dito isso. E isso fez com que ele sentisse seu estômago despencar três andares.

Capítulo 5



Zoe sorriu diante do óbvio desconforto de Stephen.

— Solteiro, então? — perguntou Rebecca.

Este hesitou. — Sim — finalmente disse com uma careta. — Mas estou apenas de passagem pela cidade.

Uma pontinha de culpa penetrou no peito de Zoe. Esperava que ele não fosse casado e tivesse três filhos ou algo parecido. Não achava que ele fosse, pela maneira como havia interagido com ela na festa das estrelas. Stephen havia flertado com ela, certo? Agora estava se questionando. Talvez ele não tivesse. Ela não tinha muita experiência nessa área.

— Uhum — Rebecca disse, seu sorriso se alargando. — Como você não ficará na cidade por muito tempo, teremos que ser rápidos. Você está livre hoje à noite?

Os olhos de Stephen se arregalaram de horror e ele olhou para Zoe em busca de ajuda, mas ela não tinha nenhuma para oferecer. Havia apenas uma resposta com a qual poderia responder. Ela havia se certificado disso.

— Sim, parece que estou — murmurou.

Rebecca bateu palmas. — Maravilha! — Pegou um bloco de papel e uma caneta do balcão e rabiscou algo. — Aqui está o endereço. Chegue pontualmente às sete, mas não se preocupe com o horário em que a levará para casa — disse ela com uma piscadela.

Stephen olhou para o papel que Rebecca segurava na mão estendida. — Quem trarei para casa?

— Ah, pensei que Zoe já tivesse lhe contado — disse ela com uma sobrancelha levantada. — É por isso que você está aqui, não é?

Zoe conteve um sorriso enquanto observava Stephen se contorcer.

— Sim. Uma das razões, pelo menos — disse ele.

Rebecca empurrou o papel com o endereço na mão dele. — Qual é o outro motivo?

Stephen abriu a boca para falar, mas Zoe o interrompeu antes que ele tivesse chance. Não havia necessidade de se antecipar.

— Haverá tempo para isso mais tarde. Que tal se passarmos por aqui amanhã, assim você pode descobrir como foi o encontro?

O sorriso de Rebecca voltou. — Que ideia maravilhosa. — A campanha acima da porta tocou, anunciando a chegada de um cliente. Ela voltou sua atenção para a mãe e o filho que tinham acabado de entrar, mas quando Zoe e Stephen saíram, Rebecca gritou: — Vejo você hoje à noite às sete.

Assim que saíram, um longo suspiro saiu de Stephen. — Você armou para mim — disse, com aborrecimento em suas palavras.

— Sim, armei mesmo — disse Zoe. — Mas você concordou com os termos.

— E agora aparentemente tenho um encontro esta noite. Com quem?

— Com a filha de Rebecca.

Ele deu-lhe um olhar de soslaio. — Como você sabia que ela arrumaria um encontro para mim?

Zoe sorriu, mas evitou seu olhar. — Porque Rebecca não quer nada mais do que ver sua filha feliz e, no último ano, qualquer homem solteiro que entra naquela confeitaria sai com um bolo ou um encontro, ou ambos.

— Entendi. — Stephen parou de andar e ela fez o mesmo. — Sinto muito, mas não posso fazer isso — disse. — Achei que sua brincadeirinha na fogueira no sábado à noite fosse porque você gostava de se divertir, e quando vi suas pantufas esta manhã, imaginei que fosse excêntrica. Parece que eu estava errado em ambos os aspectos.

O sorriso de Zoe desapareceu. — Botas.

— O quê?

— Esta manhã você disse que eram botas de arco-íris — disse, mexendo no vestido.

Stephen soltou um longo suspiro e passou os dedos pelos cabelos. — São os dois. Mas esse não é o ponto.

— O que você está tentando dizer então? — Zoe perguntou, cruzando os braços.

— Que você não faz as coisas que faz porque é excêntrica. É porque nunca cresceu. Isso não é um jogo para mim. Ao contrário de você, moro na terra dos adultos e tenho um trabalho a fazer aqui.

Zoe o encarou e se esforçou para não chorar. Ninguém nunca havia falado com ela daquele jeito antes. Era isso que as outras pessoas achavam também? Que ela era infantil? Talvez nunca tivessem dito nada porque eram seus amigos.

— Sinto muito — disse, com a voz baixa. — Você não precisa ir naquele encontro hoje à noite. Vou inventar uma desculpa para você.

Percebeu que ele estava certo. Ela tinha sido pega de surpresa quando descobriu quem Stephen realmente era e havia agido impulsivamente - como sempre.

— Tenho que voltar para o escritório — disse. Virou-se para sair, mas a mão de Stephen em seu braço a deteve. O toque enviou um arrepio indesejado através dela, e ela se afastou. Os sentimentos dele em relação a ela eram óbvios e Zoe correspondia aos seus sentimentos. Ou pelo menos deveria.

Ele balançou sua cabeça negativamente. — Sou eu quem deveria pedir desculpas — disse. — Não deveria ter falado com você daquele jeito.

— Mas é isso que você realmente acha?

Stephen encolheu os ombros. — Sim. Mas você merece mais respeito do que isso.

Zoe se virou. — Vou ligar para Rebecca e dizer que você está com um resfriado ou algo assim.

— Não, eu farei isso — disse. — É o mínimo que posso fazer.

— Tudo bem — falou ela, sem olhar para trás. Isso não tinha chegado nem perto de como imaginou que seria.



Zoe estava sentada à sua mesa, sem trabalhar em nada. Olhou pela janela para a cidade que amava. Desejou não estar se sentindo tão mal quanto estava pelo que havia acontecido naquela manhã. Afinal, estava protegendo o único lugar que parecia um lar para ela. E isso já dizia alguma coisa, considerando que havia morado em outras quinze cidades desde sua adolescência.

— Você voltou mais cedo do que eu esperava — disse Sam.

Ela girou na cadeira. Ele se encostou no batente da porta, com uma sacola de comida na mão.

Ele deve ter notado o olhar dela permanecer na sacola porque disse:

— Se eu soubesse, teria comprado algo para você no restaurante.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso. — Tudo bem. Não estou com fome.

Sam entrou no escritório e sentou-se na cadeira em frente a ela. — Vamos dividir — disse antes de pegar um sanduíche grande. Estendeu metade para Zoe.

Não parecia certo pegar o almoço dele, mas o cheiro estava tão bom que ela aceitou. Sanduíche de salada de frango. Daqueles com uvas. Era um dos seus favoritos, e ele sabia disso.

— Você se comportou? — Sam finalmente perguntou depois que ambos comeram em silêncio por alguns minutos.

Poderia mentir, mas ele perceberia.

— Não.

Ele assentiu, como se já suspeitasse disso. — O que você fez?

— Eu o levei à confeitaria.

Sam olhou para ela. — Essa era uma das lojas que ele precisava visitar.

— Sim, mas posso tê-lo enganado para que aceitasse um encontro com a filha de Rebecca em vez de ajudá-lo. — Zoe fechou os olhos com força para não ver a decepção no rosto de Sam.

Ela o ouviu gemer. — Não acredito. — Mas, pelo tom de sua voz, ele acreditava sim.

Zoe abriu os olhos e viu as rugas de preocupação na testa de Sam. Ele parecia estressado e ela sabia que era a causa disso.

— Desculpe. Eu sei que não foi certo, mas não consigo ajudá-lo — disse. — Amo nossa cidade e tudo o que ele quer fazer é mudá-la.

Sam esfregou os olhos. — Você não acha que eu também amo nossa cidade? Cresci aqui. Tudo o que faço é para ajudar nossa cidade.

— Eu sei, mas...

As palavras de Stephen voltaram para ela. Sam queria fazer isso durante seu mandato. Antes que alguém tivesse a chance de fazer isso da maneira errada.

— Você acha que a mudança é inevitável? — perguntou. — Stephen disse que sim.

Sam esperou um pouco antes de concordar com a cabeça. — Sim. O mundo está mudando e podemos nos adaptar e mudar com ele da maneira que quisermos, ou o mundo virá e mudará para nós. Provavelmente teríamos ficado bem do jeito que estávamos por mais algum tempo se a *Galactic Enterprises* não tivesse montado seu centro de operação tão perto de nós, mas não sinto mais que temos opção.

Ficaram em silêncio por mais um momento. Zoe se ocupou em jogar a embalagem vazia do sanduíche e a sacola de comida na lata de lixo.

— Eu vou ajudá-lo — finalmente disse. — Sem mais truques. Prometo. Mas estou fazendo isso por você, Sam. Confio em você. E se você disser que isso é o melhor para a cidade, eu ajudarei.

Sam a estudou por um longo momento. — É o melhor.

Zoe hesitou antes de fazer a próxima pergunta, mas não achava que seria capaz de olhar para qualquer um de seus amigos da mesma maneira, sem saber a resposta. — Eu sou uma pessoa imatura?

As sobrancelhas dele ergueram-se de surpresa. — Isso é por causa das suas pantufas?

— Botas — ela o corrigiu.

— Eu gosto delas. E eu sempre sei que você está nervosa quando as usa, então, de certa forma, elas são como um anel indicador de humor.

Zoe deu-lhe um pequeno sorriso, mas não durou muito.

— Essa dúvida repentina teria algo a ver com Stephen? — Sam perguntou, entrelaçando os dedos.

Ela encolheu os ombros. — Ele pode ter dito algumas coisas que me fizeram pensar se todos vocês estavam suportando silenciosamente minhas... peculiaridades.

Sam se levantou. — Não dê ouvidos à opinião de um estranho que você conhece há algumas horas em detrimento das opiniões daqueles que te conhecem melhor.

Lágrimas brotaram dos olhos de Zoe e ela contornou a mesa para dar um abraço em Sam. — Obrigada — disse.

— Só por curiosidade — ele disse depois de se afastar —, por que o que Stephen disse te chateou tanto? Não é do seu feitio prestar atenção ao que os outros pensam, muito menos em um cara que não estará aqui por tempo suficiente para ter muita importância.

Zoe teve que pensar nisso por um momento. — Fiquei com medo de que isso fosse o que vocês pensavam. As pessoas com quem mais me importo.

— Bem, pode ter certeza de que nenhum de nós pensa assim — disse Sam. Fez uma pausa. — Mas se você se importasse com a opinião do Stephen, isso não seria necessariamente algo ruim.

Zoe torceu o nariz. — O que isso quer dizer?

Ele deu o que parecia ser um encolher de ombros indiferente, mas tinha muito mais significado do que isso. — Só estou dizendo que acho que vocês dois podem se dar melhor do que imaginam, se você der uma chance a ele.

Talvez devesse levá-lo para jantar ou algo assim. Vocês não conseguiram fazer muito progresso hoje e essa pode ser uma boa maneira de começar de novo.

Ela observou-o sair do escritório com a nítida sensação de que não queria saber por que Sam estava sorrindo ao sair.

Capítulo 6



Stephen caminhou até uma casa pequena que ficava na periferia da cidade, perto do restaurante. Comparou o endereço no pedaço de papel que tinha na mão com o da casa. Estava no lugar certo. Voltou até a confeitaria para dizer a Rebecca que tinha havido um engano e que não poderia sair com a filha dela. Mas quando olhou no rosto dela e viu a felicidade ali... não conseguiu.

Enfiou o papel no bolso e olhou para a única rosa-vermelha na outra mão. Era exagerado? Esperava que a filha da confeitaria não desse muita importância a isso, mas presumiu que ela não saía muito e poderia gostar do gesto.

Antes que ele tivesse a chance de bater na porta, ela se abriu, revelando Rebecca.

— Nossa, você está lindo — exclamou. — Sandy — gritou por cima do ombro. — Ele está aqui!

Depois de um momento, uma mulher que parecia um pouco mais jovem que Stephen se aproximou de Rebecca. Ela poderia não ter uma aparência chamativa e talvez fosse um pouco tímida, evitando o contato visual, mas Sandy parecia alguém capaz de conseguir muitos encontros sozinha, sem a ajuda da mãe.

— Pensei que poderíamos ir até o restaurante — disse ele, depois se perguntou se isso seria uma decepção para Sandy. Ela provavelmente ia lá o tempo todo, considerando o quão perto era. — Não conheço muitos lugares na cidade — acrescentou, desculpando-se.

— O restaurante é o lugar favorito dela — disse Rebecca, praticamente empurrando a filha porta afora.

Stephen olhou para Sandy, perguntando-se se aquela afirmação era verdadeira. Até agora, ela não havia dito uma palavra.

A moça olhou para a rosa na mão dele e finalmente perguntou:

— Isso é para mim?

— Ah, desculpe. É sim. — Estendeu para ela.

Ela o pegou com um pequeno sorriso e respirou sua fragrância com uma inspiração longa e lenta. — Obrigada.

— Aqui, vou colocar em um vaso para você — disse Rebecca, arrancando a rosa dos dedos da filha. Ela desapareceu lá dentro e fechou a porta antes que alguém pudesse dizer o contrário.

Sandy olhou ansiosamente para trás, para a porta fechada.

— Se sair comigo te deixar desconfortável, não precisamos fazer isso — disse Stephen, perguntando-se se Sandy gostava de ir aos encontros que sua mãe marcava para ela.

— Não, está tudo bem. Minha terapeuta diz que é bom para mim — disse Sandy, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — É por isso que

minha mãe pressiona tanto. Não há muitas pessoas na cidade que ela não tenha pedido para me levar para sair, então ela sempre fica animada quando alguém novo chega à cidade.

Terapeuta. Ok. Deveria perguntar sobre isso?

Sandy deve ter percebido sua indecisão porque riu baixinho. — Não se preocupe. Eu não sou louca nem nada. — Fez uma pausa. — Bem, não mais do que a maioria das pessoas. Só tenho muita ansiedade e acho que minha mãe está preocupada que eu acabe morando com ela para sempre.

Stephen assentiu. — Bem, se você tem certeza, por aqui, então. — Estendeu o braço para permitir que ela passasse na frente dele.

Ela desceu os degraus da varanda e foi em direção à calçada, torcendo as mãos o tempo todo.

Sem saber o que dizer enquanto caminhavam a curta distância até o restaurante, Stephen decidiu que precisava elogiá-la. Percebeu que as mulheres tendiam a se abrir mais se o cara com quem saíam prestasse atenção às pequenas coisas que os outros poderiam ignorar. — Gostei do seu vestido — disse. — Realça os seus olhos.

Sandy olhou para seu vestido azul estampado, como se tivesse esquecido o que estava vestindo. — Obrigada — disse. — Minha mãe escolheu. Eu penso demais nas coisas, então é mais fácil se ela escolher o que visto. Por exemplo, e se eu usasse jeans com camiseta e você pensasse que eu não estava me importando o suficiente com o encontro para me vestir bem? Claro, conhecendo a minha sorte, se eu usasse um vestido, você iria querer fazer uma escalada. E tem também o problema de eu não saber qual é a cor de que você menos gosta.

— A cor de que eu menos gosto?

— Claro — disse Sandy, balançando a cabeça. — E se eu usasse verde, mas você desprezasse totalmente essa cor? Você não seria capaz de olhar para mim a noite toda.

— Ah, sim. Entendo o que quer dizer — disse Stephen, sem entender. — Bem, sua mãe escolheu bem. — Não tinha certeza do que dizer além disso. Estava começando a entender melhor por que ela estava tendo problemas quanto a relacionamentos.

Felizmente, não demorou muito para que chegassem ao restaurante e ele abrisse a porta para ela. Uma garçonete os recebeu na porta e os conduziu até uma mesa. Havia muito mais pessoas no restaurante do que quando veio no café da manhã, mas não ficou surpreso, considerando o quão deliciosa a comida estava.

A garçonete entregou dois cardápios e se afastou para ajudar outra pessoa que acabara de entrar.

Sandy colocou o cardápio na mesa à sua frente. — Já sei o que quero — disse. — Eu sempre escolho a mesma coisa.

— Deve ser muito bom — disse Stephen. — O que é?

— Bife de frango frito.

Ele examinou o cardápio. — Eu não vejo isso no meu cardápio. Em que página está?

— Ah, eles não oferecem mais. As pessoas odiaram. Era a pior coisa do cardápio até cerca de um ano atrás, quando o proprietário o removeu — disse Sandy, com a voz solene. — Estão trabalhando em uma nova receita, mas gosto do jeito que é.

— O-k. Então... — Estava tentando pensar em uma maneira educada de dizer a ela que ela poderia querer pedir outra coisa quando a garçonete voltou.

— O seu estará pronto em um minuto — disse ela à Sandy.

— Obrigada — disse esta, devolvendo o cardápio.

— E você? — perguntou a garçonete, virando-se para Stephen.

— Humm... — Estava tão focado em encontrar o inexistente bife de frango frito que não havia escolhido nada. — Surpreenda-me.

A garçonete ergueu uma sobrançelha. — Devo avisar que nossos cozinheiros têm senso de humor e, se você deixar isso por conta deles, poderá não gostar do que receberá.

Ele devia estar se sentindo aventureiro, considerando que nada neste empreendimento comercial havia ocorrido conforme o planejado até agora, porque sorriu e repetiu seu pedido anterior. — Surpreenda-me.

— Deixa comigo — disse a garçonete, pegando o cardápio.

Stephen sentiu uma onda de excitação por não saber o que receberia, mas Sandy pareceu ter a reação oposta. Suas sobrançelhas franziram e ela estava torcendo as mãos com mais força do que antes.

— Você não deveria ter feito isso — disse ela.

— Por que não?

— E se você não gostar? E se eles mandarem um prato de formigas cobertas de chocolate, ou caracóis, ou camarões, ou...

— Nada disso me parece ruim — disse, querendo acalmar a ansiedade dela. Na verdade, as formigas e os caracóis não seriam maravilhosos, mas ele duvidava que o restaurante mantivesse formigas nos fundos, caso alguém pedisse para ser surpreendido. — Mas, como a garçonete sabia o que você queria?

— Eu como aqui três vezes por semana e sempre peço a mesma coisa nos últimos quinze anos — disse Sandy. — Quando o restaurante ganhou novos donos e o cardápio mudou, eles disseram que eu ainda poderia pedir filé de frango frito, embora tecnicamente não o sirvam mais. — Sua voz caiu para um sussurro. — Eu não gosto de mudanças.

— Sim, estou começando a perceber isso — disse Stephen. — Do que você gosta? Gostaria de saber mais sobre você.

Sandy fez uma pausa, como se não tivesse certeza. Ou talvez ninguém tivesse lhe perguntado isso antes. Parecia que muitas pessoas tomavam decisões por ela, ou ela simplesmente fazia a mesma coisa repetidamente para evitar ter que tomar decisões por completo. — Eu amo ler. E gosto de montar quebra-cabeças — finalmente disse. — Cada peça tem exatamente um lugar

onde pode encaixar e isso nunca muda. — Sua expressão escureceu. — Exceto quando eu perco uma. Então, tenho que jogar fora. O que é uma pena, porque gosto de colá-los e emoldurá-los.

— Aqui está o especial da Sandy — disse a garçonete, aparecendo ao lado da mesa com uma bandeja. Colocou um prato na frente de Sandy.

— Uau. Tem até o seu nome, hein? — Stephen perguntou.

— Eles não querem que outras pessoas peçam — explicou Sandy. — Então, é um código. — Ela parecia encantada por saber de um segredo que os outros clientes do restaurante não sabiam.

— E um ‘surpreenda-me’ — disse a garçonete, colocando um prato na frente de Stephen.

— São aqueles...

— Polvos sorridentes? Sim — disse ela. — Você está com sorte. A última pessoa que disse aos cozinheiros para surpreendê-lo acabou com um prato cheio de almôndegas em miniatura que pareciam cocô.

Olhando mais de perto, Stephen viu que os polvos eram, na verdade, salsichas que foram cortadas para parecerem ter oito tentáculos, e cada um deles tinha olhos e uma boca cortada. A garçonete entregou-lhe pequenos recipientes com ketchup e mostarda, além de uma cesta de batatas fritas.

— Aproveite — disse antes de ir embora com um sorriso que lhe dizia que ela estava se esforçando para não rir.

— Por favor, não faça isso de novo — disse Sandy, olhando para o prato de Stephen.

— Isso o quê?

— Pedir algo sem saber o que vai sair da cozinha. Me deixa nervosa — disse ela.

Ele achou que não fazia sentido dizer a Sandy que era a imprevisibilidade da vida que fazia com que ela valesse a pena. — Enquanto estiver comigo, isso não acontecerá novamente.

— Mas agora sei que você ainda fará isso quando eu não estiver por perto. E isso torna tudo ainda pior — disse ela. — Sempre me perguntarei: ‘Stephen está no restaurante agora? Nesse caso, aposto que ele está pedindo que os surpreendam. O que eles vão servir a ele? Será que vai ser horrível?’

A campainha acima da porta do restaurante tocou e Stephen olhou para trás, esperando se distrair do rumo que a conversa estava tomando. Seria pedir demais poder comer seus polvos-salsicha sem se sentir culpado?

Voltou-se para Sandy.

Zoe era a distração que acabara de passar pela porta e ela estava deslumbrante. Deslumbrante até demais. Ele tentou manter o foco em Sandy, querendo parecer envolvido no que quer que ela estivesse dizendo, mas seus sentidos estavam hiper alertas para qualquer indicação de que Zoe estava se aproximando.

O que havia de errado com ele? Esta era a mulher que estava tentando sabotar o projeto que ele estava aqui para concluir. A presença dela não

deveria deixar seus nervos em um frenesi de excitação.

— Conte-me mais sobre seus quebra-cabeças — disse, mergulhando um de seus polvos na mostarda e arrancando-lhe a cabeça com uma mordida.

Os olhos de Sandy brilharam. — De todos que eu já fiz, o meu favorito...

— Stephen?

Ele e Sandy ergueram os olhos e encontraram Zoe parada ao lado da mesa. Suas sobranceiras estavam arqueadas de surpresa.

— Olá, Zoe. — Olhou para Sandy. — Presumo que vocês duas se conheçam e que as apresentações não sejam necessárias.

Sandy sorriu e deu um pequeno aceno para Zoe. — Sim.

Zoe deu um sorriso tenso e acenou com a cabeça em resposta. — Sandy foi uma das primeiras pessoas que conheci quando me mudei para cá. — Seus olhos brilharam por um breve momento quando seu olhar pousou no prato de Stephen. — Vejo que você pediu o especial 'surpreenda-me'.

Stephen sorriu. — Sim. Acho que terei que voltar todos os dias, só para ver o que vão fazer depois dessa.

— Stephen — disse Sandy, com a voz cheia de desaprovação. — Você me prometeu que não faria mais isso.

— Ah, isso mesmo. Eu prometi — disse ele, rindo. — E se eu pedir sempre os polvos-salsicha? Isso não conta, certo?

Sandy pensou por um momento. — Não, suponho que estaria tudo bem, já que você já os comeu e sabe o que esperar.

Zoe não foi embora como Stephen esperava. Um silêncio constrangedor encheu o ar até que ele pigarreou e disse-lhe:

— Bem, acho que vejo você por aí. Mas se nos der licença, Sandy e eu estamos em um encontro.

Zoe mexeu os pés por mais um momento, mas não saiu.

— Você precisa de alguma coisa? — Ele perguntou.

Ela olhou entre Stephen e Sandy. — Posso falar com você por um momento? Lá fora?

A ideia fez com que sua respiração acelerasse e ele se pegou desejando que pudesse. Apesar de como as coisas tinham acontecido entre os dois, ele ainda se sentia atraído por ela. E quando perdeu a paciência com ela - e que a dor que causou ficou aparente em seu rosto - não quis nada mais do que puxá-la para perto e confortá-la.

Mas, apesar do desejo de estar perto dela, não achou que fosse uma boa ideia. Eles estavam brigando desde que se conheceram, e Stephen não queria Sandy no meio de tudo isso. A pobre mulher já era frágil o suficiente, e ele queria ter certeza de que ela chegasse em casa inteira.

Balançou sua cabeça. — Não, mas podemos nos encontrar no escritório amanhã conforme programado.

Zoe olhou entre Stephen e Sandy e parecia querer dizer algo mais, porém, em vez disso, saiu rapidamente pela porta, com sua amiga da outra noite correndo atrás dela.

Stephen soltou um longo suspiro.

— Como você conhece Zoe? — Sandy perguntou em voz baixa.

— Hum? — Ele perguntou, preso em seus próprios pensamentos.

— Perguntei: como você conhece Zoe? — Sandy repetiu.

— Ah! Estamos trabalhando em um projeto juntos — disse, acenando com a mão de forma desdenhosa. — A mulher é uma pedra no meu sapato, se é que você me entende.

— Ela deve gostar muito de você — disse Sandy.

Isso chamou a atenção de Stephen por completo. — Do que você está falando? Acabei de lhe dizer que a mulher é um pé no saco e, acredite, ela pensa o mesmo de mim.

— Sei que não sou a pessoa mais astuta do mundo — disse Sandy, mexendo na comida. — Mas Zoe sempre foi muito legal comigo. Só que, agora, ela olhou para mim como se eu fosse uma concorrente. Como se estivesse com ciúmes. — Sandy sorriu. — Nunca passei por isso antes. É meio legal.

Stephen duvidava que Zoe estivesse com ciúmes. A mulher não o suportava. Mas gostou de como Sandy ficou feliz. — Você poderia rivalizar com qualquer uma com esse seu sorriso — disse, estendendo a mão por cima da mesa e dando um tapinha na mão dela.

O sorriso de Sandy cresceu. — Eu sei que você está dizendo isso apenas para ser legal, mas obrigada.

Terminaram de jantar, Sandy contando alegremente a Stephen sobre todos os quebra-cabeças que já havia feito e exatamente onde cada um estava pendurado nas paredes de casa. Ele ouviu educadamente e a acompanhou de volta para casa.

Mas, apesar de tudo, apesar de seus melhores esforços, seus pensamentos continuavam voltando para Zoe. Será que Sandy estava certa? Zoe gostava dele? Se ela gostasse, esperava que passasse. Talvez assim fosse mais fácil trabalhar com ela.

Capítulo 7



Zoe mandou uma mensagem para Sam logo pela manhã e pediu que ele passasse um recado para Stephen. Queria encontrá-lo fora da confeitaria. Ele havia cumprido sua parte no acordo, embora ela não tivesse ideia do porquê, e era justo que ela cumprisse sua promessa. Hoje, eles conversariam sobre negócios.

Ela optou por sandálias em vez das botas de arco-íris, percebendo que elas eram boas demais para pessoas como Stephen McAllister, e partiu logo cedo. Ela adorava sair antes de qualquer outra pessoa, com o sol mal aparecendo acima das colinas ao longe, e sentir como se o mundo lhe pertencesse.

Quando chegou à confeitaria, estava vinte minutos adiantada, então decidi caminhar pelo caminho que margeava o parque. Respirou o ar fresco da manhã e sorriu. Seria um bom dia.

— Você vem sempre aqui? — alguém perguntou em voz baixa.

O som perfurou a tranquilidade de Zoe, deixando-a sem vida na grama. A ansiedade tomou o seu lugar.

— Você chegou cedo — disse, virando-se para encarar Stephen. Sua respiração presa no peito.

Cada vez que se encontravam, era como vê-lo pela primeira vez. Eles inicialmente se conheceram à luz do fogo, e as sombras distorceram suas feições o suficiente para que ela nem o reconhecesse dois dias depois. Hoje, o sol as realçara.

Seu cabelo escuro tinha um pouco a mais de gel do que o necessário e parecia que nem mesmo uma tempestade de areia conseguiria fazê-lo se mover, mas isso não diminuía os contrastes nítidos de suas feições esculpidas. Bem, pelo menos na região facial. O torso... mesmo usando uma camisa social, ela podia perceber que aquela região tinha sido um pouco mais negligenciada. E, de alguma forma, isso o tornava mais atraente - mais real.

— Pensei em aproveitar o ar da manhã antes de começarmos a trabalhar — disse ele. — Parece que você teve a mesma ideia. — Fez uma pausa. — O prefeito Freedman foi bastante vago quando me pediu para encontrá-la aqui.

— Eu prometi — disse Zoe, forçando-se a se concentrar no motivo de eles estarem ali. — Você saiu com Sandy ontem à noite, então é justo que eu organize um encontro adequado com Rebecca.

Stephen franziu a testa. — Não foi por isso que saí com ela.

Ela o encarou. Será que ele estava interessado em Sandy? Ela tinha pensado isso na noite anterior, mas descartou a ideia rapidamente. Porém, depois de sair do restaurante, havia olhado pela janela da frente e visto a mão de Stephen na de Sandy. E eles estavam sorrindo.

De repente, não parecia tão improvável quanto antes.

— Por que você fez isso, então? — perguntou.

— Era a coisa certa a se fazer.

— Uma incorporadora imobiliária com uma bússola moral — disse Zoe, seus lábios se contraindo em um sorriso. — Não é todo dia que se vê isso. — Se isso fosse verdade, sua atratividade tinha acabado de subir três níveis.

Sua carranca se aprofundou. — Só para deixar claro, não estou interessado em mais nenhum de seus acordos. Eu não deveria ter que passar por cima de obstáculos para que você fizesse seu trabalho. Você age como se marcar um encontro adequado com Rebecca fosse um grande favor. Mas não vou agradecer por isso, porque é o que você deve fazer. É algo que deveria ter feito ontem.

Lá estava de novo. A dor das suas palavras na noite anterior mal havia diminuído, e agora estava sendo atacada de novo. Ela se lembrou de quem ele era e do que representava. Sair em um encontro às cegas com alguém por bondade não apagava tudo isso. Nem aquelas covinhas.

— Você age como se fosse melhor do que eu, como se fosse superior a mim — disse Zoe. — Mas não se importa com os sentimentos dos outros. Não se importa com nada, exceto este projeto e qualquer bônus que receberá quando terminar. Isso é tudo que somos para você. Um projeto. Um problema a ser resolvido.

Stephen foi quem ficou encarando desta vez. Zoe encontrou seu olhar e estava determinada a não ser a primeira a desviar.

Acontece que ela não precisava se preocupar com isso. Ele se virou e foi embora, seus passos largos o levaram embora mais rápido do que Zoe imaginou ser possível.

Argh! Ela havia feito uma promessa a Sam. Por que não podia simplesmente se comportar?

— Espere — disse, correndo para alcançá-lo. Só quando ambos voltaram para a rua principal é que ela conseguiu se colocar na frente dele. — Sinto muito — disse antes de se curvar, ofegante. Ergueu um dedo para que ele soubesse que precisava de um momento. Parecia que ele queria contorná-la, mas deu outra olhada para ela antes de cruzar os braços e sentar-se no meio-fio. Zoe desabou ao lado dele e, embora tenha demorado um pouco, sua frequência cardíaca finalmente diminuiu e ela conseguiu falar novamente.

— Preciso me exercitar mais.

— Isso é um eufemismo — disse ele. — Mas sua óbvia falta de habilidade atlética venceu hoje. Eu não poderia deixar você aqui tendo um ataque cardíaco, não é?

Uma risada explodiu de Zoe, pegando-a de surpresa. — Olha, eu sei que tornei as coisas difíceis para você. E sinto muito. Sinto mesmo.

— Estou ouvindo — disse Stephen, embora parecesse cético.

— Depois de conversarmos com Rebecca, posso levar você para tomar café da manhã? — Zoe perguntou, lembrando-se da sugestão de Sam de começar de novo levando Stephen para comer fora. — Será estritamente profissional — disse rapidamente, não querendo que ele tivesse uma ideia errada. —

Talvez possamos conversar sobre os detalhes do projeto para que eu saiba aonde precisamos ir e com quem precisamos falar. Presumo que você ainda não tenha obtido nenhuma de suas licenças e registros.

— Primeiro, preciso obter os contratos das empresas que pretendo comprar — disse ele lentamente, como se não tivesse certeza se esse era mais um de seus truques.

Zoe assentiu, anotando mentalmente tudo o que precisavam fazer. Queria ter certeza de que tudo fosse feito da maneira certa e sem erros. Isso apenas desaceleraria o processo, e ela queria que isso acabasse para poder seguir em frente com a sua vida. Claro, a ausência de vários negócios locais sempre seria um lembrete da mudança que estava ocorrendo em Amor, por mais que tentasse ignorá-la.

— Tudo bem. Vamos indo. Estamos desperdiçando a luz do dia — disse Zoe, levantando-se de um salto.

Stephen parecia confuso com a súbita disposição dela em ajudar, mas se levantou e a seguiu pelo quarteirão até a confeitaria.

Rebecca estava atrás do balcão embalando um bolo para um cliente quando eles entraram. Seus olhos brilharam quando ela viu Stephen. Hmmm... o encontro deve ter corrido bem na noite anterior. Talvez um pouco bem demais. Não que isso fosse da conta de Zoe. Mas ela simplesmente não queria ver o coração da pobre Sandy partido. Não tinha nada a ver com Stephen e seu queixo esculpido.

— Já venho falar com vocês — disse Rebecca, dando uma piscadela rápida para Stephen.

Ele limpou a garganta e mexeu os pés, como se estivesse desconfortável por estar ali.

— Você está bem? — Zoe perguntou.

— Sim, claro. Por que não estaria? — perguntou, indo até um livro que tinha fotos de bolos para todos os tipos de ocasiões.

— Sem motivo algum. Pareceu que você estava se divertindo ontem à noite e agora está agindo de forma um pouco estranha perto de Rebecca. Aconteceu alguma coisa no seu encontro com Sandy?

Stephen olhou para ela e parecia genuinamente confuso. — Como o quê?

— Tipo... você sabe... — Zoe cutucou. Quando a expressão dele não melhorou, ela baixou a voz para um sussurro. — Talvez você a tenha beijado e então ela contou à mãe sobre isso...

Para seu alívio, Stephen riu. — Hum... não. Nada do tipo.

— Então, o que é?

— Só espero que ela não tenha nenhuma expectativa, sabe? — ele disse, de repente sério novamente.

Zoe sentiu uma pontada de culpa. Sim, isso poderia acontecer, e isso era culpa dela. — Vou me certificar de que não haja nenhum mal-entendido quanto a isso — assegurou.

O cliente foi embora e Rebecca caminhou até eles, radiante.

— Eu não esperava ver vocês dois de volta tão cedo.

Zoe olhou para Stephen, perguntando-se se ele queria que ela assumisse a liderança. Este deu um aceno sutil e ela se voltou para Rebecca.

— Na verdade, estamos aqui para falar de negócios hoje — disse. — Gostaríamos de conversar com você sobre seus planos com a confeitaria.

O sorriso de Rebecca não desapareceu. Em vez disso, ela se virou para Stephen. — Agradeço por ter saído com Sandy ontem à noite. Ela disse que não se divertia tanto assim há anos.

Será que Rebecca havia ouvido o que Zoe disse? Se sim, não demonstrou.

— O prazer foi meu — disse Stephen. — Sua filha é adorável e eu também me diverti. — Ele havia aumentado o charme para doze em uma escala de dez pontos, mas não pareceu nada menos do que genuíno. Zoe temia que ele pudesse ter problemas se Rebecca pensasse que ele estava realmente interessado na filha dela. Ele não estava, certo?

— Existe alguma chance de você sair com ela de novo? — perguntou Rebecca. — Ela não pareceu pensar que existia, mas pensei em verificar, visto que você está de volta aqui já na manhã seguinte.

— Receio que não. Como mencionei antes, não pretendo ficar muito tempo na cidade — disse ele.

— Apenas o tempo suficiente para levar minha filha para passear... e depois perguntar o que pretendo fazer com minha confeitaria? — Rebecca perguntou, franzindo a testa. A fálscia desaparecendo de seus olhos.

Um frio gelado encheu a sala antes calorosa, e Zoe olhou ao redor, procurando um meio de escapar. — Talvez haja um lugar onde possamos nos sentar para conversar sobre isso — sugeriu.

— É lá que você vai explicar por que esse homem saiu com minha filha na esperança de conseguir um negócio?

— E-eu posso ver como pode parecer assim — Zoe gaguejou. — Mas eu lhe garanto que essa não era a intenção dele...

— Eu confio em você — disse ela, interrompendo Zoe. — É por isso que confiei no Stewart aqui para sair com minha filha. Não o conheço, mas ele estava com você e isso foi bom o suficiente para mim.

— O nome dele, na verdade, é Stephen...

Rebecca não havia terminado. — Você não acha que eu deixaria qualquer um sair com Sandy, não é?

Isso era exatamente o que Zoe achava, mas decidiu que seria melhor manter isso para si mesma.

— Ela é minha garotinha e tudo que eu quero é a felicidade dela. Ela não é um peão em um negócio. — Rebecca voltou seu olhar gelado para Stephen agora. — Tive muitas pessoas como você aparecendo à minha porta. Todos me oferecendo dinheiro para vender minha confeitaria, para que pudessem construir o que lhes convém, e não o que é melhor para a cidade. Mas nenhum deles nunca levou minha filha para sair na esperança de me agradar. Essa é a pior atitude que já presenciei. Então, por favor, escute quando digo para sair

da minha loja. E nunca mais voltar. — Ela virou as costas para eles e entrou na sala dos fundos.

— Você acha que ela se referia a mim também, ou apenas a você? — Zoe perguntou.

— Você também, Zoe — a voz de Rebecca soou na sala dos fundos. — Eu esperava mais de você.

Zoe olhou para Stephen e viu que ele estava encarando-a. — O quê? Você está com raiva de mim também?

Em resposta, ele saiu da confeitaria.

— Qual é, como eu deveria saber que isso aconteceria? — Zoe chamou enquanto corria atrás dele, mais uma vez. — Você pode desacelerar? Não quer que eu tenha um ataque cardíaco, lembra? Foi o que disse.

— Mudei de ideia — ele respondeu.

— Você poderia pelo menos me deixar levá-lo para tomar café da manhã? Ninguém se comporta racionalmente com o estômago vazio. — Ela parou para massagear uma pontada na lateral do corpo.

— Então, qual é a sua desculpa? — Stephen perguntou, virando-se para ela. — Tem passado fome desde que te conheci? Porque você não fez nada racional. Tudo o que aconteceu nos últimos dois dias foi culpa sua.

Zoe abriu a boca para dar a melhor resposta da história - mas não tinha nada a dizer. Havia agido sem pensar e agora Stephen estava pagando por isso.

Tinha visto o jeito que ele foi com a Sandy. Ele não precisava ter ido naquele encontro, mas foi mesmo assim. E, pelo que viu, Stephen tinha sido um cavalheiro perfeito. Ele certamente não era assim com ela, mas talvez se ela não o tivesse tratado com tanta hostilidade, ele teria sido.

— Você está certo — disse Zoe, soltando um longo suspiro e olhando-o nos olhos. — Tudo no seu projeto está desmoronando antes mesmo de ter a chance de começar, e é tudo por minha causa. Baixou o olhar, percebendo que, apesar de não gostar do motivo de Stephen estar na cidade, ele merecia coisa melhor. — Vou ver se consigo encontrar alguém para me substituir como seu intermediário, mas pode demorar um pouco.

Zoe se virou para começar a caminhar de volta para a prefeitura. Precisava dizer a Sam que havia falhado e pedir que ele encontrasse outra pessoa para trabalhar com Stephen. Temia o olhar de desaprovação que Sam lhe lançaria. Ele já havia lhe dito que não queria mais ninguém trabalhando com Stephen.

Sentiu uma pontada de decepção porque não iria vê-lo novamente também, o que a pegou de surpresa. Ele era um homem que não recuava - como evidenciado por sua chuva de marshmallows na festa das estrelas. Isso tinha sido uma de suas características mais atraentes naquela noite. Mas quando a determinação dele encontrava a teimosia de Zoe, era como um fósforo em um barril de pólvora.

— Eu poderia tomar café da manhã agora — disse Stephen, interrompendo seus pensamentos.

Ela se virou e o viu ainda parado no mesmo lugar, observando-a. — Mesmo?

— Mas nada de falar sobre negócios enquanto comemos. E sem outras promessas além disso.

— Ok — Zoe disse com um aceno lento da cabeça. — Café da manhã, apenas. — Esperou enquanto Stephen a alcançava, depois se virou e acompanhou o ritmo dele, enquanto caminhavam em silêncio para o restaurante. Ela não sabia como iria consertar as coisas para que todos ficassem felizes - Sam, Stephen, Rebecca... e ela mesma. Não sabia se isso era possível. Todos pareciam ter objetivos conflitantes, e ela estava pega no meio disso.

Mas tinha que tentar.

Capítulo 8



Stephen pegou a conta da garçonete enquanto Zoe terminava as últimas mordidas em sua omelete.

— Ei, eu falei que iria pagar — ela disse, suas palavras abafadas pela comida ainda em sua boca.

— Não, você perguntou se eu queria tomar café da manhã, mas nunca disse nada sobre dinheiro.

Zoe engoliu em seco. — É uma reunião de negócios, então sai do meu orçamento. Não é grande coisa.

— Mas você concordou em não falar de negócios durante a refeição, então como isso poderia ser classificado como uma reunião de negócios? — ele perguntou.

Ela revirou os olhos, mas deu-lhe um meio sorriso enquanto fazia isso. Isso fez Stephen desejar que eles não estivessem em lados opostos do ringue de boxe que criaram para si mesmos.

— Tudo bem — ela disse, acenando-lhe com o garfo. — Você ganhou.

Ele deu um aceno de satisfação com a cabeça. Depois de pagar, saíram e ele quase ficou cego pelo sol. Stephen tirou um par de óculos escuros do bolso e os colocou.

— Não consegue lidar com o calor do Novo México? — Zoe brincou, seu olhar passando por ele.

— Não, é o câncer, a catarata e aquelas pequenas rugas ao redor dos olhos que não consigo controlar — disse ele.

Ela levantou uma sobrancelha. — Você quer dizer os pés de galinha?

— Sim, esses mesmos.

— Você realmente se preocupa com essas coisas?

— Minha mãe era optometrista — disse ele, encolhendo os ombros. A memória dela estava desaparecendo, mas seus ensinamentos nunca desapareceriam. Sentia que devia continuar ouvindo-a, mesmo que ela não estivesse mais lá. Era a única maneira pela qual ela poderia ficar com ele.

Zoe deixou o assunto por isso mesmo e não pressionou. Deu-lhe um sorriso torto em vez disso. — Bem, você fica bem com óculos de sol, então acho que é mais poder para você.

Stephen sentiu o calor subir pelo seu rosto e não tinha certeza se era do sol ou do elogio dela. Poderia ter sido ambos. Caminharam pela rua principal até chegarem à prefeitura, e ela se virou para ele.

— Acho que é aqui que eu fico. — Fez uma pausa e mexeu na alça da bolsa. — Eu te avisarei quando encontrar um substituto para você.

Ele sentiu o estranho desejo de impedi-la, só que ela havia feito exatamente o oposto do que o prefeito Freedman queria. Em vez de estabelecer relacionamentos, Zoe os havia destruído. Deveria estar feliz por se livrar dela.

Mas podia ver a sinceridade nos olhos dela e se via atraído por eles. Sabia que ela ainda não concordava com o que ele estava fazendo ali, mas também parecia perceber que um limite havia sido ultrapassado na confeitaria, e uma mudança em sua atitude ocorreu em resposta.

— Você terá problemas com o prefeito Freedman? — perguntou.

Zoe encolheu os ombros. — É tudo relativo. Ele não ficará feliz, mas vai superar. Eventualmente.

Stephen hesitou. Era óbvio que precisava trabalhar com outra pessoa - salvar o que restava de suas perspectivas para concluir o projeto e conseguir sua promoção. E ainda assim, seu instinto lhe dizia para dar outra chance a ela. Mas seu instinto também lhe dizia que biscoitos duplos com gotas de chocolate eram bons para ele, então como ia saber?

— O prefeito Freedman tem muita fé em você e em suas habilidades — disse.

— Sim, você viu como as coisas foram incríveis na confeitaria — Zoe disse com uma risada amarga. — Ele sempre vê o que há de bom nas pessoas, mesmo quando elas não merecem.

Stephen a estudou por um momento. Mesmo que parecesse triste, podia ver as linhas do sorriso que revelavam quem ela realmente era. Ele mesmo tinha tido um vislumbre disso na festa das estrelas e tinha a sensação de que a crença do prefeito Freedman nela estava certa.

— Gostaria que você me levasse à loja de bicicletas — disse.

Zoe ficou encarando-o. — Tem certeza?

— Absoluta.

Ela deu um pequeno aceno de cabeça. — Ok.

Atravessou a rua e Stephen a seguiu. — Coloquei você em uma posição difícil, não foi? — ele perguntou depois de um momento de silêncio.

Zoe não respondeu, mas deu de ombros em resposta.

Stephen tentou novamente. — Você realmente ama esta cidade, e estou pedindo que me ajude de uma forma que te assusta. — Tentou entender como isso era, mas não compreendia. Na verdade, via as mudanças que ele faria como benéficas para todos os envolvidos - especialmente para as empresas que compraria.

— Não estou fazendo isso por você — ela finalmente disse. — Estou fazendo pelo prefeito Freedman.

— Porque ele é seu chefe. Entendo.

— Não, porque ele é meu amigo.

Stephen não sabia como responder a isso. Ele nunca tivera um amigo em quem confiasse, como Zoe obviamente confiava no prefeito. E como o prefeito confiava nela.

Claro, Stephen pensou que estava fazendo a coisa certa para a cidade estando lá, mas no final das contas, estava lá porque seu chefe lhe havia dito para ir e haveria uma promoção esperando-o se conseguisse completar o projeto.

Chegaram à loja de bicicletas e Zoe olhou para a placa pendurada na entrada antes de entrar. Uma campainha tocou na porta quando eles entraram e uma cabeça apareceu na sala dos fundos.

— Ei, Cal — ela disse.

O homem ostentava uma barba espessa, mas era careca na parte superior. Ao entrar, Stephen viu que o homem tinha tatuagens nos braços, como se fizesse parte de uma gangue de motoqueiros. O tipo de bicicleta sem pedais.

— Queria apresentar você ao meu amigo, Stephen.

— Prazer em conhecê-lo — disse este, estendendo a mão.

Cal sorriu e apertou a mão dele com um aperto que interrompeu sua circulação, mas Cal também o olhou com um pouco de suspeita. — Sim, ouvi dizer que você estava por aí com um novo amigo, Zoe. — Para alívio de Stephen, Cal soltou sua mão e se virou para ela. — Rebecca não tem uma boa impressão dele, pelo que ouvi.

— As coisas se espalham rápido por aqui — Stephen murmurou, imaginando o que mais as pessoas estavam dizendo sobre ele.

— Todos os empresários deste trecho gostam de se manter informados, especialmente desde que os desenvolvedores começaram a bisbilhotar por aqui — disse Cal, dando-lhe um olhar penetrante.

— Foi tudo um mal-entendido — disse Zoe. Hesitou, como se não tivesse certeza se deveria contar tudo a Cal. — A culpa foi minha — admitiu. — Eu não queria Stephen por perto, assim como todo mundo. Então, decidi dificultar as coisas para ele. Disse-lhe que só o ajudaria se ele tivesse uma conversa educada e dissesse sim a tudo que Rebecca pedisse.

Cal se virou para Stephen, a descrença estampada em seu rosto. — E você concordou com isso? E se Rebecca tivesse lhe pedido um milhão de dólares em troca da loja dela?

— Admito que não pensei muito bem nas coisas — disse Stephen, envergonhado pelo pensamento não ter passado por sua cabeça. — Embora, em minha defesa, Zoe tenha dito que não falaríamos de negócios.

— Mas agora você está aqui — disse Cal, lançando um olhar pensativo para Zoe. Ele se encostou no balcão e cruzou os braços. — O que não entendo é o porquê você o estar ajudando.

O olhar de dela percorreu a sala, como se a resposta estivesse entre as bicicletas penduradas no teto. — Ele é diferente dos outros — finalmente disse. — Quer ajudar e confio nele.

Stephen se perguntou se isso era verdade e seu pulso acelerou com o pensamento. Claro, ela poderia estar dizendo o que precisava para ajudar a acalmar as coisas.

— E o prefeito confia nele. — Cal disse o que Zoe não precisou dizer.

O prefeito Freedman devia saber que, se Zoe andasse com Stephen, as pessoas ligariam os pontos.

Ela assentiu.

Cal virou-se para Stephen. — Comece a falar. Você tem dez minutos para

dizer o que quer, mas tenho uma bicicleta que preciso terminar de consertar.

Stephen engoliu em seco. Ainda bem que havia ensaiado no chuveiro naquela manhã.



Por que isso tinha sido tão difícil? Esta era a sua zona de conforto - aquilo em que ele era bom. Talvez tenha sido porque o olhar de Zoe tinha estado nele o tempo todo, e ele ficou se perguntando o que ela estava pensando. Por alguma razão, queria impressioná-la com sua apresentação, embora não fosse a ela que precisava convencer.

Stephen não foi capaz de avaliar a reação dela, mas, no final, Cal gostou e isso era tudo que importava. Ele ficou surpreso com o número que Stephen ofereceu para a loja de bicicletas, e Cal gostou especialmente da parte sobre construir em um lugar melhor e alugar bicicletas para os turistas. Devido à falta de transporte público, seria o cenário perfeito e um fluxo de renda mais estável.

— Faça algo por escrito e pedirei ao meu primo que dê uma olhada — disse Cal quando saíram da loja. — Ele é advogado e pode me dizer se você está tentando alguma gracinha.

— Ele não encontrará nenhuma surpresa, mas é sempre uma boa ideia pedir alguém de fora para analisar seus contratos — disse Stephen.

Ele e Zoe não tinham dado mais do que alguns passos quando ela se virou para ele e disse:

— Uau.

Stephen olhou-a de lado. — O que foi?

— Você foi realmente impressionante lá — disse. — Já vi muita gente passar pela cidade tentando vender coisas que não precisamos. E certamente já vi muitos desenvolvedores. O prefeito Freedman está certo. Você é diferente.

Stephen tentou não deixar o elogio subir à cabeça, mas não pôde deixar de querer ouvir mais. Especialmente porque vinha de Zoe. — Como assim? — perguntou.

— Bem, você não agiu como o cara dissimulado que está tentando nos fazer comprar uma propriedade compartilhada que nunca usaremos, ou o vendedor que diz que todos os nossos sonhos mais loucos se tornarão realidade se simplesmente comprarmos o produto deles. E certamente não apelou para táticas duvidosas, algo que os desenvolvedores costumam fazer. — Ela deu-lhe um sorriso torto. — Foi autêntico. Generoso e empático.

Stephen sorriu e esfregou as mãos. — Já que estou indo bem, por que não tentamos a próxima loja?

Zoe riu e disse: — Calma aí, tigrão. Não vamos visitar mais ninguém hoje.

— O que quer dizer? — perguntou. — Achei que estivesse disposta a ajudar agora.

— E estou — Zoe assegurou-lhe. — É por isso que ligará para o seu escritório para redigir o contrato e então encerraremos o dia.

Stephen não gostou nem um pouco de como aquilo soou. Queria resolver as coisas e havia muito que não poderia fazer até finalizar as vendas desses cinco negócios.

— Podemos tentar meu plano, em que isso não é o que faremos? — perguntou.

Zoe fixou seu olhar nele. — Viu como a fofoca se espalha rápido por aqui, certo?

— Sim...

— Não quer que Cal divulgue o negócio fantástico que você está lhe oferecendo?

Ele viu onde ela queria chegar com isso. E não era uma má ideia.

— Ok, posso ver a lógica por trás disso — disse.

— Espere um dia e então poderemos visitar todos. Isso deve ser tempo suficiente.

Stephen começou a andar novamente. — Sabe, se eu não te conhecesse melhor, acharia que estava começando a apreciar seu tempo comigo.

— Não vamos nos precipitar — disse Zoe com uma pequena risada. — Eu diria que, atualmente, não te odeio mais. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer antes de podermos usar a palavra com A.

Suas sobrancelhas se ergueram e as palmas das mãos ficaram suadas. — A palavra com A?

— Sim. Apreciar. Ao que você achou que eu estava me referindo? — A julgar pelo sorriso malicioso em seu rosto, Zoe sabia exatamente qual palavra havia vindo à sua mente.

— Abelha — disse ele.

— Isso não faz sentido nenhum.

— Precisa fazer?

Zoe riu novamente. — Acho que não.

Talvez esse projeto não fosse tão ruim, afinal.

Capítulo 9



Zoe cantava junto com o rádio enquanto preparava os vegetais que usaria para refogar naquela noite. Havia convidado Sam, Katie, Ruby e o marido desta, Parker, para jantar e queria provar que poderia fazer mais do que lasanha, considerando que esse era o prato que ela preparava para eles sempre que vinham. Isso não era bem verdade; às vezes comprava bife, mas depois fazia Sam grelhá-los quando chegava.

— Que cheiro bom — disse Ruby, entrando na cozinha. Fez uma pausa. — Cheguei cedo pensando em me oferecer para ajudar, mas parece que você tem tudo sob controle.

— Você só queria ter certeza de que eu não estava estragando tudo — Zoe disse com uma risada, antes de girar e fingir cantar em uma faca gigante que segurava na mão.

— Hum... deixa eu pegar isso daqui — disse Ruby, pegando a faca e colocando-a sobre o balcão. — A maioria das pessoas canta com uma espátula ou algo que não as empale. — Olhou para o balcão onde Zoe cortava cebolas. — Por que você não está chorando?

— Você não percebeu que todas as janelas estão abertas, ventilando este lugar?

Ruby olhou em volta. — É por isso que cheira tão... fresco... aqui.

— O que isso quer dizer?

— Você sabe, todo o ar fresco, a natureza e outras coisas.

— Como costuma cheirar aqui? — Zoe perguntou.

— Hum... de volta às cebolas — Ruby disse. — Como posso ajudar? O que posso cortar?

— Na verdade, se você pudesse cozinhar um pouco de arroz, isso ajudaria muito — disse Zoe, pegando a faca do balcão e voltando para seus legumes.

— Já fiz o frango e não deve demorar muito. Onde está Parker?

— Ele me deixou aqui. Teve que fazer algo para Sam, mas estará aqui em breve.

Ruby de repente ficou muito interessada na água no fogão à sua frente.

— Sabe o que dizem, né? Água vigiada não ferve — disse Zoe, observando sua melhor amiga com cuidado.

— Não, mas quero ter certeza de colocar o arroz na hora certa.

— A gente faz isso com macarrão. Jogue o arroz agora e abaixe o fogo quando começar a ferver.

Ruby soltou uma risadinha. — Ah, isso mesmo. — Mediu o arroz e jogou-o dentro.

— Você sabe fazer arroz — disse Zoe. — Você está escondendo alguma coisa.

— O quê? — Ruby disse, balançando a cabeça. — Sou um livro aberto.

Por que eu esconderia alguma coisa de você?

Zoe estreitou os olhos e deu um passo em direção à amiga. — Não sei. Por que você está?

Ruby olhou nervosamente para a faca que Zoe ainda segurava, depois pegou-a da amiga mais uma vez. — Talvez você devesse pensar em remover quaisquer objetos pontiagudos da casa.

— Por quê? — Zoe perguntou lentamente.

— Você sabe, apenas no caso de algo acontecer que a deixe com raiva... ou feliz. Qualquer emoção, na verdade. Coisas afiadas são perigosas, só isso... — As divagações de Ruby foram interrompidas quando a porta de um carro bateu na frente.

— Tem alguma coisa errada — disse Zoe, caminhando até a porta da frente. — E vou fazer Parker me contar. Acho que ele já está com medo de mim, então não deve ser difícil.

— Ele não está com medo de você; simplesmente não gosta quando as pessoas colocam caranguejos vivos em seu carro de brincadeira — Ruby gritou.

— Não é culpa minha que ele não tenha visto aquele no assento dele? Devia ter sido o primeiro lugar que ele procurou.

Zoe abriu a porta antes que Parker tivesse chance de bater. — Você e eu precisamos conversar... — Sua voz ficou presa na garganta. Não era Parker parado na frente dela.

Stephen ergueu a mão e mexeu os dedos em saudação. — Sobre o que precisamos conversar?

Ela ficou tão surpresa que bateu a porta. Na cara dele.

— Você realmente fez isso? — Ruby perguntou, entrando, ainda segurando a faca como se fosse precisar dela para autodefesa. — Isso foi meio rude.

— Eu... o que... talvez... — Zoe não conseguia formar um pensamento completo. Era para ser uma noite tranquila com seus amigos. Um lugar onde ela pudesse relaxar e não se preocupar com o que diria ou com sua aparência.

Merda, não tinha nem se olhado no espelho. Olhou para seus jeans e camiseta surrados. Seu cabelo estava preso em um coque bagunçado. Ela tinha certeza de que estava horrível.

— É hora de deixá-lo entrar, agora — Ruby disse lentamente, como se estivesse conversando com uma das crianças da creche que tinha. Estendeu a mão e segurou a maçaneta. — Vou abrir, ok?

Zoe assentiu, ainda sem palavras. Mas Stephen... Ele estava aqui... Na casa dela... Em seu lugar seguro. Isso não deveria estar acontecendo. Talvez ela estivesse começando a gostar mais do cara, mas não o suficiente para convidá-lo para jantar.

Nada disso importava, porque Ruby abriu a porta e revelou Stephen ainda parado ali, com uma expressão incerta no rosto, como se não tivesse certeza se era seguro entrar ou não. Parker estava vindo pela calçada com um grande bolo nos braços.

— Estou passando — disse ele, passando por Stephen e entrando na casa.

— Pode colocá-lo no balcão — Ruby gritou atrás dele. — Obrigada, querido.

— Sem problemas, mas ainda não sei por que ele pediu o bolo quando poderíamos ter feito um, nós mesmos — disse Parker, voltando da cozinha.

O olhar de Zoe se voltou para Ruby. — Você pediu um bolo? Da casa de Rebecca?

— Sam pediu — disse ela. — Ele pediu a Parker para buscá-lo quando viesse para cá.

— Essa não foi a única surpresa que você buscou — disse Zoe, apontando para Stephen, que ainda estava parado na entrada.

Ruby soltou um longo suspiro. — Ah, pelo amor de Deus. Convide-o logo para entrar!

— Bem-vindo à minha casa — disse Zoe, tentando dar um sorriso genuíno.

— Posso ir jantar fora — disse ele, torcendo as mãos. — Era isso que eu estava planejando de qualquer maneira.

Ele demonstrava estar fora de sua zona de conforto e nem sequer se parecia com o empreendedor imobiliário confiante que ela conhecia. Isso era fofo.

— Desculpe — disse Zoe, oferecendo-lhe um sorriso verdadeiro desta vez.

— Fiquei surpresa, só isso. Por favor, fique e coma conosco.

— Se você tem certeza — disse ele, entrando, embora parecesse que poderia sair correndo a qualquer momento.

— Tenho. — Fechou a porta atrás dele e disse: — O jantar ainda não está pronto, mas você pode relaxar no sofá enquanto terminamos.

— Ou eu posso ajudar.

Ela o olhou, surpresa. — Você quer ajudar a preparar o jantar?

Stephen encolheu os ombros. — Só se você precisar.

— Nós precisamos — Ruby gritou da cozinha.

Zoe voltou e encontrou sua melhor amiga limpando a água que aparentemente havia transbordado no fogão. — Esqueceu de diminuir a temperatura? — perguntou, rindo.

— Foi você quem me distraiu — Ruby protestou com uma risada própria.

— Posso terminar de cortar os legumes? — Stephen questionou, olhando para os pimentões, cenouras e brócolis que estavam intocados. — Qual tamanho você quer?

— Do tamanho de uma mordida — disse Ruby. — Vamos refogar.

— Ah... boa escolha — disse ele.

Ruby terminou de limpar e disse:

— Vou correndo até o mercado com Parker. Ele esqueceu de pegar o sorvete.

— Será que são realmente necessárias duas pessoas para fazer isso? — Zoe questionou, mas quando a pergunta foi feita, Ruby já havia ido embora. — Desculpe, todo mundo está estranho esta noite — disse com uma risada nervosa.

— Eles são legais — disse Stephen. — Gosto deles. — Estendeu a mão para trás de Zoe e pegou uma faca do bloco de facas. Parecia um pouco maior que o necessário.

— Aqui, já temos uma — disse Zoe, pegando aquela com a qual Ruby estava se protegendo. — Posso lavar para você.

— Obrigado, mas esta é a que eu preciso de qualquer maneira — disse Stephen.

Ela observou, boquiaberta, enquanto ele trabalhava rapidamente com os vegetais. A faca parecia voar através deles, e Stephen só diminuía a velocidade quando precisava pegar o descascador ou jogar o interior da pimenta no lixo.

— Hum... onde você aprendeu a fazer isso? — perguntou enquanto o último brócolis era jogado na *wok*.

Stephen lavou as mãos e, de repente, pareceu constrangido novamente. — Meu pai — disse, seu olhar não encontrando o dela. — Ele e minha mãe cozinhavam juntos, mas depois que ela morreu, eu me tornei o substituto. Foi uma maneira dele lidar com a situação, acho, mas foi bom para mim também.

— Bem, obrigada — disse Zoe. — Suponho que você não conheça uma receita para um bom molho para verduras refogadas, conhece?

Stephen assentiu lentamente. — Sei, sim, mas não quero assumir o jantar que você planejou para todos.

Zoe acenou para ele. — Encontrei uma na Internet, mas algo me diz que o seu seria melhor.

— Tudo bem. Você deve ter todos os ingredientes. É bem básico — disse, dando-lhe um pequeno sorriso.

Isso fez Zoe se derreter por dentro. Mas só um pouquinho. Ela não iria se permitir se apaixonar por um cara que só estava na cidade o tempo suficiente para bagunçar tudo, e depois deixar todos eles lidarem com as repercussões.

Stephen listou vários ingredientes e ela os pegou na geladeira. Assim como aconteceu com os vegetais, demorou apenas alguns minutos para que o molho ficasse completo e sua *wok* estivesse fervendo.

— Você acabou de tornar minha noite mais fácil — disse Zoe, guardando o molho de soja.

— Fico feliz em ajudar — disse Stephen, e parecia estar falando sério.

Ela o olhou e o encontrou olhando para ela. Zoe limpou a garganta e abriu a porta do armário. — Fico feliz em ouvir isso. Quer me ajudar a arrumar a mesa também? — Estendeu um prato para ele.

— Claro — disse, pegando-o dela. Ele não precisou caminhar muito para colocá-lo sobre a mesa, considerando que a sala de jantar estava ligada à cozinha, com apenas um balcão e alguns bancos de bar separando-os.

Trabalharam em silêncio enquanto ela lhe entregava o resto dos pratos, depois as tigelas e os talheres. Era o tipo de silêncio mais alto que as palavras, o tipo que pressiona você até não aguentar mais e ter que falar. Zoe percebia sua proximidade sempre que lhe entregava um prato e sentia sua ausência

quando ele dava apenas alguns passos até a mesa.

— Você tem hashi? — Stephen perguntou.

— Acho que tenho alguns perdidos em alguma gaveta em algum lugar — disse Zoe, grata de que o silêncio tenha sido quebrado. A tensão diminuiu. Vasculhou o fundo da gaveta de talheres, no qual encontrou um conjunto ornamentado, ainda na embalagem original. Eles eram de um azul-celeste suave com desenhos de orquídeas nas laterais. — O que acha desses? Acho que há o suficiente para todos.

Stephen pegou a caixa dela. — Eles são lindos. Da onde são?

— Ruby viajou pela Ásia por um tempo e os trouxe para mim. Foi há muito tempo, mas acho que sempre achei que eram lindos demais para usar. — Fez uma pausa. — Além disso, não tenho ideia de como usar — disse com uma risada envergonhada.

— Quer que eu te ensine antes que todos voltem? — Stephen perguntou. — Assim, você pode impressioná-los com suas habilidades.

— Eu iria adorar.

Ele abriu a caixa e tirou um par de hashi. — Segure isso enquanto eu pego um pedaço de brócolis para você praticar.

Zoe sentou-se à mesa e pegou os hashi dele. Tentou equilibrá-los entre os dedos, mas eles continuavam deslizando.

— Espere um segundo — disse Stephen, rindo. Colocou alguns pedaços de brócolis e frango no prato dela. — Vamos começar colocando-os em sua mão, um de cada vez. Os de plástico são um pouco mais escorregadios do que os tradicionais de bambu. — Tirou um dos hashi dela.

— Ei, acho que já consegui — ela protestou.

— Não conseguiu não — disse ele com um sorriso provocador. — Tente assim. Coloque-o sob o polegar e no dedo anular.

Zoe franziu a testa, concentrada, e então fez o que ele sugeriu. — Ok, e agora?

— Agora vamos colocar o outro sob o polegar com o primeiro hashi, mas coloque-o no dedo médio.

Demorou um pouco até que ela conseguisse colocar os hashi nas que achava que eram as posições corretas, mas não pareceu certo. — Como diabos eu vou comer com essas coisas? É tão antinatural.

— Não quando você cresce com eles. Eles podem ser qualquer coisa, desde um garfo e uma faca até um par de pegadores e um batedor.

— Tudo isso? — Zoe perguntou. — Então, por que não consigo fazer com que eles se movam? — Tentou juntá-los como sabia que deveriam, mas em vez disso os hashi caíram de sua mão.

Stephen sorriu e pegou-os da mesa. — Seu aperto está muito forte e você estava tentando mover os dois simultaneamente. O hashi na parte inferior permanecerá onde está na maior parte do tempo. Vou te mostrar. — Colocou os hashi nas posições que Zoe tinha colocado, mas conseguiu pegar o pedaço de frango e colocá-lo na boca com um movimento suave e rápido.

— Ei, por que fiquei com o brócolis?

— Desculpe. — Ele riu e pegou outro pedaço de frango da *wok*. — Vamos tentar de novo. — Entregou-lhe os dois hashi e ela os colocou de volta na posição. Ele se inclinou sobre onde ela estava sentada. — Ok, agora você vai deixar este de baixo no lugar, mas mover este de cima com os dedos indicador e médio. — Sua respiração fez cócegas na orelha de Zoe quando ele se abaixou e ajudou os dedos dela a se moverem como deveriam.

A respiração dela engatou com seu toque. Seus dedos seguraram suavemente os dela enquanto pegavam o pedaço de frango juntos.

— Obrigada — Zoe disse, sua voz saindo ofegante. — Você é um excelente professor.

Stephen soltou a mão dela e os hashi se abriram, permitindo que o frango caísse de volta no prato. Ele limpou a garganta e se endireitou. — E é assim que você usa os hashi.

A porta da frente se abriu e vozes ecoaram pela entrada, e Stephen retirou-se para a cozinha. — É melhor eu verificar se o refogado está pronto. Não há nada pior do que vegetais cozidos demais.

Zoe se livrou da presença dele, sentindo falta de sua proximidade, mas grata pelo espaço. — Bem, posso pensar em algumas coisas — disse. — Como a morte. A morte é definitivamente pior do que vegetais cozidos demais.

— Algo está com um cheiro incrível — disse Sam, entrando na sala. Olhou entre Zoe e Stephen. Não disse nada, mas seus olhos disseram tudo quando se iluminaram. — Stephen, estou feliz que você tenha conseguido vir.

— Obrigado pelo convite — disse este. — Não como muitas refeições caseiras.

Zoe hesitou. — Ah, sério? Quer dizer, além das que você cozinha para si mesmo? Porque, Sam, você não viu ainda, mas esse cara é incrível na cozinha.

Os lábios de Sam se contraíram, como se ele estivesse lutando contra um sorriso. — É mesmo?

Percebendo como isso devia ter soado, Zoe lutou contra o calor que se espalhou por seu rosto. — Quero dizer, você sabe, cortando legumes e... outras coisas. — Ela se levantou da mesa. — Vou ver se Katie precisa de ajuda com Liv. — Correu para encontrar a esposa e a filha de Sam antes que ele tivesse a chance de impedi-la.

Zoe gemeu. O que Sam estava pensando quando convidou Stephen para jantar?

Capítulo 10



Stephen pegou outra porção do bolo que o prefeito Freedman havia encomendado na confeitaria. — Este é, sem dúvida, o melhor bolo que já comi.

— Obrigada — disse a Sra. Freedman. — Rebecca faz os melhores bolos, tortas, pães, o que quiser.

— Achemos que um pequeno gesto amigável seria bem-vindo — disse o prefeito Freedman, rindo.

Stephen gemeu. — Você ouviu a história, né?

— Não deixe ele te enganar — Ruby disse com um sorriso. — Sam está apenas encobrindo o fato de que está tendo aulas de culinária e ainda não se pode confiar nele para não intoxicar todo mundo acidentalmente. — Ela se parecia muito com o irmão quando sorria. Stephen ainda estava surpreso com o fato de o prefeito de Amor ser tão jovem, beirando os quarenta anos e estar chegando ao fim do segundo mandato.

— Não vamos assustar Stephen — disse Parker, colocando a mão sobre a dela. — Podemos pelo menos fingir que temos boas maneiras. — Ele deu uma piscadela para Ruby, como se estivesse brincando com ela.

Zoe riu e parecia muito relaxada com o prefeito e sua família. Stephen percebeu que ela não era apenas sua assistente - também fazia parte de sua família, mesmo que não fosse de sangue. — Ele já me conheceu, então qualquer coisa que vocês fizerem parecerá totalmente majestosa — disse ela.

— Zoe tem dificultado a vida para você? — perguntou a Sra. Freedman. — Isso não é muito típico dela.

— Devo trazer à tona o leão dentro dela, então — disse Stephen com um sorriso malicioso.

— De qualquer forma — disse Zoe, parecendo subitamente desconfortável. — Quem está pronto para um jogo?

A Sra. Freedman se levantou para limpar a mesa enquanto olhava para onde sua filha, Liv, havia adormecido no sofá. A menina não tinha mais de três ou quatro anos. — Parece que ela está fora de combate, então podemos ficar — disse com um sorriso. — Esta será a primeira vez em semanas que ela adormece antes das dez horas.

— Ela herdou isso de você — brincou o prefeito Freedman. — Katie é uma coruja, mas eu não consigo ficar acordado depois das nove e meia.

Isso era tão diferente da família que Stephen conhecia. Depois que sua mãe morreu, sobrou apenas ele e seu pai. E embora soubesse que era amado, a única coisa que seu pai sabia era trabalhar. Então, Stephen fez isso ao lado dele. Mas nunca houve jantares em família e certamente nunca houve noites de jogos.

— Você vai ficar para uma ou duas rodadas rápidas? — Ruby perguntou-

lhe.

Stephen instintivamente olhou para Zoe para avaliar sua reação à pergunta. Todos eram casados, exceto eles, e ele não podia deixar de sentir como se tivesse sido armado para ficarem juntos naquela noite.

Porém, se esta tinha uma opinião sobre o assunto, não a demonstrou. Aliás, ela parecia estar conscientemente certificando-se de que seu olhar não encontrasse o dele.

Ele estava prestes a dizer que não queria abusar do convite, quando ela de repente o olhou.

— Você não vai querer perder isso — disse Zoe com um pequeno sorriso.
— Não interessa se você joga ou não, porque irá morrer de tanto rir.

Stephen não pôde deixar de sentir a excitação incendiando seus nervos. Ela queria que ele ficasse. Não que isso importasse. Porque ela era uma parceira de negócios. Uma que, até aquele dia, tinha a intenção de impedi-lo de fazer o seu trabalho. Mas talvez isso ajudasse no relacionamento profissional deles.
— Tudo bem — falou. — Acho que posso ficar um pouco mais.

Ruby bateu palmas de excitação. — Eba! De qualquer forma, é melhor quando há mais pessoas.

— Por quê? — Stephen perguntou, percebendo de repente que não tinha ideia do tipo de jogo que eles tinham em mente.

— Como estão suas habilidades atléticas? — Zoe perguntou.

— Não são maravilhosas — disse lentamente. Estava esperando um jogo de cartas ou algo parecido. — Mas provavelmente são melhores que as suas — acrescentou, pensando em como ela quase desmaiou por causa da corrida curta no início do dia.

Zoe mostrou-lhe a língua, mas Ruby sorriu e disse:

— Perfeito.

— Sabe, acho que me esqueci de um compromisso que já tinha marcado — disse Stephen, não gostando de como Ruby parecia feliz. — Obrigado pelo convite de qualquer maneira. — Levantou-se da mesa.

O prefeito Freedman e Parker riram, mas Ruby estreitou os olhos.

— Sente-se — ela disse.

— Mas eu...

Ela balançou a cabeça. — Não. Não quero ouvir suas desculpas. Você vai jogar o Jogo das Colheres conosco.

Alívio inundou Stephen. Se pensavam que esse jogo exigia habilidades atléticas, não deviam sair muito. O máximo que ele teria que se mover seria estender a mão e pegar uma colher do meio da mesa assim que tivesse quatro cartas iguais.

Sentou-se novamente. — Eu sei jogar o Jogo das Colheres — disse. — Na verdade, sou o mestre das colheres.

O prefeito Freedman e sua esposa sorriram e Zoe escondeu uma risada atrás da mão.

— O quê? — Stephen perguntou, sentindo-se como se estivesse de fora de

uma piada interna.

— Não jogamos da maneira... tradicional — disse a Sra. Freedman.

— Todos em posição, pessoal — disse Zoe.

Imediatamente, todos se levantaram e foram para a sala. O prefeito Freedman pegou sua filha adormecida nos braços e carregou-a para cima. O sofá foi então movido para o centro da sala. Ruby pegou cinco colheres na cozinha e seguiu o prefeito escada acima.

— Aonde ela está indo? — Stephen perguntou. — Achei que brincaríamos aqui.

— Brincaremos — disse Zoe.

— Então... estou confuso.

A Sra. Freedman sorriu. — Brincamos no chão daquele lado do sofá — disse, apontando para o outro lado da sala. — Depois de conseguir quatro cartas iguais, você tem que pular do sofá e correr escada acima para pegar a sua colher.

Todos pareciam achar hilário o olhar de surpresa que Stephen exibia, porque caíram na gargalhada.

— O que aconteceu com ser sorrateiro e pegar uma colher quando ninguém está prestando atenção? — Ele perguntou em uma última tentativa de evitar qualquer desastre que estivesse prestes a acontecer. Tinha apenas trinta e oito anos, mas pular sobre sofás era o tipo de coisa que teria feito há uma década. Ele não tinha se exercitado regularmente nos últimos anos e tinha uma barriguinha para provar isso.

— Onde está a diversão nisso? — Zoe perguntou com os olhos brilhantes. Podia dizer que ela estava animada para ver como tudo isso acabaria. Ela provavelmente esperava que ele caísse de cara no chão, ou pior. — Todos tirem os sapatos — disse ela, antes de tirar os seus e sentar-se de pernas cruzadas no chão. Retirou as cartas e começou a embaralhá-las.

Stephen olhou ao redor da sala, notando pela primeira vez a incomum decoração de Zoe. Uma luminária de unicórnio estava no canto, e um relógio de unicórnio e um pôster combinando estavam pendurados na parede oposta.

— Você tem que ver os outros cômodos dela — Ruby disse, dando-lhe uma cotovelada. Ela deve ter notado que estava observando. — Cada cômodo tem um tema diferente.

— Não notei nada de incomum na cozinha.

— Está em transição. Ela diz que sua ‘musa’ ainda não falou com ela sobre qual deveria ser o novo tema.

Stephen balançou a cabeça, divertido. Isso não era nada parecido com seus outros trabalhos. Mas esta cidade também não era como qualquer outra cidade em que já estivera. E, se ele queria a cooperação dos empresários, precisava da cooperação das pessoas que agora estavam sentadas em círculo, descalças, no chão.

— Você vem? — Ruby perguntou, virando-se para olhá-lo. — Ou vai desistir porque está com medo?

— Eu vou — disse.

— Bom, porque desistir não era uma opção real.

Stephen chamou a atenção de Zoe do outro lado da sala e ergueu uma sobrancelha. Ela apenas riu.

Ele se juntou ao círculo e as cartas foram distribuídas. O prefeito Freedman começou escolhendo uma carta, trocando uma das suas e depois passando-a para a Sra. Freedman. Esta fez o mesmo e passou a carta para Zoe. Stephen tinha dois oitos, um quatro e um ás na mão. Zoe passou-lhe um oito. Ele recolocou os quatro e passou uma para Parker. Continuou assim até que a Sra. Freedman de repente saltou de onde estava sentada e pulou sobre o sofá, mais graciosa do que Stephen teria pensado ser possível.

Nos segundos seguintes, a ordem se transformou em caos. O prefeito Freedman perseguiu sua esposa e a seguiu escada acima, lutando para alcançá-la. Zoe e Ruby pularam simultaneamente e lutaram para se posicionar enquanto ambas caíam no sofá, agitando os membros. Elas conseguiram se reerguer e subiram as escadas trovejando, enquanto, ao mesmo tempo, o prefeito Freedman descia correndo as escadas, uma colher erguida triunfantemente no ar, com a Sra. Freedman logo atrás dele, uma colher na própria mão.

— É melhor você se mexer — disse Parker enquanto pulava do sofá com um movimento. — Pelo menos não serei o último, pela primeira vez — gritou por cima do ombro.

Quando Stephen pensou em sair de seu lugar no chão, todos, exceto Parker, estavam de volta e respirando com dificuldade.

— Você deveria ter ido buscar uma colher assim que Katie foi — disse Zoe, desabando ao lado dele e rindo. — Elas foram colocadas no corredor, no topo da escada.

— Sim, percebi isso — disse ele. — Embora pareça que demorei um pouco para descobrir o que estava acontecendo.

Isso só a fez rir ainda mais, o que acentuou suas bochechas, que já estavam rosadas pelo esforço. — Você se sairá melhor da próxima vez.

Stephen não tinha certeza se queria uma próxima vez. Esta não era o tipo de noite de jogo que estava esperando - isso era puro pandemônio. E, francamente, sentiu-se um idiota por ficar sentado ali enquanto todos riam e corriam por todo lado. Ele não se encaixava ali. Todos certamente devem ter percebido isso. E ainda assim fingiram que pertencia.

Por quê?

— Acho que eu deveria encerrar a noite — disse, movendo-se para se levantar.

Zoe o olhou surpresa. — Tão cedo?

Do jeito que ela disse isso, parecia que estava decepcionada por ele estar indo embora. Isso fez o seu pulso acelerar, mas ele sabia que, se ficasse, simplesmente faria papel de bobo. E não queria fazer isso na frente de Zoe. Não que se importasse com o que ela pensava. Porque não se importava. Na

maioria das vezes.

Também não queria parecer um idiota na frente do prefeito Freedman, embora... pela maneira como este tinha segurado vitoriosamente a colher no ar no topo da escada, talvez ele não fosse alguém com quem Stephen precisasse se preocupar.

— Sinto muito, preciso ir — disse Stephen. — Eu me diverti muito, no entanto. Obrigado pelo jantar.

— Obrigada por ajudar com isso — disse Zoe com um sorriso suave.

— Oooh, não pode ficar só mais uma rodada? — Ruby perguntou, dando-lhe um olhar de cachorrinho.

Stephen estava prestes a dizer não, mas então ela começou a fazer uns sons de lamento. Como poderia dizer não a isso? Riu. — Tudo bem, mas só mais uma.

— E você tem que pelo menos tentar conseguir uma colher desta vez — disse a Sra. Freedman.

— Prometo que vou tentar.

Ruby aplaudiu e Stephen percebeu que Zoe também parecia satisfeita.

Todos se sentaram em círculo enquanto o prefeito Freedman embaralhava as cartas novamente e sua esposa devolvia as colheres ao topo da escada. Stephen não conseguiu uma mão particularmente boa - era pior que a anterior - mas ninguém se levantou ao passar as cartas. Todos deviam ter conseguido algo semelhante a ele. Foi quando Zoe lhe entregou um sete que ele percebeu que tinha quatro iguais. Passou o cartão que não queria para Parker.

Ele poderia fazer isso. Claro, era um pouco ridículo, mas tudo o que precisava fazer era pular um sofá e subir algumas escadas para provar que não era tão chato quanto todos certamente pensavam que era.

Stephen largou as cartas e saltou em direção ao sofá. Havia dado apenas mais dois passos quando recuou. Zoe agarrou-lhe o braço e o usou para se impulsionar para frente.

— Isso não é contra as regras ou algo assim? — perguntou, tentando se livrar dela. — Falta!

— Não existe falta no Jogo das Colheres — disse ela, rindo.

Pularam em direção ao sofá e ambos pousaram no encosto ao mesmo tempo. Zoe ainda o segurava, e ele tentou se levantar do sofá, mas o peso combinado deles devia ser demais para o pobre móvel. Stephen sentiu o desequilíbrio antes de perceber que o sofá estava tombado para trás.

Antes que tivesse tempo de avisar, ele e Zoe caíram para trás, com o sofá caindo em cima deles.

— Ah — ela disse com um gemido, enquanto ria ao mesmo tempo. — Acho que o sofá não é tão resistente quanto eu pensava.

— Uhum — Stephen disse com um gemido próprio. O sofá realmente pesava menos do que parecia, e o prefeito Freedman e Parker conseguiram levá-lo com facilidade.

Mas foi aí que a dor bateu. Começou no dedo do pé dele e subiu pela perna

direita.

— Algo não parece certo — disse.

— O que você quer dizer? — Zoe perguntou, sentando-se.

— Acho que quebrei algo.

Ela torceu o nariz. — Mesmo? — Inspecionou o sofá. — Nada parece estar quebrado.

— Não, no meu pé. — Ele não queria parecer que estava exagerando, porque, na verdade, era bobagem pensar que algo tão pequeno como cair de um sofá durante um jogo de colheres poderia quebrar um osso, mas a dor que irradiava pelo seu pé não mentia. Tentou se levantar, mas quando o fez ouviu um estalo alto.

— Eu ouvi isso — disse Zoe, arregalando os olhos. — Vamos levá-lo ao médico.

— Não vamos encontrar um médico aberto a esta hora da noite — disse o prefeito Freedman, olhando a hora em seu telefone.

Um grito ecoou no andar de cima e a Sra. Freedman foi ver como estava sua filha.

— Mas deveria haver um atendimento de emergência, não? — Stephen perguntou, equilibrando-se na perna boa.

— Não temos atendimento de emergência por aqui — disse Zoe. — Vamos ter que ir até o pronto-socorro.

Ele fez uma careta. Odiava hospitais, e parecia um pouco exagerado para algo como um dedo do pé quebrado. — A que distância fica?

— Cerca de quarenta minutos — disse o prefeito Freedman.

Ruby entregou-lhe um saco de gelo que ela deve ter corrido para pegar enquanto ele não estava olhando.

Stephen acenou com a cabeça como forma de agradecimento e depois se voltou para o prefeito Freedman. — Precisamos muito conversar sobre como conseguir um atendimento de emergência para vocês, considerando quantos turistas estão começando a receber — disse. — Não podemos esperar que as pessoas dirijam tão longe assim se ficarem doentes. Talvez possamos revisar minha proposta para incluir uma.

Zoe encolheu os ombros. — Nós fazemos isso o tempo todo.

— Mas ele tem razão — disse Parker, falando de onde estava ao lado de sua esposa. — Não foi uma surpresa agradável quando me mudei para cá e acordei no meio da noite com uma infecção no ouvido e tive que aguentar enquanto Ruby me levava até lá.

— Em vez de debater se precisamos de atendimento de emergência ou não, o que você acha de cuidarmos de Stephen primeiro? — A Sra. Freedman perguntou enquanto descia as escadas com a filha nos braços.

— Odeio dar trabalho para alguém — disse este. Como o hospital mais próximo ficava tão longe, quem quer que o levasse ficaria acordado até tarde da noite. As salas de emergência não eram exatamente conhecidas por serem rápidas.

— Você não pode dirigir com o pé quebrado — disse Zoe. — Eu te levarei.
— O tom dela era firme e Stephen sabia que não havia espaço para discussão.
— Tudo bem. Obrigado — disse, mancando em direção à porta da frente.
Fez uma pausa e se virou para encarar o resto do grupo. — Obrigado por me convidarem esta noite. Sinto muito por ter estragado a noite de jogo de vocês.
— Você não estragou nada — disse o prefeito Freedman. — Você a deixou ainda mais animada.

Stephen sabia que o prefeito estava apenas sendo gentil e isso de alguma forma o fez se sentir pior com toda a situação.

O lado positivo era que estava prestes a passar várias horas com Zoe. Talvez quando a manhã chegasse, ela já estaria gostando dele. Ou talvez isso solidificasse a opinião dela sobre ele e ela o expulsasse da cidade. Pensando nos últimos dias, percebeu que a última opção era uma possibilidade real.

Capítulo 11



Zoe acelerou pela estrada deserta. Não havia muita coisa entre Amor e a próxima cidade. Olhou pelo espelho retrovisor para Stephen, que estava sentado no banco de trás, com a perna apoiada ao lado dele. Seus lábios formavam uma linha tensa, como se estivesse tentando evitar que a dor escapasse.

— Você já quebrou um osso antes? — perguntou, tentando puxar conversa. Esperançosamente, isso iria distraí-lo da dor. Ela havia quebrado o braço uma vez, e seus amigos a fizeram cantar a plenos pulmões para ajudá-la a se distrair. As enfermeiras e os médicos do pronto-socorro não gostaram muito, mas isso tinha a ajudado.

— Não — disse ele, com a voz tensa. — Quando criança, eu não diria que era aventureiro.

— Mesmo? Pelos movimentos que fez no sofá, nunca teria imaginado — disse Zoe com uma pequena risada.

— Sinto muito por tudo isso.

— Eu estava brincando — disse ela, vendo que ele não tinha percebido que estava brincando. — A primeira vez que decidimos ir ao extremo com nossas noites de jogos, Sam acabou de costas no chão.

Stephen riu. — E vocês decidiram fazer disso uma tradição semanal, hein?

— Não no início. Mas rimos por trinta minutos seguidos e isso era algo do qual todos precisávamos. Todos nós já passamos por muita coisa.

Houve uma pequena pausa.

— O que aconteceu com você? — Stephen finalmente perguntou, com a voz suave, como se não tivesse certeza se era uma pergunta que tinha permissão para fazer.

Já fazia tempo suficiente que Zoe conseguia falar sobre isso, mas não tinha certeza se queria.

Ele deve ter percebido a hesitação dela, porque disse rapidamente:

— Sinto muito. Isso não é da minha conta.

Agora que ele havia recuado, Zoe percebeu que queria contar-lhe. — Não, está tudo bem. — Solto um suspiro lento. — Meu irmão morreu há vários anos em um acidente de avião.

— Deve ter sido horrível — disse Stephen.

— Sim, foi. Nós tínhamos nos afastado e finalmente havíamos nos reconectado de novo. Queria que tivéssemos tido mais tempo. — Ela estava satisfeita por não ter começado a chorar imediatamente. Seus olhos nem sequer lacrimejaram. Era um bom progresso. Poderia finalmente falar sobre isso. — É claro que Ruby levou a morte dele muito pior do que eu, então acho que isso me ajudou a superar mais facilmente. Uma de nós tinha que ser forte.

Zoe olhou para trás e viu a confusão estampada em seu rosto. Ah, certo.

Ele não sabia.

— Ele foi o primeiro marido de Ruby — disse. — Ela é minha cunhada-irmã, ou pelo menos ainda a considero minha irmã, embora ela tenha se casado com Parker há alguns anos.

— Isso deve ser legal. Eu gostaria de ter uma irmã ou um irmão — disse Stephen.

— Você é filho único?

— Sim. Ninguém para me provocar implacavelmente. Sempre pensei que isso teria sido divertido.

Zoe deu-lhe um sorriso irônico. — Todos nós queremos algo diferente do que temos.

— Como um dedo do pé quebrado. Queria não ter que lidar com isso agora.

Com um movimento da seta, ela saiu da rodovia. — Estamos quase lá, e então podemos arrumar alguns analgésicos incríveis para você.

— Vocês precisam seriamente de um hospital.

Zoe riu. — Você deixou sua sugestão na caixinha?

— Hum... onde eu faria isso?

— Na prefeitura. Há uma caixinha de sugestões. Claro, você provavelmente não viu por que já se passaram anos desde que alguém realmente a usou, e provavelmente já está camuflado com poeira.

— Devo ter deixado passar.

Zoe o viu de relance pelo espelho retrovisor. Estava olhando para ela e exibia um leve sorriso.

— Você também poderia ter usado a da minha casa — disse ao virar em um semáforo.

— Você tem uma caixa de sugestões em sua casa?

— Claro — disse Zoe. — Redecoro todos os anos ou algo assim, e se alguém está cansado dos poodles dançantes na minha cozinha, eu quero saber. Não quero?

Houve um momento de silêncio, seguido pela declaração de Stephen:

— Você é uma pessoa muito interessante. Sabe disso, né?

— Por interessante, você quer dizer estranha? ‘Interessante’ geralmente é o que as pessoas dizem quando estão tentando ser legais. — Entrou na área do hospital e estacionou o mais próximo possível da sala de emergência.

— Não, quero dizer que realmente acho você interessante.

Ela se virou na cadeira e seus olhos encontraram os dele. Stephen não desviou o olhar.

— Tudo bem, acredito em você — disse, saltando do carro. Abriu a porta e ele passou um braço em volta dos ombros dela, enquanto deslizava para fora. Pulou ao lado dela, o que tornou um pouco difícil para Zoe andar enquanto passavam pelas automáticas portas deslizantes que levavam ao pronto-socorro. Acomodando-o, ela disse:

— Vou pegar a papelada para você preencher.

Vários minutos depois, Stephen estava preenchendo todas as suas

informações, mas fez uma pausa, a caneta pairando no ar entre as pontas dos dedos.

— Terminou? — Zoe perguntou. — Isso foi rápido. Eles pedem informações suficientes para roubar sua alma.

Um garotinho estava sentado ao lado deles, com uma bandagem na mão. Ao ouvir as palavras dela, sua cabeça se ergueu, ansiedade nos olhos.

— Estou brincando — ela disse rapidamente. O menino retribuiu com um meio sorriso, como se não achasse nada engraçado, mas fosse fingir.

Zoe baixou a voz para um sussurro. — Eu, na verdade, não estou brincando. Acho que há uma conspiração acontecendo aqui.

Stephen riu. — Não, ainda não terminei.

— Ufa, estava começando a pensar que você tinha habilidades sobre-humanas. — Fez uma pausa. — Espere, você não tem? Porque você pode confiar totalmente em mim com sua identidade secreta. — Então, percebeu que algo parecia errado. Havia algo em seus olhos que os fazia parecer desapontados ou até mesmo tristes. — Qual o problema?

Ele soltou um longo suspiro. — Estava apenas buscando informações de contato de emergência, mas... não tenho ninguém para colocar.

— E o seu pai?

Stephen balançou a cabeça lentamente. — Trabalhamos para a mesma empresa, mas ele está fora do país a trabalho. Ele trabalha em muitos imóveis internacionais.

— Sem madrastra, tias ou tios?

— Não tenho nenhuma outra família que eu conheça.

O coração de Zoe se partiu ao ver o quão triste ele parecia. Claro, ela havia perdido o irmão, mas ainda tinha os pais, mesmo que eles morassem do outro lado do país. — Coloque Sam e eu como seus contatos de emergência. E pode aproveitar e colocar Ruby também.

Os olhos dele se arregalaram, parecendo, ao mesmo tempo, esperançosos e incertos. — Tem certeza? Não quero te dar mais trabalho do que já fiz.

Ela riu. — Não é como se eu estivesse doando um rim. A menos que você precise de um, e então ficarei feliz em doar. Mas, por enquanto, é apenas um número de telefone.

Stephen sorriu, e desta vez foi genuíno. — Obrigado.

Zoe recitou os números de celular dela, de Sam e de Ruby e depois entregou a papelada para a enfermeira. Após duas horas de espera, finalmente fizeram uma radiografia do pé de Stephen, e seu dedão do pé estava realmente quebrado. Não puderam colocar uma tala, mas deram-lhe uma bota para usar e um par de muletas antes de mandá-lo embora.

Eram quase duas da manhã quando chegaram a Amor. Zoe lutava para manter os olhos abertos e, quando olhou para trás, viu que Stephen estava dormindo no banco de trás, balançando a cabeça a cada batida.

Ela estacionou em frente ao hotel e o cutucou. — Ei, dorminhoco. Estamos de volta.

Ele piscou várias vezes, depois se espreguiçou e olhou em volta. Seu cabelo estava bagunçado em ângulos estranhos e Zoe teve que lutar contra o impulso de colocar no lugar novamente para ele. — Isso foi rápido.

— Claro, para quem dormiu — ela disse com um pequeno sorriso.

— Eu dormi?

Zoe levantou uma sobrancelha. — Você honestamente não percebeu que dormiu o caminho todo?

Stephen abriu a porta, deixando o ar fresco da noite entrar. — Não me lembro de nada. — Tentou colocar as muletas na calçada para poder usá-las ao sair do carro, mas as pontas ficaram presas no banco e voaram para o meio da rua.

— Fique aí. Vou buscá-las — disse. Com medo de que ele caísse junto com as muletas, pulou do carro. Não havia trânsito a essa hora da noite em Amor, mas a última coisa de que precisava era que Stephen quebrasse o outro dedo do pé. Ela pegou as muletas e entregou-as a ele. — Vou acompanhá-lo até o seu quarto — disse.

— Eu não preciso... — Sua voz foi interrompida quando ele tropeçou no meio-fio.

— Como eu disse, irei acompanhá-lo até o seu quarto. — Trancou o carro e abriu a porta do hotel para ele.

Só quando estavam no saguão, esperando o elevador, é que Stephen falou.

— Obrigado.

— Não foi nada. — Zoe realmente tinha tido uma ótima noite. Havia gostado de recebê-lo para jantar. Ele era um cozinheiro incrível, e a forma como seus dedos pousaram sobre os dela enquanto a ensinava a usar os hashi - sentiu um rubor tomar conta de suas bochechas e afastou esses pensamentos. Mas apenas se sentar no carro e conversar... - tinha sido bom.

— Ficar comigo no pronto-socorro por horas não é nada — disse ele enquanto a campainha do elevador tocava e as portas se abriam. Mancou para dentro e Zoe certificou-se de que as muletas não prendessem na borda de metal.

— Perguntaria em que andar você está, mas considerando que há apenas dois, vou dar um palpite. — Apertou o número dois. Antes que pudesse se conter, continuou. — Não é o que você faz, mas com quem você está que importa, sabe. Até um hospital pode ser agradável. — Ela fechou os lábios, imediatamente se perguntando por que havia dito isso. Ele iria dar muita importância a isso.

Como se fosse uma deixa, Stephen sorriu. — Então, você está dizendo que finalmente gosta de mim.

Zoe cruzou os braços. — Não, estou dizendo que a noite não foi horrível — disse, mostrando a língua.

As sobrancelhas dele se franziram. — Sei que disse umas coisas que não deveria. Estava frustrado quando as disse, mas isso não é desculpa. Me desculpe.

Seu olhar caiu para o chão. — Não, você tem sido um santo dadas as circunstâncias. Sua reação foi moderada em comparação com o que eu fiz você passar.

Stephen suspirou. — Isso vem com o trabalho. Mas será pedir demais que eu saia de um local de trabalho com mais amigos do que inimigos, pelo menos uma vez?

A porta do elevador se abriu e Zoe saiu. Ela segurou a porta para ele, evitando que se fechasse na sua cara. — Nunca pensei nisso dessa forma.

Caminharam em silêncio até que Stephen diminuiu a velocidade e parou próximo a uma porta perto do final do corredor. Ele procurou no bolso o cartão-chave e o estendeu para Zoe.

— Você se importa?

Ela pegou o cartão, mas quando o fez, os dedos dele roçaram os dela. Zoe tentou ignorar as descargas elétricas que subiam por sua mão enquanto recuava e inseria o cartão na porta. Ele apitou e ela abriu a porta para ele.

— Acho que consigo lidar daqui para a frente — disse Stephen, jogando as muletas no quarto e pulando no lugar até ficar de frente para Zoe. — Mas estou falando sério. Obrigado por esta noite. Sei que você não gosta do motivo de eu estar na cidade e sei que não gosta de me ajudar com isso. Mas só alguém com um bom coração dirigiria até lá por alguém que acabou de conhecer.

A voz de Zoe ficou presa em sua garganta. A maneira como ele a olhava, - havia muita honestidade em seu olhar. Ela agora sabia por que Sam a convidou para trabalhar com Stephen. Sam estava certo. Ele era diferente, e da maneira certa. — Mande uma mensagem para mim ou para Sam se precisar de alguma coisa — disse, com a voz rouca. — Afinal, somos seus contatos de emergência. — Não sabia mais o que dizer. A maneira como ele estava olhando a deixou nervosa. Não de uma forma ruim. Mas de uma...

Stephen perdeu o equilíbrio e se apoiou com uma das mãos na parede ao lado de Zoe. Eles estavam agora muito mais próximos. Tão perto que, se ele se inclinasse só mais um centímetro, ...

— Está ficando tarde. Eu provavelmente deveria ir embora — disse ela, recuando, tentando ignorar a decepção que brilhou no rosto dele.

Essa tinha sido a saída mais idiota da história? Sim. Todos usavam o famoso 'está ficando tarde'. Mas não podia deixá-lo fazer o que ela pensava que ele estava prestes a fazer.

Deu-lhe um pequeno aceno e disse:

— Sam não se importará se chegarmos ao trabalho mais tarde amanhã, considerando as circunstâncias. Que tal eu te encontrar no escritório às dez? — Ela não esperou pela resposta dele, enquanto corria de volta pelo corredor em direção ao elevador.

Encostou a cabeça na parede de metal fria enquanto o elevador descia até o primeiro andar. Assustou-a o quanto queria estar perto de Stephen. E ela poderia dizer que ele também sentia isso. Mas entre mil razões pelas quais

isso não era uma boa ideia, uma se destacava entre as demais.

Zoe Flores nunca havia sido beijada.

E ela não estava disposta a mudar isso por um construtor imobiliário que estava apenas passando pela cidade.

Capítulo 12



Stephen estava deitado na cama, com o pé apoiado numa pilha de travesseiros. Olhou para o telefone. Eram apenas sete e meia. Só deveria encontrar Zoe às dez horas, mas ainda não sabia como isso iria acontecer. Ele não havia dormido muito e, apesar dos remédios que havia tomado, a dor não havia o abandonado por um minuto sequer. Durante a noite, tinha sido tão ruim que a única coisa que pôde fazer para obter algum alívio foi mancar pelo pequeno quarto do hotel. Por alguma razão, isso ajudou a aliviar a tensão.

Uma coisa era certa: ele não conseguiria conversar com nenhum dos proprietários por alguns dias. Entre a falta de sono, a dor e os remédios que estava tomando, quem sabia o que acabaria dizendo? Apostava que nada de bom.

Pegou o telefone e encontrou o número de Zoe em sua agenda. Seu dedo parou sobre o nome dela. Antes que conseguisse reunir coragem para ligar, no entanto, seu telefone ganhou vida em sua mão. O nome de seu pai apareceu na tela. Ele nunca ligava quando estava fora do país - ou no país mesmo, por sinal. O que poderia querer?

Com apreensão, atendeu a ligação.

— Olá?

— Stephen, que bom que consegui falar com você. Como vão as coisas em Amor? Você já fechou com as propriedades?

Direto ao ponto, como sempre.

— Ainda não. Tive um pequeno percalço com o proprietário de uma das empresas, mas fecharei todas até o final da semana. Tenho total aprovação do prefeito em tudo. Ele até pediu para sua assistente me acompanhar para tudo correr bem.

— Isso não é muito comum, mas que ótimo.

— Sim, este não tem sido um trabalho comum, disso tenho certeza.

Stephen ouviu papéis farfalhando ao fundo. — Quantas das cinco propriedades você tem no momento?

Ele fechou os olhos com força e murmurou:

— Uma.

O silêncio encheu a linha até que ele mal conseguisse aguentar.

— Sei que você está fazendo o seu melhor, filho, mas Fillmore está me pressionando. Ele sabe que você é um dos melhores que ele tem e o quer de volta em outro trabalho. Você precisa terminar as coisas por aí e voltar, de preferência na próxima semana.

Os olhos de Stephen se abriram. — Na próxima semana? — exclamou. — Isso não é tempo suficiente para fazer tudo. Depois de adquirir as propriedades, há as licenças e...

— Eu sei como o processo funciona. — A voz de seu pai estava cansada,

como se só essa conversa estivesse exaurindo-o. — Compre as propriedades e faça o que puder nas próximas uma ou duas semanas, depois volte e faça o resto por telefone e e-mail.

— Tudo isso enquanto tento fazer outro trabalho? Achei que este era um negócio importante, um que me daria uma promoção se fosse bem-feito.

— E é, assim como o outro trabalho que ele tem em mente para você.

Stephen esfregou as têmporas. Isso nunca iria acabar?

— Farei o que puder — disse finalmente.

— *Esse é meu garoto.* — Seu pai parecia resignado, como se tivesse sido o portador de más notícias - pressionando Stephen a fazer algo que não queria. — *Mantenha-me informado* — disse ele.

— Tchau, pai — disse e encerrou a ligação. Sentou-se na cama, com a mente entorpecida. Esperava ficar em Amor por pelo menos mais um mês. Apenas mais uma semana? Seu dedo do pé sentiu uma pontada de dor, como se o lembrasse de que estava lá. Ainda quebrado. O novo prazo não mudava o fato de que não poderia trabalhar por pelo menos mais um dia.

A sua atenção voltou-se para o telefone em sua mão. Tocou o ícone ao lado do nome de Zoe. Por um momento, torceu para que a ligação fosse para o correio de voz dela e ele pudesse simplesmente deixar uma mensagem.

Essa esperança desapareceu quando ela atendeu o telefone no terceiro toque.

— *Olá, Zoe Flores falando.* — Sua voz estava suave, como se ela estivesse tentando mascarar seu próprio cansaço, mas sem muito sucesso.

Ele limpou a garganta. — Olá, Zoe. Desculpe ligar tão cedo. É o Stephen. McAllister. O incorporador imobiliário com quem você está trabalhando.

A risada dela flutuou através da linha. — *Eu sei quem você é.*

O silêncio preencheu a linha e sua mente fervilhou com todas as coisas que poderia dizer, mas nenhuma delas parecia certa.

— *Então... como posso ajudá-lo?* — Zoe finalmente perguntou.

— Peguei seu número quando preenchi a folha de contato de emergência ontem à noite — deixou escapar, não querendo que ela pensasse que a estava perseguindo ou algo assim.

— Eu sei — disse ela. — Vi você salvando no seu telefone.

Ah, certo. Ele estava sentado bem ao lado dela.

— *Como está o seu pé?* — ela questionou.

Stephen esfregou os olhos. O que havia nessa garota que apagava seu cérebro e acendia todo o resto? — Na verdade, é por isso que estou ligando. Ele me manteve acordado a noite toda e não acho que conseguirei sair para visitar nenhuma empresa hoje.

— Eu sinto muito. Convidamos você para jantar e você saiu pior do que quando chegou. Não consegui parar de pensar nisso a noite toda — disse Zoe.

— Não posso culpar ninguém, além de mim mesmo — disse ele, balançando a cabeça negativamente. — É o tipo de coisa que tende a acontecer comigo.

— Bem, sinto muito mesmo assim. E não se preocupe em tirar o dia de folga. Não marcamos nenhuma reunião oficial, então isso não será nenhum problema.

Poderia ter sido apenas na imaginação dele, mas Stephen pensou ter ouvido um tom de alívio na voz dela.

— Ok, obrigado — disse.

Houve um longo silêncio.

Stephen não queria desligar, mas não conseguiu pensar em mais nada para dizer. — Então... acho que vou deixar você trabalhar. Tenha um bom dia.

— *Espere* — disse Zoe, antes que ele pudesse encerrar a ligação.

Ele esperou com expectativa, mas demorou um momento antes que ela continuasse.

— Estava pensando, como você não tem nada para fazer hoje, e todos os meus planos giram em torno de você... — Fez uma pausa. — Ah, meu Deus, não foi isso que quis dizer. Quis dizer no sentido de que sou eu quem devo levá-lo para passear e apresentá-lo aos empresários...

Stephen riu. — Entendi o que você quis dizer. — Mas a ideia de ter os planos dela girando em torno dele... não era desagradável.

— De qualquer forma, você está aqui por causa de todos os turistas espaciais, certo? Se saíssemos agora, você poderia ver o motivo de todo esse rebuliço, o porquê de todos eles estarem vindo para cá. — Fez uma pausa e, depois, seguiu em frente. — A menos que seu pé esteja doendo muito. Acho que, se você não está em condições de trabalhar, provavelmente não gostaria de ir até o meio do deserto. Desculpe, isso foi insensível da minha parte.

— Você quer dizer... ir até a base espacial? — Ele não sabia que o público em geral era permitido por lá.

— Não podemos entrar na base espacial, é claro — disse Zoe, respondendo à sua pergunta não feita. — E quando foi inaugurado, apenas convidados especiais podiam ver os lançamentos. Mas agora os lançamentos são abertos ao público em geral e tem um acontecendo hoje. Acredito que eles já terão partido quando chegarmos lá, mas poderíamos ver o retorno.

— Isso parece ótimo, na verdade — disse Stephen. Tinha ouvido falar muito sobre isso e, poder ver pessoalmente... não achava que teria esse tipo de oportunidade novamente. Não iria deixar algo como um dedo do pé quebrado detê-lo.

— Você tem certeza? Não quero pressioná-lo a fazer nada.

— Certeza. Posso deixar meu pé levantado no carro e seria bom ter algo para me distrair da dor.

— Ótimo. Vou te buscar. Quinze minutos é muito pouco? Podemos parar e tomar café da manhã no restaurante no caminho.

Café da manhã no restaurante e viagem à base espacial. Se Stephen não soubesse bem, diria que isso estava se parecendo com um encontro. Ainda bem que entendia bem as coisas.

— Estarei a sua espera na porta — disse ele.

— Não precisa que eu suba até seu quarto? — Um momento se passou e então ela disse: — Lá vou eu de novo, né? Nada está saindo do jeito que quero dizer. Quis dizer, caso você precise de ajuda com muletas e tudo mais.

Stephen sorriu, feliz por ela não poder ver o calor que se espalhava por seu rosto. — Não estava planejando levar minhas muletas. Devo ficar bem apenas com a bota.

— Mas se você as trouxer, receberemos tratamento especial. Melhor ainda, você tem cadeira de rodas?

— Prefiro apenas usar a bota...

— *Você acha que consegue ficar nesse pé por algumas horas seguidas?* — Zoe interrompeu, sem lhe dar tempo para protestar, embora ele realmente não achasse que merecia tratamento preferencial. — *Porque não sei se eles têm cadeiras ou algo para você sentar se precisar fazer uma pausa.*

Ela tinha razão. Duas horas eram diferentes de dez minutos, que era o tempo que ele havia permanecido ali até agora.

— Tudo bem — concedeu. — Vou levar as muletas. Mas encontro você na frente do hotel. — Não queria que Zoe ficasse muito confortável subindo ao seu quarto de hotel. Honestamente, ficava ansioso só de pensar nisso.

— *Vejo você em breve* — disse ela, depois desligou.

— Essa mulher — Stephen murmurou enquanto lutava para ficar de pé e saltava até sua mala. — Não sei o que pensar dela.

Stephen fez uma careta quando passaram por um quebra-molas na estrada. Desta vez, ele havia insistido em se sentar no banco da frente, não querendo se sentir como se Zoe fosse sua chofer, mas agora estava se arrependendo. O carro dela era pequeno e ele se sentia apertado, apesar de ter deslizado o banco totalmente para trás.

— Você está bem aí? — Zoe perguntou.

Ele a olhou e percebeu que um pedaço de ovo do café da manhã ainda estava grudado em seus lábios. Sorriu e depois se virou para olhar pela janela.

— O que foi? — ela questionou, as sobrancelhas franzidas em confusão.

— Você não comeu todo o seu café da manhã.

Ela abaixou o visor e olhou no pequeno espelho. — Ah, meu Deus. Tenho estado uma bagunça ultimamente.

Stephen olhou da mão dela no volante para a estrada à frente deles, depois para ela, que ainda se olhava no espelho e não prestava atenção para onde estavam indo. Ele estendeu a mão e a colocou no volante, só para garantir.

Zoe levantou o visor e olhou para a mão dele, divertida. — Deixo você ansioso?

— Só um pouquinho — disse ele, e nunca houve resposta mais honesta.

Houve situações em que ficou tão frustrado com ela que desejou que o prefeito Freedman nunca os tivesse apresentado. Em outras, perguntou-se como ela havia sobrevivido tanto tempo sozinha - momentos como este, quando ela não parecia dar muita importância à sua própria segurança pessoal.

Mas houve outras ocasiões, mais raras, mas mais poderosas, em que quis abraçá-la e beijá-la até ambos ficarem sem fôlego. A noite anterior tinha sido uma delas.. Eram os momentos em que via que Zoe era confiante, engraçada, altruísta e bonita, e que o fazia querer ser uma pessoa melhor.

— Você nunca respondeu à minha pergunta — disse ela, apontando para o pé dele. — Como está indo? Parece que teve uma noite difícil.

Stephen assentiu. — Sim, pode-se dizer isso. O remédio que me deram não fez nem cócegas. Parece que me sinto melhor quando me movo, embora seja difícil andar sobre ele, então é irritante.

Zoe sorriu e passou os dedos pelos cabelos. — Então, convidá-lo para uma viagem até a base espacial, onde você ficará imóvel por uma hora seguida, pode não ter sido a melhor ideia?

Ele moveu o pé de um lado para o outro. A dor era definitivamente pior do que quando haviam saído do restaurante. — Tenho certeza de que tudo ficará bem — falou. — Quanto falta até chegarmos lá?

— Está tão ruim assim, então?

— Não disse isso.

— Não precisou dizer — disse Zoe. — Não deve demorar mais do que dez minutos. Consegue aguentar tanto tempo?

Dez minutos poderiam muito bem ser dez horas, mas ele assentiu. — Ou são dez minutos ou voltamos e terei que aguentar mais cinquenta minutos. Vou ficar com os dez minutos e ver uma nave espacial.

Ela assentiu. — Boa escolha.

Dirigiram em silêncio por um momento antes de Zoe dar-lhe um olhar de soslaio e, com um pouco de hesitação, dizer:

— Isso vai parecer estranho, mas preciso perguntar. Você está feliz?

Stephen se assustou com a pergunta. As pessoas normalmente não perguntavam esse tipo de coisa, especialmente para alguém que mal conheciam. Mas parecia uma coisa muito Zoe de se fazer. — O que você quer dizer... tipo agora? Neste exato momento?

Ela deu de ombros. — Claro. Ou, em geral. Você pode escolher.

Ele respirou fundo. Estava feliz? Não se perguntava isso há muito tempo. Como isso tinha acontecido? — Não — finalmente decidiu. — Em geral, não estou.

— Por quê? — Zoe sondou.

Quase disse-lhe que não era da sua conta, mas então percebeu que ela realmente se importava. A expressão em seus olhos, - ela realmente queria saber por que ele não estava feliz. Ninguém nunca se importara, e o fato dela se importar o fazia querer desabafar.

Olhou pela janela novamente. Seria mais fácil se não tivesse que encarar os olhos dela. — Acho que fico sozinho a maior parte do tempo e isso tem me pesado.

— Sozinho ou solitário? — Zoe perguntou.

Observou o reflexo dela em sua janela. — Existe alguma diferença?

Ela assentiu. — Às vezes desejo ficar sozinha e ter um tempo para mim. Mas não fico nem um pouco solitária.

Stephen soltou um longo suspiro, ainda evitando olhar para ela. — Se fosse de vez em quando, suponho que não me incomodaria. Mas viajo tanto que simplesmente não é possível desenvolver relacionamentos de longo prazo. Isso inclui amigos, amores... até mesmo meu relacionamento com meu pai.

— Sem namorada em casa? — Zoe perguntou casualmente.

— Normalmente acabo tendo casos de curta duração — disse, encolhendo os ombros. — E isso tem me pesado também.

— Isso é compreensível. — Ela hesitou e depois disse: — Sei que tenho me desculpado muito ultimamente, mas sinto que lhe devo mais uma desculpa. Não tenho te tratado direito.

— Eu entendo — disse Stephen. — Faz sentido porque as pessoas reagem da maneira que reagem. Elas não se importam em conseguir um centro comunitário melhor, querem aquilo que já têm - aquilo que guarda todas as lembranças para elas.

Ficaram em silêncio por alguns minutos antes de Zoe dizer:

— Então, o problema é o seu trabalho, certo? Se não tivesse que viajar tanto, seria mais feliz.

Stephen se sentiu culpado até mesmo por pensar nisso. Porque, sim, era nisso que tudo se resumia, mas era para isso que ele havia sido preparado durante toda sua vida. Nem tinha feito faculdade; simplesmente tinha ido trabalhar com seu pai sempre que tinha uma folga da escola e aprendia sobre o negócio.

— Não posso largar meu emprego, se é isso que está insinuando — disse calmamente.

— Por que não?

Ele finalmente se virou para ela. Zoe estava olhando para a estrada, mas deu-lhe um olhar de soslaio enquanto esperava pela resposta.

— Uma pessoa precisa ter um emprego para substituir o que já tem. E não tenho nenhuma outra habilidade. É isso. Este sou eu. — Disse isso com uma finalidade que esperava que a fizesse parar de perguntar sobre isso.

— Tudo bem — falou ela.

Era isso? Ela desistiria tão facilmente? Queria que ela parasse de fuçar onde não devia, mas pelo que sabia sobre Zoe, ela tinha mais treze perguntas para substituir a última.

Em vez disso, ela manteve a atenção na estrada à frente deles, e eles dirigiram até um portão com uma cabine adjacente. Um segurança saiu e pediu a identidade dela. Ele anotou as informações em uma prancheta e depois disse que a nave espacial pousaria em aproximadamente trinta minutos. Zoe agradeceu e dirigiu por mais dez minutos até chegarem a um grande estacionamento. E logo ao lado estava... a base espacial.

Capítulo 13



— É isso — disse Zoe, virando-se para Stephen. Diminuiu a velocidade e esperou que ele a alcançasse. — Não chegamos aqui a tempo de embarcar clandestinamente no voo, mas talvez possamos fazer algum reconhecimento e descobrir como entrar furtivamente no próximo.

Ele fez uma pausa e se apoiou nas muletas. Encarou-a, olhando-a de uma forma que ela não conseguia interpretar.

— O que foi? — Zoe perguntou, subitamente constrangida. O olhar que ele estava lhe dando era mais curioso do que qualquer coisa.

— Você é diferente de qualquer mulher que já conheci — ele finalmente disse. — Em um segundo está me interrogando sobre meu estado de felicidade e escolhas de vida, e no seguinte está tentando descobrir como embarcar clandestinamente em um voo para o espaço.

— Ficaria feliz em continuar interrogando você, se é isso que acha que precisa — disse ela. — Mas, francamente, o que acho que você precisa agora é observar uma nave espacial com sua assistente do prefeito favorita enquanto toma sorvete.

Stephen olhou ao redor. — Não acho que eles vendam sorvete por aqui.

Zoe ficou na ponta dos pés e olhou em volta. — Hm... acho que você está certo. Nada além da base espacial. Poderia jurar que tomei sorvete na última vez que estive aqui. Acho que você terá que se contentar em passar tempo com a assistente do prefeito, então.

As sobrancelhas dele se franziram. — Podemos não usar títulos, por favor?

Ela encontrou-lhe o olhar, surpresa. — Desculpe. Não quis dizer nada com isso.

— Eu sei..., mas... — Seu olhar ficou intenso quando a olhou nos olhos. — Faz eu me sentir como se fosse sua tarefa. O que eu meio que sou, acho. — Passou os dedos pelos cabelos e pareceu confuso. — Sei que você não gosta muito de mim pelos mesmos motivos que todo mundo. Mas, nas próximas horas, podemos fingir que somos amigos? Só quero aproveitar o dia de hoje.

Zoe assentiu. — Sim. Claro. — Amigos. Depois da noite anterior, entre o jantar e o hospital, ela sentiu como se eles já tivessem cruzado a linha de conhecidos para... o quê? A maneira como o toque dele tinha excitado seus nervos - ela não respondia dessa maneira aos outros amigos. — Mas, só para constar, já posso admitir que gosto de você.

Stephen ajustou as muletas sob os braços e ergueu uma sobrancelha de forma cética. — Mesmo?

— Sim. Julguei você mal e gostaria de começar de novo. Sem fingimento. Somos dois amigos - amigos de verdade - que estão aproveitando um dia na base espacial.

O olhar dele suavizou. — Eu gostaria disso — disse.

Zoe sentiu uma força magnética puxando-a para ele - uma força que queria que eles fossem mais do que amigos. Baixou o olhar e percebeu que ele mudava o peso e reajustava as muletas.

— Quer uma cadeira de rodas? — perguntou, agarrando-se a qualquer coisa que pudesse distrai-la da atração que sentia pelo homem à sua frente. — Você parece desconfortável.

Ele começou a balançar a cabeça negativamente, mas parou. — Sim — cedeu. — Acho que essas coisas deixaram minha pele em carne viva e nem as usei muito.

— Já volto — disse ela, correndo para encontrar alguém que pudesse ajudá-los. Achou um segurança andando por lá, e ele não apenas encontrou uma cadeira de rodas, como também uma cadeira dobrável para Zoe e os posicionou na frente da multidão que esperava o retorno da nave espacial.

— Esses lugares não são nada ruins — disse Stephen com um sorriso.

— Temos que agradecer a você por isso — disse ela. — Eles não permitem que as pessoas tragam suas próprias cadeiras, refrigeradores... praticamente qualquer coisa que possa ser usada como arma ou que possa escondê-las.

— Então, o que você está dizendo é que sou incrível?!

Ela riu. — O que estou dizendo é que você pode quebrar o dedo do pé no meu sofá a qualquer hora. Talvez possamos planejar que seja logo antes de um grande show.

Ele fez uma careta. — Talvez você devesse quebrar o dedo do pé na próxima vez. Além disso, onde encontraríamos um grande show? Não há exatamente muitos locais apropriados por aqui.

— Há um lugar a apenas três horas de distância. Nós poderíamos totalmente fazer isso.

— Apenas três horas, hein? — Ele riu. — Você honestamente acha que poderia suportar ficar presa em um carro comigo por um dia inteiro?

Zoe riu e deu um tapinha de brincadeira no joelho dele. — Claro. E não é como se fossemos ficar no carro durante toda a viagem. Gostaríamos de chegar à cidade cedo o suficiente para que a viagem valesse a pena.

Stephen colocou a mão na dela e ela prendeu a respiração. — O que faríamos quando chegássemos lá?

— Ah, bem... o de sempre — disse, tentando encontrar sua voz. — Sair para comer, ver as paisagens... você sabe, esse tipo de coisa. — Poderia se afastar, mas descobriu que não queria. A mão dela parecia encaixar na dele da maneira certa e parecia natural.

— Você acha que poderíamos fazer essa viagem, mesmo que eu não quebre o dedo do pé de novo? — ele perguntou, seu olhar fixo no dela.

Ela quase disse que sim, mas no último momento se afastou. Assim que a mão dela escorregou da dele, arrependeu-se. Já sentia falta do calor e do conforto que isso proporcionava. E ela não podia fingir que não vira a decepção passar no rosto dele, além de uma onda de constrangimento.

Zoe pegou o telefone, como se quisesse ver a hora, e tentou ignorar o calor

em seu rosto. — Deve chegar aqui em cerca de dez minutos.

— Ótimo — disse Stephen, embora sua voz não tivesse qualquer entusiasmo.

Um silêncio constrangedor se instalou entre eles. Era pesado e desconfortável.

Ela sentiu vontade de explicar por que havia se afastado. Mas não sabia como diria a ele que, apesar de ser uma mulher adulta, não sabia como agir perto de um homem, principalmente quando o assunto era romance. Especialmente quando ele era um colega de trabalho temporário por quem ela não podia se permitir ter sentimentos.

Acabou não importando, porque naquele momento a excitação tomou conta da multidão e todas as cabeças se voltaram para o céu. A sensação era contagiante e até Stephen usou as muletas para se levantar.

Zoe olhou pela vastidão azul diante deles, mas não conseguiu ver a nave espacial. — Você acha que eles estão nos enganando? Será que alguém realmente viu alguma coisa?

— Olhe um pouco mais para a direita — disse ele, apontando com uma de suas muletas. Seus olhos brilhavam de expectativa e admiração.

Ela olhou na direção que ele apontou. — Ah, sim, agora eu vejo — disse. — Já faz um tempo que não venho aqui. Esqueci como parece pequeno à distância.

Observaram enquanto a nave espacial se aproximava e aumentava, embora, de onde estavam, parecesse um avião normal planando no ar.

— Incrível — disse Stephen. — Não me admira que todos estejam lutando por um assento na nave espacial. Se eu tivesse dinheiro, também iria tentar.

— Eu não. Algumas amigas foram e eu não desejaria a ninguém.

Ele se virou para Zoe e pareceu perplexo. — Você não gostaria de ir para o espaço?

— Já vi as fotos — disse ela. — Duvido que seria diferente de ver pessoalmente. Vou manter meus pés no chão e meu estômago feliz e sem vômito, muito obrigado.

Stephen sorriu e voltou seu olhar para onde a nave espacial havia acabado de pousar e estava acelerando na frente deles na pista. — Sempre presumi que você fosse aventureira.

— E eu sempre presumi que você fosse alguém de quem eu não gostaria. Acho que nós dois estávamos errados.

Capítulo 14



O coração de Stephen trovejou contra seu peito. O que estava pensando? Não estava; esse era o problema. Algo sobre Zoe o desconcertou, no entanto. Talvez tenha sido quando ela fez sua cabeça girar ao tocar seu joelho, ou como não afastou a mão quando ele colocou a sua sobre a dela. Mas deveria ter pensado melhor antes de se deixar levar pelas emoções do momento. Ficou mortificado por ter se permitido cruzar essa linha.

Teve que se comprometer novamente a ser profissional em relação ao seu relacionamento com Zoe. Isso significava que não haveria mais jantares ou noites de jogos. Só de pensar nisso, percebeu um vazio que não existia antes. Ele realmente gostava de Zoe e queria estar perto dela. O que o deixou ainda mais grato por seu pai ter ligado naquela manhã.

Atenderia aos desejos de seu chefe e concluiria o trabalho o mais rápido possível. Seu pai estava certo. Ele não precisava estar em Amor para tudo. Seria mais fácil se pudesse estar lá, claro, mas se o próximo trabalho fosse tão grande quanto seu pai havia sugerido, então Amor seria apenas um trampolim para coisas maiores e melhores.

Bem, pelo menos maiores.

— Você quer chegar perto para ver? — Zoe perguntou.

Olhou-a e, pela expressão em seu rosto, perguntou-se quantas vezes ela teve que fazer a pergunta para tirá-lo de seus pensamentos.

— Temos permissão para fazer isso?

— Sim. Depois que todos desembarcam, eles nos dão a oportunidade de enfiar a cabeça lá dentro e ver como é.

A excitação sufocou suas preocupações por um momento e ele mancou em direção à nave espacial. Zoe deve ter percebido o seu desconforto, porque empurrou a cadeira de rodas atrás dele.

— Vou te dar uma carona.

— Você não precisa fazer isso — disse. O que estava dizendo? Deveria estar gritando “aleluia” e aceitando a carona.

— Mas eu quero.

Stephen encolheu os ombros, como se não se importasse. — Ok. Obrigado.

Não parecia muito com uma nave espacial quando se aproximaram. Parecia um avião pequeno e elegante.

— Você acredita que essa coisa simplesmente acabou de deslizar de volta... do espaço? — Zoe perguntou, tocando o corpo da nave. — Minha mão provavelmente tem poeira espacial agora. Nunca mais vou lavar.

— Isso seria desaconselhável — disse um homem, colocando a cabeça para fora da nave espacial. Estava vestido com um traje espacial e parecia ser um dos pilotos.

— O quê? — ela perguntou.

— Não lavar as mãos. Tem havido um grande movimento ultimamente, algo sobre essa coisa chamada germes e como eles levam a doenças. Pessoalmente, não acredito no que não consigo ver. Mas há algumas pessoas por aí que simplesmente não desistem dessa teoria. — O piloto sorriu para Zoe, sem sequer se preocupar em olhar para Stephen.

— Podemos dar uma olhada lá dentro? — Stephen perguntou, não gostando de como Zoe sorria de volta para o cara.

— Claro — disse ele, finalmente reconhecendo a presença de Stephen. As sobrancelhas do piloto ergueram-se ao ver a cadeira de rodas. — Infelizmente, não é acessível para deficientes. Sinto muito. — Não pareceu sentir. — Mas é claro que posso mostrar lá dentro para a sua adorável cuidadora. — Voltou seu foco para Zoe e, com um pequeno sorriso, disse: — Posso até lhe oferecer um tour privado pela cabine.

— M-minha cuidadora? — Stephen gaguejou. — Eu só quebrei meu dedo do pé, pelo amor de Deus. Vê esta bota? — Levantou a perna para dar uma visão melhor ao piloto. — E essas muletas? — Apontou para o seu colo, onde elas estavam. Deu um suspiro exagerado e balançou a cabeça negativamente antes de se virar para Zoe. — Eu não entraria nesse voo, se fosse você. Ele provavelmente colidiria com um asteroide porque estava muito ocupado olhando para a lua.

O piloto franziu a testa, obviamente irritado. Virou-se para Zoe e pareceu querer fazer uma última tentativa. — O que você diz? Minha oferta para um tour privado ainda está de pé.

Ele exalava charme e Stephen tinha certeza de que Zoe iria abandoná-lo do lado de fora enquanto ‘passeava’ pela nave com o piloto de mentirinha. Não havia como aquele cara ser real.

Mas, para surpresa de Stephen, os olhos dela se estreitaram e ela colocou uma das mãos no quadril.

— Sério? Você tem a audácia de insultar meu namorado e depois dar em cima de mim na frente dele? — Colocou a mão no ombro de Stephen. — Você está certo, querido. Estava disposta a pagar por dois assentos no próximo voo, mas acho que deveríamos tentar uma companhia diferente. Esta não parece atender às nossas necessidades.

O rosto do piloto se empalideceu. — V-você não está aqui apenas para tirar uma selfie com a nave espacial?

— Não — Zoe disse friamente. — E parece que você não está aqui apenas para voar. Se eu olhasse para dentro, veria seu nome gravado no encosto de um dos assentos, com a inscrição: *Para se divertir, ligue para...*

— Não — interrompeu o piloto. — Claro que não.

— É difícil acreditar nisso — disse Zoe, encarando-o com um olhar fechado. Girou com a cadeira de rodas e saiu.

Stephen olhou por cima do ombro para o piloto atordoado e deu-lhe um pequeno aceno. Recostou-se na cadeira com um sorriso satisfeito.

— Cuidadora... — Zoe bufou. Caminhava em velocidade recorde e só

quando chegaram à frente da base espacial é que ela diminuiu a velocidade até parar. — Desculpe. Algumas pessoas realmente me irritam.

Ele saiu da cadeira de rodas e ficou de frente para ela, com as muletas caindo no chão antes que pudesse agarrá-las. Apoiou o pé machucado no assento da cadeira de rodas. A atração que sentiu por Zoe naquele momento superava tudo que já havia sentido por uma mulher. Era uma mistura de desejo, admiração e intriga.

— Por favor, não se desculpe — disse ele. — Você foi incrível. Qualquer outra pessoa teria me abandonado ali mesmo.

— Isso não é verdade — disse ela.

— É sim — disse. — A oportunidade de fazer um tour privado em uma nave espacial com um piloto bonito? Não teria importado o quão arrogante e incompetente ele era.

Zoe riu. — Como você sabe se ele é bonito ou não? Os homens percebem esse tipo de coisa?

— Claro que sim — disse ele. — Temos que ser capazes de avaliar a concorrência, não é?

— Bem, então você deve ter notado o quão invejoso ele estava.

Ao ouvir as palavras dela, Stephen perdeu o equilíbrio e Zoe deu um passo em direção a ele, agarrando-o pelos ombros.

— Ele? Com inveja de mim?

— Claro. É por isso que estava tratando você assim.

Stephen cambaleou novamente e ela o apertou ainda mais.

— Não posso deixar que você caia e quebre outra coisa — ela brincou.

Sua respiração ficou presa e ele não conseguiu se lembrar sobre o que estavam conversando. Ah, sim. O piloto.

— Que razão ele poderia ter para estar com inveja?

— Você quer dizer, além do fato de que você é claramente superior a ele em todos os quesitos? — Zoe perguntou.

Stephen franziu a testa. Duvidava que isso fosse verdade.

— Você não acredita em mim — disse. Não era uma pergunta. Os olhos dela estavam fixos nos dele e ela parecia estar mais perto do que um momento antes.

Ele limpou a garganta. — Estou começando a acreditar. — Seu pulso acelerou e pôde sentir a eletricidade que pedia que diminuísse a distância entre eles.

Embora nenhum deles parecesse saber o que fazer, cada um deles, estudando o outro, também não recuaram.

Esta não era uma boa ideia. Sabia que não. Mas não foi ele quem impediu o inevitável.

Foi Zoe quem colocou a mão em seu peito, parando seu movimento.

— Desculpa — ele murmurou. Gostaria de poder dar um passo para atrás e dar espaço a ela, mas não conseguia se mover com o pé na cadeira de rodas e as muletas ainda no chão. O calor subiu por seu pescoço e por suas bochechas.

Mas por que Zoe não estava se movendo?

— Sou eu quem deveria pedir desculpas — ela finalmente disse, soltando um suspiro e tirando as mãos dos ombros dele. — Não tem nada a ver com você.

Stephen ergueu uma sobrancelha. — Acho que já ouvi essa frase antes. ‘Não é você, sou eu’, certo?

Balançando a cabeça negativamente, ela disse:

— Não é apenas uma frase de efeito. Neste caso, é realmente verdade. A questão é... — Sua voz foi interrompida e demorou um momento para falar novamente. — Eu nunca fiz... você sabe, isso... — Foi a vez de ela parar, e rosa cobrir suas bochechas. Era adorável.

— Você nunca... beijou alguém antes? — ele perguntou lentamente.

Zoe assentiu e deu um passo para trás.

Confusão o envolveu. Como isso era possível? Ela era linda e tinha uma energia que ofuscava todos ao seu redor. Era como luz em um mundo sombrio.

Ela enterrou o rosto nas mãos. — Eu sei. Sou patética. Estou na casa dos trinta e nunca me permiti chegar perto o suficiente de alguém para permitir... isso.

Era fofa ela não conseguir nem dizer a palavra ‘beijo’. Parecia envergonhada só de falar sobre isso.

— Estou feliz de que você não tenha deixado que eu te beijasse, então — disse Stephen.

Zoe espiou por entre os dedos. — Mesmo?

— Sim. Parece que você está procurando alguém em quem possa confiar com todo o coração. E, nesse momento, não sou eu. Eu entendo. Você não tem nada do que se envergonhar. Na verdade, estou muito impressionado.

— Você está? — ela perguntou em voz baixa.

Stephen assentiu e deu-lhe um sorriso para que ela soubesse que não havia ressentimento algum.

Era o oposto disso, na verdade. De alguma forma, isso a tornava ainda mais atraente.

Também o deixava determinado a ser aquele que conquistaria essa confiança.

Capítulo 15



Zoe estava sentada à sua mesa, com uma pilha de papéis à sua frente, mas não conseguia se concentrar neles. Depois de deixar Stephen no hotel, foi direto para a prefeitura. Não precisava estar no trabalho. Sam estava pegando grande parte da carga para que ela pudesse estar disponível para tudo o que Stephen precisasse. Aparentemente, garantir que o projeto fosse executado conforme planejado era importante o suficiente para que Sam estivesse disposto a cumprir tarefa dupla. Mas o pé de Stephen estava latejando e ele disse que só conseguiria sair para se encontrar com as pessoas no dia seguinte.

Isso era ótimo. Zoe não achava que conseguiria lidar com mais conversas estranhas. Seu rosto ficou vermelho só de pensar em sua admissão... que nunca havia sido beijada. E então corou ainda mais ao pensar que tinha sido ela quem quase o havia beijado. E então recuado, quando tudo o que queria ter feito era tê-lo puxado para mais perto. Era culpa dela. Tinha sido ela a enviar mensagens contraditórias. Isso apenas mostrava o quão conflituosa estava.

Tinha achado que ir para o escritório em vez de ficar em casa a ajudaria a se distrair das coisas, mas em vez disso só serviu para fazê-la se sentir culpada pelo trabalho em que não conseguia se concentrar.

— Como vão as coisas por aqui? — Sam perguntou, enfiando a cabeça no corredor. Ele sorriu, como se pudesse ler seus pensamentos e soubesse que ela não havia conseguido fazer nada.

Ela se endireitou e encontrou seus olhos. — Tudo bem — falou. — Na verdade, mais do que bem. Tudo ótimo. Estou realmente fazendo progresso com essa papelada.

Sam ergueu uma sobrancelha. — Sério? Porque essa pilha parece tão grande quanto quando eu a entreguei a você algumas horas atrás.

Zoe pegou um selo e bateu no papel de cima, como se quisesse provar que estava trabalhando. Colocou a folha de lado, assinou e carimbou a folha seguinte.

— O que aconteceu? — ele perguntou, sentando-se à sua frente na mesa.

— Por que você acha que alguma coisa aconteceu? — ela perguntou, assinando a folha e grampeando-a na outra.

— Esses dois formulários não deveriam ser carimbados. Ou assinados. Ou grampeados — disse ele. — Deveriam ser enviados pelo correio. Um em cada envelope.

Zoe olhou para os papéis e percebeu que ele estava certo. E agora que estava pensando sobre isso, lembrou-se de que ele havia dito isso. — Só estava testando você — disse timidamente.

— Então, você vai me contar ou terei que arrancar isso de você?

— Arrancar — disse ela, pegando uma pilha de envelopes de uma gaveta de sua mesa.

— Que tal se eu adivinhar? — Sam deu batidinhas no queixo, como se estivesse pensando. — Você passou a maior parte da noite com Stephen no pronto-socorro. Começou a vê-lo com outros olhos. Foram juntos para a base espacial... — Parou quando viu a expressão de Zoe. Ela esperava que não estivesse tão em pânico quanto se sentia. — Acabei de falar ao telefone com Stephen. Ele me contou.

Ela se perguntou o quanto Stephen lhe havia contado.

— De qualquer forma, foram juntos à base espacial e você percebeu que está começando a gostar dele mais do que é confortável para você. Porque, sejamos honestos, você usa seu humor e sua natureza franca para manter à distância qualquer homem que demonstre interesse. Pensou que Stephen era o inimigo e que não havia nenhuma maneira de realmente gostar dele, mas agora está em conflito e está tentando encontrar uma maneira de evitar que ele se aproxime demais - ou, mais precisamente, evitar que você sinta algo que não quer. Não quer admitir, mas gostar de Stephen é um inconveniente que você prefere não ter. — Fez uma pausa. — A propósito, sua boca está aberta.

Zoe fechou-a imediatamente.

— Como me saí? — Sam perguntou, recostando-se na cadeira, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

Ela limpou a garganta. — Você precisa aprimorar suas habilidades de detetive, porque tudo o que acabou de dizer está completamente errado. — Cruzou os braços.

Ele acreditaria nela? Zoe nunca tinha sido boa em mentir, e era por isso que dizia as coisas com tanta franqueza na maior parte do tempo. E Sam havia acertado tudo com tanta precisão que ela realmente se perguntou se ele conseguia ler mentes.

Sam se levantou e encolheu os ombros. — Pelo menos tentei.

— Mas se você estivesse certo — disse antes que ele desse mais do que alguns passos em direção à porta —, teria algum conselho?

Ele olhou para trás por cima do ombro. — Diria que é hora de permitir que alguém entre em sua vida. Você precisa de mais do que apenas o seu trabalho. As coisas vão mudar em alguns meses, quando eu não for mais prefeito. E, pelas minhas interações com Stephen nos últimos meses, posso dizer que ele é alguém em quem você pode confiar. E mesmo que você tentasse e não desse certo, seria bom para você.

— Tenho mais do que apenas trabalho na minha vida — destacou Zoe. — Tenho você e Katie, e Ruby e Parker.

— Mas isso não é a mesma coisa que ter alguém para quem voltar para casa, ou para quem você possa ligar a qualquer hora, sabendo que eles vão largar tudo e vir correndo.

Queria protestar, mas pensou quando ligou para Ruby, mas foi para a caixa postal porque Zoe havia esquecido que era o dia que Ruby e Parker saíam para jantar. Ou quando ligou para Katie, mas Liv estava doente e elas não podiam sair de casa. Os amigos de Zoe se importavam com ela, mas, por mais

feliz que estivesse por eles, as coisas haviam mudado quando se casaram.

— Sei que estava errado sobre seus sentimentos em relação a Stephen, mas ainda assim, é algo que vale a pena se pensar — disse Sam com um sorriso sabichão. Saiu do escritório e os pensamentos de Zoe ficaram fora de controle. Ela deveria dar uma chance? Gostava de Stephen; conseguia admitir isso agora. Mas ele só estava na cidade por um curto período, e ela não estava disposta a segui-lo de trabalho em trabalho. Não fazia sentido. Isso nunca funcionaria. E, ainda assim, sempre que estava com ele, não podia negar sua atração.

Mas apenas atração não era suficiente. Tinha que haver mais. E se houvesse mais em Stephen, iria descobrir. Iria descobrir o que o motivava - para melhor ou para pior.



Zoe tentou dar uma olhada no caderno que guardava na bolsa. Na noite anterior, havia anotado as perguntas que queria fazer a Stephen. Aquelas que considerava importantes.

— O que é isso que você está olhando? — ele perguntou, mancando pela calçada. Havia abandonado as muletas, mas ainda usava a bota.

Acho que ela não tinha sido tão furtiva quanto pensara.

— Apenas algumas anotações para o dia — disse. Era verdade.

— Quem vamos visitar primeiro? — ele perguntou com um olhar de lado. Estava focado apenas nos negócios desde a base espacial ontem, embora parecesse estar estudando-a mais do que antes. Porém, sempre que encontrava seu olhar, ele desviava.

— Debbie, do salão, parece ser a pessoa mais disposta a conversar, então pensei em começar por lá.

— Quando vamos voltar para a confeitaria? Rebecca está mais maleável?

Zoe diminuiu o passo, vendo que Stephen estava lutando para acompanhá-la. — Não — disse, balançando a cabeça negativamente. Sentia-se mal por isso. Era culpa dela, por tê-lo forçado a ir naquele encontro. E, agora, Rebecca o culpava, pensando que havia usado a filha dela para tentar fazer o acordo.

A boca de Stephen se franziu.

— Não se preocupe, ela vai mudar de ideia — disse Zoe rapidamente, esperando que fosse verdade. Fez uma pausa. Desde quando torcia pelo sucesso dele? Quando essa mudança havia acontecido? Tinha sido durante o jantar, ou na base espacial, ou em algum outro momento inteiramente diferente?

Ele apenas acenou com a cabeça positivamente, mas não disse mais nada. Caminharam em silêncio até pararem em frente ao salão.

— Debbie é um pouco... excêntrica — disse Zoe, com a mão apoiada na maçaneta da porta.

— Mais do que você? — ele perguntou com um pequeno sorriso. Isso fez seu coração disparar.

— Sou comportadíssima em comparação à Debbie — disse ela.

Suas sobranceiras se ergueram. — Isso deve ser divertido, então.

Zoe abriu a porta e segurou-a enquanto Stephen entrava mancando.

Demorou um pouco para seus olhos se acostumarem à penumbra dentro do salão, mas quando isso aconteceu, ela viu o que parecia ser um porco-espinho azul se movendo na parte de trás, atrás de uma das cadeiras do salão.

Quando a figura se endireitou, viu que Debbie agora tinha cabelos azuis espetados que se destacavam por toda a cabeça. Estava rosa e liso da última vez que ela havia visto a cabeleireira. Zoe tocou seu longo cabelo, de repente sentindo saudades de quando estava curtinho. Nunca o havia tingido, preferindo não ter que descolorir o cabelo escuro, mas ver o de Debbie a fez, de repente, querer se sentar em uma das cadeiras do salão e pedir um cabelo curto e espetado, com uma explosão de roxo vivo.

— Zoe, o que posso fazer por você? — Debbie disse com um sorriso brilhante. Ela era bonita de um jeito meio hipster e tinha curvas em todos os lugares certos. Seu olhar pousou em Stephen. — Deixa para lá. Sei por que está aqui.

Ela se aproximou e o estudou, sem dizer nada por alguns momentos.

Stephen mudou de posição sob o escrutínio de Debbie e seus olhos se fixaram nos de Zoe. Eles imploraram por ajuda, mas ela apenas sorriu.

Finalmente, Debbie colocou a mão no braço de Stephen. — Então, você vai me levar para sair também?

— Hum... — A boca dele se moveu, mas nada mais saiu.

— Não há vergonha nenhuma nisso — disse Debbie. — Você pode me bajular o quanto quiser, querido. Não deveria lhe contar isso, mas ouvi sobre a oferta que fez a Cal pela loja de bicicletas dele e estou pronta para vender. Se você me oferecer metade do que ofereceu a ele, poderei comprar todos os equipamentos novos. — Suspirou. — Imagina. Poderei oferecer para as estrelas de cinema: cortes de cabelo, mechas e manicure...

— Você não tem manicure — disse Zoe.

— Mas terei no novo salão. Não posso esperar que todas as celebridades precisem arrumar apenas o cabelo quando estiverem aqui por uma semana. Tenho que expandir minha operação. — Fez uma pausa e voltou sua atenção para Stephen. — Mas vamos fingir que ainda não me decidi e podemos conversar sobre isso durante o jantar.

Zoe sentiu uma súbita onda de ciúme tomar conta dela. Sabia que Debbie provavelmente não era o tipo de Stephen e não havia nada com que se preocupar. Não que ela tivesse qualquer direito sobre ele. Afinal, tinha sido ela quem havia se afastado dele. Duas vezes. E ela já havia determinado que as coisas não dariam certo com ele.

Mas ainda assim...

Zoe tirou uma pilha de papéis da bolsa que carregava no ombro. — Tenho certeza de que Stephen aprecia seu entusiasmo, mas temos muitas pessoas com quem conversar esta semana. — Colocou os papéis ao lado do computador de Debbie na recepção. — Se você apenas puder dar uma olhada

e assiná-los em frente a um tabelião, podemos prosseguir com a obtenção de seu novo salão.

Esta torceu o nariz. — Tenho que fazer isso na frente de um tabelião? Não posso simplesmente assinar tudo na sua frente?

— Não, se quisermos que seja legal — disse Zoe.

Debbie hesitou antes de dizer:

— Mas... Bob é o único tabelião da cidade.

Zoe ergueu uma sobrancelha. — Sim?

Debbie de repente ficou muito interessada em suas longas unhas rosadas. — Então, talvez tenhamos tido um caso no ano passado e digamos apenas que não terminou bem.

Zoe ficou olhando. — Você teve um caso com Bob? Tipo, Bob, que trabalha no gabinete do prefeito?

— Você conhece algum outro Bob que seja tabelião?

Zoe balançou a cabeça, tentando entender o que Debbie estava lhe contando. Bob era uma das pessoas mais controladas que já conhecera. Ele adorava regras e regulamentos, o que o tornava perfeito para o cargo na prefeitura, mas ela não conseguia imaginá-lo saindo com alguém, muito menos tendo um “caso”, como Debbie dissera. Certamente algo dessa magnitude estaria no radar do comitê de fofoca da cidade e teria viajado mais rápido do que os corredores que frequentavam a área. Ok, não havia um comitê oficial de fofoca, mas não precisava haver. Todos pareciam assumir isso como um dever cívico.

— Bem, não sei o que lhe dizer — finalmente disse. — Tem que ser assinado por um tabelião. Acha que vocês podem deixar de lado suas diferenças por cinco minutos para fazer isso?

Debbie soltou um longo suspiro. — Talvez. Não sei. — Balançou a cabeça. — Ele partiu meu coração, Zoe. Não posso simplesmente entrar lá como se nada tivesse acontecido.

— E-ele partiu seu coração... — Zoe não queria que tivesse soado daquele jeito - tão incrédula. Mas teria pensado que Debbie era quem estava lá apenas por diversão, tentando fazer Bob sair de sua concha.

— Sei o que você deve estar pensando — disse Debbie. — Está se perguntando como consegui pegar um cara tão bom para começo de conversa.

Não isso.

Não, mesmo.

Com certeza não.

— Não pude deixar de convidá-lo para sair quando o vi na festa das luminárias no ano passado. Nunca imaginei que ele diria sim a alguém como eu. Não sei se notou, mas somos diferentes em quase todos os aspectos.

— Ah, mesmo? — Zoe fingiu surpresa, pensando que era a coisa educada a se fazer, mas não tinha certeza se suas habilidades de atuação estavam à altura da tarefa. — Por quanto tempo vocês dois namoraram?

— Três meses.

Tanto tempo e ninguém percebeu?

— Acho que nunca vi vocês dois juntos — disse Zoe.

— Bob disse que ainda não estava pronto para tornar nosso relacionamento público. — Debbie fungou um pouco. — Mas terminou antes mesmo de realmente começar.

— Você está melhor sem ele — disse Zoe, finalmente capaz de ser completamente honesta.

Debbie ofereceu-lhe um pequeno sorriso. — Você não é a primeira pessoa a me dizer isso. Não é verdade, mas obrigado por tentar me ajudar a me sentir melhor com tudo isso. — Soltou outro suspiro. — Mas o que vou fazer sobre essa papelada?

Era óbvio que Debbie não havia superado a estranheza do que havia acontecido entre ela e Bob, mas não havia como evitar. Ela teria que fazer-lhe uma visita.

— Iremos com você — disse Zoe.

— Mesmo? — Debbie gritou e passou os braços em volta de Zoe em um abraço apertado, dificultando sua respiração. — Você é a melhor.

Zoe lutou para se livrar do abraço de Debbie e torceu para não parecer tão culpada quanto se sentia. Sim, queria ser útil e duvidava de que a mulher conseguiria autenticar a papelada se não tivesse algum tipo de apoio moral. Mas uma parte ainda maior disso era porque estava curiosa e queria estar presente quando Debbie e Bob finalmente ficassem cara a cara. Se houvesse algum drama, queria estar lá para assistir. Isso fazia dela uma pessoa terrível? Provavelmente. Mas estava bem com isso.

— É só me enviar uma mensagem quando quiser que nos encontremos lá — disse. — Leve o tempo que for necessário para examinar tudo.

Debbie olhou para a pilha em sua mesa. — Fechado. — Desapareceu em outro cômodo e voltou com a bolsa. — Vamos lá — disse, pegando a papelada. — Quero acabar logo com isso. — Passou pela porta da frente, sem se preocupar em verificar se Zoe e Stephen a estavam seguindo, ou em até mesmo trancar a porta.

— Bem... essa foi fácil — disse Stephen, olhando para a porta enquanto ela se fechava.

— Como eu disse, as notícias andam rápido por aqui. — Fez uma pausa. — Embora, aparentemente, não todas.

— Quem é esse Bob de quem ela estava falando?

— Você se lembra do homem que o interrogou por visitar o prefeito sem agendamento oficial?

A boca de Stephen formou um O. — É por esse cara que ela está sofrendo?

— Sim.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Preciso ir também?

Zoe sorriu. — Você está com medo de Bob?

— Um pouco.

— Desculpe, mas é o seu projeto — disse ela, abrindo a porta da frente e

segurando-a para Stephen enquanto ele saía mancando. — Estou aqui apenas para abrir portas. Figurativa e literalmente.

Ele parou na calçada. — Estou feliz que o prefeito Freedman tenha escolhido você — disse.

O coração de Zoe sacudiu um pouco no peito. — Eu também.

Capítulo 16



Stephen caminhou em direção ao departamento de RH da prefeitura. Debbie estava vários passos à frente dele e de Zoe. Para alguém que estava tão hesitante em ir, ela com certeza estava dominando a arte de andar com confiança. Ele não se importaria se enrolassem para chegar até lá. Não queria mesmo ter que lidar com Bob novamente. Nunca mais.

— Eles não costumam ter tabeliões no banco? — perguntou.

— Sim — disse Zoe. — Mas Bob só trabalha lá meio período, dois dias por semana.

— Ele trabalha em dois empregos?

— Quatro, na verdade. Ele trabalha na biblioteca nos fins de semana e no abrigo de animais nas noites de sexta.

— A biblioteca eu entendo. Ele deve amar a ordem de tudo ali. Mas o que faz no abrigo de animais? Não parece com ele.

— É voluntário — disse Debbie, sem se voltar para trás. — Foi onde eu o conheci. Ele estava abraçando uma lebre machucada.

— Ele estava... abraçando? — Zoe perguntou, consternação estampada em suas feições.

Stephen teve o mesmo pensamento. Não conseguia imaginar Bob gostando de animais, muito menos abraçando-os.

— Ele tem um lado muito sensível que poucos conseguem ver — disse Debbie, finalmente olhando por cima do ombro. — Foi o que me atraiu nele de primeira.

Chegaram ao escritório do RH e, pela primeira vez desde que saíram do salão de cabeleireiro, Debbie fez uma pausa. Ela lançou um olhar nervoso na direção deles e entrou na sala.

Stephen seguiu com Zoe logo atrás. Ele prendeu a respiração, sem saber o que esperar, mas o escritório estava vazio, exceto por um homem trabalhando em uma máquina no canto. Um homem que definitivamente não era Bob.

— Oi, Daniel — Zoe chamou.

Este olhou para cima e sorriu. — Oi, para você também.

— Como está a vida de casado?

— Adorando cada minuto dela.

A resposta dele pareceu diverti-la, mas Stephen não conseguiu entender por quê. O homem deve ter notado, porque ergueu as mãos num gesto defensivo. — Eu sei, eu sei. Todo mundo provavelmente pensa que Melinda está me devorando. Mas ela não é a malfeitora que todos vocês imaginam.

— Não foi isso que disse — Zoe falou com uma risada culpada. — Embora possa haver algumas pessoas que pensem isso. Vou apenas dizer que você tem sido bom para ela. Ela é uma pessoa completamente diferente daquela que conhecíamos antes de vocês dois ficarem juntos. E vamos ser sinceros,

precisamos dela. Ela é a melhor contadora do condado.

Daniel riu, não parecendo nem um pouco ofendido. — Bem, você pode espalhar por aí que estamos muito felizes.

— Pode deixar.

— Então, o que posso fazer por você? Novo funcionário? — perguntou, olhando primeiro para Debbie, depois para Stephen.

— Na verdade, estávamos esperando que Bob pudesse usar sua mágica como tabelião para nós.

O olhar de Daniel pousou na pilha de papéis que Debbie segurava. Seus olhos se arregalaram. — Em tudo isso?

Zoe riu. — Não, a maior parte dessa pilha é juridiquês. Os que precisam de assinaturas estão enterrados em algum lugar no meio.

— Sinto muito, ele acabou de sair — disse Daniel. — Mas deve estar de volta logo. Eu acho. — Coçou a nuca. — Na verdade, não tenho ideia de para onde ele saiu correndo. Ele geralmente desaparece nesse horário.

Como se fosse uma deixa, Stephen, Zoe e Debbie olharam para o relógio na parede. Passava um pouco das onze.

— Ele almoça cedo — Debbie murmurou.

Daniel balançou a cabeça. — Ele não almoça.

Sua cabeça se ergueu. — Isso é o que quer que você pense. Mas ele tira trinta minutos às onze horas todos os dias. Eu sei, porque costumava encontrá-lo no parque, onde comíamos juntos.

Stephen inclinou a cabeça, completamente perplexo com aquele homem que havia conhecido apenas uma vez. E estava forçando a barra um pouco ao usar a palavra ‘conhecido’. — Por que ele não gostaria que as pessoas soubessem que almoça?

— Porque tem essa noção ridícula de que tem uma reputação a zelar e, aparentemente, isso inclui pular o almoço para mostrar como é um trabalhador dedicado — disse Debbie, jogando os braços para o alto. — Eu não o entendo, obviamente, ou ele não teria terminado comigo.

Stephen não achava que era bem assim e duvidava de que se Debbie tivesse feito algo diferente, teria tido outro resultado. Aquele homem não era compatível com ninguém, pelo menos não pelo que Stephen sabia.

— Você está me dizendo que ele está almoçando no parque... no parque que fica logo atrás da sua loja? — Zoe perguntou.

As bochechas de Debbie se coloriram de rosa. — Sim, eu acho que sim. Mas você realmente não pode me culpar; já faz um tempo que não penso no ritual da hora do almoço de Bob.

Stephen duvidava disso, considerando que ela ainda parecia pensar em Bob muito mais do que seria saudável para ela.

Zoe deve ter pensado a mesma coisa, porque disse:

— Não, acho que você simplesmente não percebeu que horas eram. Reparei que o relógio do salão está atrasado em uma hora.

— Isso explica muita coisa — murmurou Debbie, mais para si mesma do

que para qualquer outra pessoa. Jogou a cabeça para trás em um gesto desafiador. — Bem, depois que eu vender o salão e mudar de local, não terei que pensar que ele estará tão perto, mas tão longe ao mesmo tempo, todos os dias às onze.

— É por isso que você está tão ansiosa para vender? — Zoe perguntou incrédula. — Por causa de Bob?

— Ele é apenas um dos motivos. O dinheiro e as celebridades também não são ruins, sabe. — Fez uma pausa e bateu no queixo, pensativa. — Você acha que se eu arrumasse o cabelo de Hugh Jackman, Bob ficaria com ciúmes e voltaria para mim?

— Hugh Jackman não é casado? — Stephen perguntou.

Debbie o olhou com uma sobrancelha levantada, parecendo levemente impressionada. — Olhe para você, conhecendo as referências da cultura pop.

Ele deu um sorriso tímido. — Eu gosto de *X-Men*.

— Ah, e eu aqui pensando que você iria começar a cantar músicas para nós — disse ela, o canto do lábio se curvando. — O *Rei do Show* é uma boa escolha, mas você tem cara de ser do tipo que gosta mais de *Os Miseráveis*.

Ele a olhou com o rosto sem expressão alguma.

A boca de Debbie se abriu ligeiramente. — Ah, fala sério. Com certeza, já ouviu a voz angelical de Hugh Jackman. É algo que você precisa colocar na sua lista de coisas a fazer antes de morrer.

— Hugh Jackman... Wolverine... Ele canta? — Não fazia sentido. — Por que ele desperdiçaria seu talento em algo assim? E por talento, obviamente, quero dizer o tipo que exige lutar contra outros mutantes em uma batalha até a morte.

— Nem sei o que dizer — disse Debbie, colocando as costas da mão na testa e fingindo estar prestes a desmaiar. Pareceu reconsiderar isso e se endireitou novamente. — Você tem razão, porém, se está se referindo ao quão incrível ele se parece como Wolverine. Quando aquele homem tira a camisa...

— Eu definitivamente não estava me referindo a nenhuma parte das quais você acabou de dizer — disse Stephen, interrompendo-a, embora não pudesse deixar de sorrir. Não sabia como a conversa havia tomado um rumo tão desastroso, mas tinha conseguido alegrar seu dia, o que já dizia alguma coisa.

Entre ser rejeitado por Zoe, ainda não saber como agir perto dela e os telefonemas periódicos que agora recebia de seu pai para saber como as coisas estavam progredindo, o dia não havia começado bem. Seu pai sempre havia sido um gerente indiferente, então o fato de Stephen já ter recebido três telefonemas dele nas últimas vinte e quatro horas significava que havia outra pessoa pegando em seu pé.

— Então... vocês vão ficar aqui esperando Bob? — Daniel perguntou, trazendo-os de volta aos negócios. Ele parecia divertido, mas também ocupado, tentando convencê-los a seguir em frente.

— Desculpe, pequeno Danny — disse Zoe. — Vamos sair do seu caminho. Saíram do pequeno escritório e voltaram para o elevador.

— Desculpe ter arrastado vocês até aqui — disse Debbie, com os ombros um pouco mais caídos do que antes.

— Sem problemas. Talvez nos encontremos com ele quando...

Zoe deixou suas palavras pairarem no ar enquanto o elevador emitia um som e as portas se abriam. Bob estava ali, parecendo mais surpreso do que qualquer um. Ele se balançou em pé, como se não tivesse certeza se deveria sair ou descer novamente.

— Ei, Bob — disse Zoe, dando um passo para o lado para permitir que ele passasse.

Com um olhar nervoso em direção a Debbie, este saiu do elevador, passou por eles sem olhar duas vezes e correu em direção ao escritório de RH.

— Estamos aqui para ver você — Zoe gritou atrás dele, depois caminhou rapidamente, tentando alcançá-lo.

Stephen também acelerou o passo, mas Debbie pareceu desacelerar, quase tão devagar que estava andando de costas e entrando no elevador vazio - espere. Ela estava mesmo andando para trás.

— Ah, não, você não vai não — disse Stephen, correndo de volta e agarrando o braço livre dela, o outro ainda segurando o contrato de venda. — Você vem conosco.

— Você não pode me obrigar — disse ela, plantando os pés no chão de forma que seria quase impossível para ele arrastá-la de volta para o escritório. Não que tivesse vontade de tentar. Como pareceria se ele fosse visto literalmente arrastando um potencial comprador até o tabelião? Nem queria pensar nas ramificações disso.

— Você está certa, não posso — disse, soltando-a. — Mas você não conseguirá vender seu salão de outra forma, e terei que dizer a Hugh Jackman que você não poderá cortar o cabelo dele. Pense em como ele ficará desapontado.

— Isso seria *mesmo* uma tragédia — disse Debbie, soltando um longo suspiro. — Tudo bem. Vamos lá. Mas é você quem falará.

— Fechado.

Quando chegaram ao escritório, Zoe já devia ter explicado o que precisavam, porque Bob olhou para Debbie quando entraram e deixou escapar:

— Como pôde? Está vendendo para esse cara? Seu salão é o primeiro lugar que...

Ele deve ter esquecido momentaneamente que eles tinham uma audiência, porque seu comportamento rígido voltou e ele desviou o olhar dela. — Não cabe a mim julgar. Meu trabalho é ser testemunha da sua assinatura. Se foi isso que decidiu fazer... — Sua voz falhou, mas ele passou por cima e estendeu a mão para pegar a papelada.

Debbie hesitou, como se não tivesse mais certeza se era isso que queria.

Ah, não, ela estava pensando duas vezes porque seu ex-namorado finalmente havia decidido falar com ela novamente? Agora não poderia ter

sido o pior momento para ele reviver os bons e velhos tempos.

Mas então sua boca formou uma linha tensa. — Sinto muito, mas já me decidi. — Estendeu a pilha de papéis para Bob.

Ele os tirou dela, mas pareceu doer-lhe fazê-lo. — Suponho que você espera que eu analise tudo e encontre aqueles que precisam da sua assinatura?

As bochechas dela coraram. — Me desculpe, eu nem pensei nisso. Sei que provavelmente está ocupado...

— Eu farei — ele interrompeu. — Mas pode demorar um pouco. — Parecia feliz com esse fato. Estranho que tenha sido ele quem havia terminado com Debbie. Não parecia tê-la superado, assim como ela não tinha o superado.

— Debbie, tudo bem por você se Stephen e eu formos para meu escritório enquanto você cuida disso? Precisamos revisar alguns papéis nós mesmos — disse Zoe.

Ela olhou nervosamente entre Bob e Zoe. Finalmente, assentiu. — Sim, claro. Tudo bem. Encontro vocês lá quando terminar.

Zoe deu-lhe um sorriso rápido e depois conduziu Stephen para fora da sala.

— Qual papelada você quer revisar? — ele perguntou. — Só vendemos dois dos cinco negócios e já tenho os demais contratos elaborados para quando os outros estiverem prontos para assinar.

Ela o silenciou e depois sussurrou:

— Não há papelada.

— Estou confuso.

Zoe se recusou a dizer outra palavra até que voltassem ao escritório. Só quando fecharam a porta, ela se virou com um sorriso. — Você não conseguiu sentir a química entre os dois?

— Você armou para eles voltarem? — Stephen perguntou. Ele se lembrou da reação de Debbie quando tentou levá-la de volta ao escritório de RH, da maneira como o corpo dela ficou rígido e ela o desafiou. Se a perspectiva de ver Bob novamente evocasse esse tipo de ansiedade, talvez aqueles dois não estivessem destinados a ter um relacionamento.

— Claro. Eu não os entendo de jeito nenhum. Mas se funciona, quem sou eu para julgar? — Ela parecia muito satisfeita consigo mesma quando desabou em uma das cadeiras do escritório.

— Mas havia uma razão pela qual eles se separaram — disse Stephen. — Talvez não devêssemos mexer nas coisas. Se for para ser, será.

Zoe o olhou com um pequeno sorriso. — Então, você acredita em destino, hein? Também acredita em carma e tudo mais?

Seus pensamentos ficaram mais sombrios quando se voltaram para sua mãe. Ela não havia feito nada para merecer sua morte prematura. Tinha sido uma santa. Então, não, ele não acreditava em carma. Poderia ter sido o destino? Não sabia mais em que acreditar. Havia parado de pedir a Deus que lhe explicasse isso há muito tempo.

— Preciso resolver umas coisas — disse, levantando-se.

— Eu disse algo errado? — Zoe perguntou, preocupação franzindo sua testa.

— Não — disse Stephen, sorrindo na tentativa de aliviar sua preocupação. — Estou otimista em relação às próximas duas empresas que visitaremos e quero estar preparado.

Estava quase no elevador quando ouviu passos rápidos atrás dele. Virou-se e encontrou Debbie correndo em sua direção, apertando o contrato contra o peito, lágrimas escorrendo pelo rosto e levando o rímel com elas.

— Aqui — disse ela, jogando a papelada nele.

Ele pegou a maior parte, mas o resto caiu no chão. — Desculpe. Zoe não deveria ter...

— Ah, não, estou feliz que ela tenha feito isso — disse Debbie. — Agora estou cem por cento certa sobre ele e pronta para seguir em frente. Mal posso esperar para vender meu salão rápido o suficiente. Ele tem razão. Temos lembranças de lá e estou pronta para que elas sejam demolidas. Literalmente, se não se importar. Haverá uma demolição completa, não é?

— Sim, tenho certeza de que haverá — disse, abaixando-se para recolher os papéis que haviam escapado de seu alcance.

— Perfeito. — E com isso, Debbie e seu cabelo azul desapareceram no elevador.

Quando Stephen pegou o último papel e se levantou, viu que Bob estava parado na porta, observando-o. Mais adiante, no corredor, a figura meio escondida de Zoe estava parada em sua própria porta. Fingiu não notar nenhum deles e decidiu subir as escadas, em vez de esperar o elevador.

Não sabia o que havia acontecido com Bob e Debbie e não tinha certeza se queria saber.

Porém, uma coisa era certa: Amor tinha mais drama do que uma novela mexicana.

E ele contribuíra para isso.

Capítulo 17



Zoe observou Debbie disparar pelo corredor, direto para Stephen. Ela não conseguia ouvir o que a outra estava dizendo, mas fosse o que fosse, não era bom.

Stephen saiu apressado, o contrato de Debbie ameaçando cair de seus braços, e Zoe fechou a porta com um suspiro. Tinha tanta certeza de que conseguiria juntar Debbie e Bob novamente. Era conhecida por suas habilidades de casamenteira - como pôde estar tão errada em relação a eles?

Tinha sido por causa dela que Sam e Katie haviam ficado juntos. Majoritariamente. Se ele não tivesse contratado Katie para ser sua coordenadora de eventos, eles não teriam ficado juntos. E isso tinha sido tudo obra de Zoe.

E ela gostava de pensar que tinha contribuído para que Ruby e Parker acabassem juntos naquela viagem de competição de balões de ar quente. Ok, não sabia sobre a viagem, mas pelo menos os havia feito seguir na direção certa.

Agora que estava pensando sobre isso, talvez só tivesse ajudado duas de suas amigas a encontrar o amor. Mas elas eram suas melhores amigas, então contava em dobro.

Parecia que havia perdido o toque ultimamente. Nada acontecia como deveria.

Uma pequena batida soou em sua porta. Olhou para cima quando Sam abriu uma fresta e espiou para dentro.

Zoe sorriu e fez sinal para ele entrar. — Estava pensando em você.

— Estava? — Ele se sentou em frente a ela.

— Ajudei você e Katie a ficarem juntos, não ajudei?

Sam assentiu. — Claro. — Quando Zoe não respondeu imediatamente, ele perguntou: — Isso teria alguma coisa a ver com o que aconteceu no departamento de RH?

Ela juntou as mãos e olhou para baixo. — Achei que estava ajudando.

— Bem, você não ajudou Daniel. Acabei de passar por lá e Bob estava dando ordens como se fosse um sargento da marinha.

— Bob está sempre latindo ordens.

— Não assim.

Zoe enterrou a cabeça nas mãos e gemeu. — Ruim assim, hein?

Sam riu. — Pior.

— Achei que estava fazendo a coisa certa ao deixar Debbie e Bob sozinhos. Eles ainda têm sentimentos um pelo outro, posso ver.

— Ou será que você apenas queria que eles tivessem sentimentos um pelo outro?

Ela levantou a cabeça. — Por que eu iria querer isso?

— Porque assim poderia ignorar os seus sentimentos.

Ela recostou-se na cadeira e cruzou os braços. — O que você está tentando dizer?

— Que é hora de parar de armar para outras pessoas como forma de evitar seus próprios problemas nesse departamento.

Zoe estreitou os olhos. — E quais seriam esses problemas?

— Quando foi a última vez que você teve um relacionamento amoroso? — Sam perguntou, indo direto ao assunto com um sorriso torto. Seus olhos brilharam de diversão.

A respiração de Zoe engatou e seu olhar caiu para o chão. Odiava esse assunto. Era tão embaraçoso. E ela realmente não queria ter essa conversa com o chefe, mesmo que ele fosse seu amigo.

— E como isso é da sua conta?

O sorriso de Sam não desapareceu. — Digamos apenas que você tem alguns amigos que se preocupam muito com você.

Ela gemeu. — O que significa que minha falta de relacionamentos amorosos tem sido objeto de conversas enquanto não estive lá.

— Sabemos que você é feliz, independente e tudo mais — disse ele. — Mas quando as coisas estão mudando ao nosso redor, é bom ter alguém em nossa vida para atuar como âncora. Para que, não importa onde estejamos trabalhando ou para onde a vida de nossos amigos os levem, tenhamos alguém nos mantendo estáveis.

Zoe franziu a testa. — Essa é sua maneira de me dizer que estou demitida?

Sam balançou a cabeça negativamente. — Não. Mas meu mandato termina em alguns meses e você poderá se encontrar em uma nova posição. Pode ficar com o novo prefeito, mas nunca se sabe. E, com Katie e eu voltando para a fazenda, provavelmente não a veremos com tanta frequência.

— Tantas mudanças, muitas mudanças — ela sussurrou. — Entre todos os meus amigos seguindo em frente com suas vidas, você saindo do escritório, e as lojas sendo compradas para todas aquelas celebridades de alta classe que não se importam nem um pouco com Amor...

— Essas são todas mudanças positivas.

— Sei — murmurou. — Isso não significa que eu tenha que gostar.

— Mas se você tivesse alguém que pudesse ajudar a fornecer estabilidade - uma base - não seria tão difícil. Teria alguém com você, enfrentando a tempestade.

Zoe assentiu. Sabia que Sam tinha boas intenções e isso fazia sentido. Mas esse tipo de compromisso com uma pessoa a aterrorizava. Havia visto como isso tinha destruído Ruby quando ela perdeu Clark. Durante muito tempo, Ruby foi uma sombra de quem era antes. É verdade que havia superado isso e agora estava delirantemente feliz com Parker, mas Zoe não tinha certeza se esse era um risco que estava disposta a correr.

Não, ela era muito melhor em ajudar os outros a encontrar esse tipo de felicidade. Encontraria a dela de outra maneira.

— Stephen é um cara legal — disse Sam, não pela primeira vez, enquanto se levantava para sair.

— Eu sei — disse Zoe.

— Na verdade, não acho que encontrará alguém melhor.

— Provavelmente não.

Muito depois de Sam ter saído do escritório, ela ficou sentada, olhando para a papelada em sua mesa, mas sem realmente vê-la. Nunca tinha realmente dado uma chance aos relacionamentos e fazia anos que não tinha um encontro de verdade.

Quando se levantou, tinha uma nova determinação. Se tudo ao seu redor fosse mudar, ela também precisava começar a mudar. Caso contrário, ficaria para trás. Já até havia experimentado um pouco disso.

Isso a fez pensar que Stephen obviamente não era o cara certo para ela, mas, talvez, ele fosse uma escolha segura para praticar. Sorriu com a perspectiva.

la pedir a ele que a ajudasse a descobrir como ser namorada de alguém.



Zoe tocou o ícone do telefone ao lado do nome de Stephen e caminhou enquanto o esperava atender. Seu plano era pedir que ele a encontrasse na loja de materiais de construção, que, por acaso, era a próxima parada da lista. Estavam deixando Rebecca e sua confeitaria para o final.

Zoe não havia falado com ele desde o dia anterior e tinha tido dificuldade para dormir, ansiosa com o que planejava fazer. Que loucura! Que ridículo! Mas não sabia como flertar ou como agir num encontro. Precisava de alguém em quem confiasse para lhe ensinar essas coisas, para que não estragasse quando finalmente conhecesse um cara de quem pudesse gostar mais. Não conseguia dizer a outra palavra com A. A mais importante.

E, como ele iria embora em breve, era o melhor homem para o trabalho.

— Olá?

O coração dela acelerou ao som de sua voz. — Ei! Eu não te acordei, acordei? — perguntou, sua voz estranhamente alta e estridente. Fechou os olhos, respirou fundo e tentou novamente. — Queria saber se você poderia me encontrar na loja de construção hoje para eu apresentá-lo a Jake. — Bom, a voz dela estava de volta ao normal.

— Eu já estava acordado — disse Stephen. — Quando você gostaria de se encontrar?

— Daqui a uma hora, pode ser? Então, tipo, nove e meia?

— Parece ótimo para mim.

Eles se despediram e uma hora depois ela se viu na loja de materiais de construção, usando suas botas de arco-íris da sorte. Estava nervosa com o que planejava fazer e precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir.

Stephen olhou para as botas dela e sorriu, mas não disse nada.

A reunião com Jake havia corrido bem. Ele não estava pronto para se comprometer com nada, mas havia concordado em pelo menos revisar o

contrato, o que era um bom sinal. Isso era o melhor que se poderia esperar de um homem cauteloso como ele.

— Você se importaria se parássemos no local de reparos eletrônicos algumas portas para frente? — ele perguntou enquanto voltavam para o sol.

Zoe esperava poder ter uma conversa com Stephen - conversa na qual pediria a ele que lhe ensinasse como ser uma boa namorada. Mas ele não poderia fazer muito até que acertasse as coisas com os donos das lojas, e seu chefe provavelmente tinha dado-lhe um prazo a ser cumprido.

— Claro — ela disse. — Então, que tal se eu te levar para almoçar depois?

Não tinha achado estranho dois parceiros de trabalho saírem para almoçar, mas as sobranceiras dele se ergueram em surpresa.

— A menos que você não queira — acrescentou apressadamente. — Como preferir.

Stephen a estudou por um momento e então seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. — Eu gostaria disso.

Uma placa na porta da frente da loja dizia que o proprietário ficaria fora o resto do dia.

— As pessoas rotineiramente simplesmente fecham suas lojas? — ele perguntou.

— Claro. Se o filho deles estiver doente ou houver um casamento, funeral ou for um bom dia de pesca.

— Pesca? — Stephen perguntou, olhando em volta em dúvida. — No deserto?

— Há um lago a cerca de uma hora de distância. Artificial, é claro — disse Zoe.

— Isso não prejudica os negócios deles?

Ela riu. — Você viu alguma outra loja de reparo de eletrônicos na cidade? Se alguém precisar consertar algo, voltará amanhã.

Ele olhou para seu telefone. — Antecipamos o almoço, então?

Como se fosse uma deixa, seu estômago roncou, embora parecesse mais um rugido para ela.

— Vou considerar isso um sim — disse ele com uma risada.

A tensão nervosa preencheu o silêncio enquanto caminhavam em direção ao restaurante. Zoe se perguntou se ela era a única que sentia isso.

— Você está andando melhor — disse em uma tentativa esfarrapada de puxar conversa. Stephen ainda usava a bota, mas não mancava mais como antes.

— Sim, na verdade, não está doendo mais. — Girou o tornozelo como se quisesse provar isso.

A tensão silenciosa entre eles recomeçou, e ainda não estavam nem a meio caminho do restaurante quando Zoe deixou escapar:

— Preciso da sua ajuda. — Tinha escapulado dela antes que pudesse se deter, e o modo como soou - tão desesperada - logo a fez estremecer.

Stephen lhe lançou um longo olhar de soslaio e disse:

— Tudo bem. O que precisa?

Zoe respirou fundo. Como poderia expressar isso de forma que não soasse como a pessoa mais idiota do mundo?

— Estou muito feliz com minha vida e com o que fiz com ela — começou.

— Não poderia ter escolhido uma cidade, amigos ou trabalho melhor - é tudo mais do que jamais pensei que merecia.

— Para mim, parece que você merece tudo o que tem e muito mais — disse Stephen.

Ele não iria tornar isso fácil para ela, não é?

— Mas a questão é que me senti confortável com a forma como as coisas são e perdi a lição em algum lugar que dizia que a única coisa na vida com a qual podemos contar é a mudança. Eu não vivenciei mudanças. Não por um longo tempo.

— E quando suas amigas se casaram?

— Significou apenas que estava ganhando mais amigos — disse Zoe. E realmente se sentia assim. — Sempre adorei ser aquela que marcava encontros para elas e ouvia todas as fofocas interessantes quando chegavam em casa. Adorava a ansiedade do ‘será que ele gosta de mim?’ e, depois, a felicidade que sentiam quando percebiam que haviam conhecido sua alma gêmea... Era contagiante.

— Foram suas amigas que se casaram ou você? — Stephen brincou. — É um pouco difícil dizer.

Calor tomou conta das bochechas de Zoe. Não estava explicando isso muito bem. — A questão é que recentemente alguém me ajudou a perceber que, por mais incrível que tudo tenha sido na última década da minha vida, ela não permanecerá estática. Tudo está mudando ao meu redor e não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

— Se você está tentando fazer com que eu me sinta culpado pelo meu trabalho... — Ele começou.

— Não estou — disse ela. Havia um poder por trás das palavras dela que o impediu de dizer mais. — Mas se eu não começar a mudar também, ficarei para trás.

Stephen parou de andar e Zoe percebeu estarem parados na frente do restaurante.

— Então, com o que você precisa da minha ajuda? — perguntou.

— Acho... que preciso aprender a namorar.

Ele a olhou fixamente, como se estivesse tentando descobrir se tinha a ouvido mal. — Não entendi.

— Não sei falar com homens, nem flertar, nem qualquer outra coisa que se espere de alguém que... você sabe... — Esperava não ter cometido um erro. Ele parecia o tipo que conhecia os pormenores do mundo dos encontros... Mas e se ela o tivesse interpretado errado? Isso que seria humilhação.

Stephen perguntou lentamente:

— Você quer... conselhos sobre namoro?

— Uhum. — O rosto de Zoe estava queimando agora, e ela tinha certeza de que devia estar vermelho tomate. Talvez pudesse fugir sem que ele percebesse. Embora ele ainda estivesse olhando-lhe com aquele olhar confuso estampado em seu rosto, então isso poderia ser um pouco difícil.

— Mas você acabou de me dizer que foi a casamenteira que ajudou a encontrar o amor verdadeiro para todas as suas amigas.

— Posso ter exagerado no meu envolvimento — disse ela. — Eu soube como unir duas pessoas, mas essa é a extensão das minhas habilidades. Não sei como essas coisas funcionam.

Stephen finalmente desviou o olhar e balançou a cabeça negativamente. — Acho difícil acreditar nisso.

— Eu já admiti que nunca fui beijada — disse Zoe, com a raiva crescendo em seu peito. — O que mais você quer? Precisa que eu admita que não tenho um encontro há seis anos? Vai ou não me ajudar?

Os olhos dele se arregalaram. — Seis anos?

Zoe balançou a cabeça negativamente e soltou um gemido de frustração. — Deixa para lá. Eu deveria saber. Peço desculpas. Cruzei a linha da decência entre colegas de trabalho. De agora em diante, vou me manter no meu cantinho, contanto que você prometa esquecer tudo o que acabei de lhe contar.

Virou-se, com a intenção de voltar ao escritório para terminar a metade restante de um sanduíche que não tinha comido no dia anterior. Ou tinha sido na semana passada? De qualquer forma, o sanduíche provavelmente ainda estaria bom. Talvez. A essa altura, Zoe não se importava.

Mas antes que desse dois passos, Stephen agarrou-a pelo braço e segurou-a.

— Espere aí. Lamento não ter respondido da maneira que esperava. Mas não é porque não quero ajudá-la. Só fiquei surpreso. Você é a pessoa mais independente, engraçada, única, inteligente e leal que já conheci. E ouvir que precisa de ajuda para conquistar um cara foi mais surpreendente do que qualquer coisa.

Zoe lentamente se virou para ele. — Você acha que eu sou todas essas coisas?

Stephen assentiu, seu olhar fixo no dela. Isso fez com que sua respiração ficasse presa na garganta. — Não acho que precise de auxílio no departamento amoroso, mas, se quiser, posso ajudá-la com um pouco de confiança. Assim que tiver isso, conquistará o mundo.

— Não preciso do mundo — disse ela, com a voz baixa. Aqueles olhos dele... saiu do transe em que ele a havia colocado. — Vou me contentar com o Novo México — disse com um sorriso.

— Vamos começar nossa primeira aula, então — disse ele, retribuindo o sorriso dela.

Uma onda de pânico a inundou. — O que... Agora?

— Claro. Somos só nós dois, em um restaurante. Seu primeiro encontro provavelmente será para comer fora, certo?

Fazia sentido, mas ela não esperava começar tão cedo. Agora tinha que dar

o seu melhor. E se dissesse a coisa errada? Tinha que causar uma boa primeira impressão ou o cara não a convidaria para outro encontro. Era como uma série de entrevistas que nunca parava até que um anel fosse retirado do bolso da calça e você percebesse que havia finalmente conseguido o emprego. Tinha conseguido. Tanta ansiedade...

— Não precisamos começar agora — disse Stephen, preocupado.

Zoe percebeu que ele estava mais perto do que momentos antes. — O quê?

— Você ficou pálida e, não tenho certeza, mas parecia que estava hiperventilando — disse ele. — Quer pegar nossa comida para comer no parque?

Ainda incapaz de encontrar a voz, ela assentiu e o seguiu até a lanchonete.

Se apenas a perspectiva de ter um primeiro encontro falso quase a havia feito desmaiar, estava com problemas mais sérios do que imaginava.

Capítulo 18



Stephen carregava os sacos de comida, embora Zoe não tivesse ficado feliz com isso. — Se eu estivesse te levando para um encontro, é assim que faria. Ia querer mostrar que te respeito — disse ele.

— Mas eu posso fazer isso sozinha. Sem falar que é você quem está usando uma bota no pé — ela resmungou.

— Sei que você é mais do que capaz, mas esse não é o ponto.

Ela lançou um olhar curioso em sua direção. — Então, qual é o ponto?

— Que eu quero fazer algo de bom para você. Então, deixe-me. Por favor.

— Não pretendia que a última parte soasse tão patética quanto parecia, mas teve o efeito desejado. Zoe parou de lançar olhares mal-humorados em sua direção e, em vez disso, parecia estar pensando profundamente enquanto voltavam para o parque. Cara, estiveram por toda a cidade. Ainda bem que seu pé estava começando a melhorar, embora não estivesse tão indolor quanto fazia parecer.

Quando finalmente chegaram ao parque, sentaram-se num banco atrás do salão -provavelmente o mesmo que Bob frequentava todos os dias às onze horas - e Stephen distribuiu os sanduíches e as sopas.

— Tudo bem — falou Zoe. — Se estivéssemos em um encontro, você carregaria minha comida. Mas isso não me ajuda a saber o que devo fazer.

Ele desembulhou seu sanduíche BLT. — Verdade. Acho que minha primeira pergunta é: qual você acha que é o propósito de um primeiro encontro?

— Conseguir um segundo encontro.

Ele quase se engasgou com a primeira mordida no sanduíche. — Essa é uma maneira interessante de ver o primeiro encontro.

— Não é verdade? — ela perguntou, mexendo a sopa, mas sem a comer.

— Suponho que sim, mas conseguir um segundo, terceiro ou quarto encontro não significa nada, a menos que você esteja progredindo em direção a algo real.

Zoe deu uma colherada na comida e pensou sobre isso por um tempo. Finalmente, perguntou:

— O que quer dizer?

— Serei honesto, alguns caras estão nisso apenas por diversão. Querem um rostinho bonito para olhar, alguém para rir de suas piadas e, com sorte, um beijo de boa noite no final. Ou algo mais.

— Há algo de errado com isso?

Stephen sempre presumiu que sim, mas nunca ninguém o questionou antes. — Suponho que não, se ambas as pessoas tiverem a mesma expectativa: uma noite de diversão. Mas uma vez que emoções começam a surgir - e isso vai acontecer - as coisas ficam complicadas. E você não parece ser o tipo de

pessoa que sai apenas para uma noite de diversão.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não sou. — Fez uma pausa e, quando o olhou, o batimento cardíaco dele acelerou. Havia uma honestidade e vulnerabilidade nos olhos dela que não tinha notado antes. — Qual você acha que é o propósito de um primeiro encontro?

— Fazer perguntas.

— Que tipo de perguntas?

— O tipo que me ajuda a saber se a pessoa é alguém com quem quero passar meu tempo. Um segundo encontro não vale nada se eu não souber se sou remotamente compatível com a pessoa com quem estou saindo.

— Interessante... — Zoe murmurou. — Não preciso vender minha própria imagem.

— Essa é a pior coisa que você poderia fazer — disse Stephen, surpreso por ela pensar que precisava sequer considerar isso. — Tentar ser o que você acha que a outra pessoa deseja apenas prolonga o inevitável e, francamente, isso parece exaustivo.

Pela primeira vez desde que lhe pediu ajuda, ela sorriu. — Você não tem ideia de como estou aliviada em ouvir você dizer isso. Sério, tirou um peso do tamanho de um elefante dos meus ombros. — Ela o cutucou com o ombro. — Veja, você já ajudou muito. Sabia que era a pessoa certa para o trabalho.

Stephen tentou retribuir o sorriso dela, mas parecia forçado. Ele se pegou desejando que não fosse um trabalho e que pudesse sair com ela de verdade. Mas eles eram dois navios que passavam em viagem para destinos diferentes.

— Que tipo de perguntas devo fazer? — Zoe perguntou com a boca cheia de comida.

Ele demorou a mastigar. Depois de engolir, disse:

— Você poderia começar com perguntas fáceis para quebrar o gelo.

Zoe torceu o nariz. Era adorável. — Não há nada fácil nisso.

— Você sabe, perguntas como: ‘Você tem algum animal de estimação?’ ou ‘Qual o seu trabalho?’ Coisas do tipo.

Ela sorriu. — Ah, então você quis dizer que eu deveria começar com as perguntas chatas.

— Ei, algumas pessoas têm empregos muito interessantes — protestou Stephen. — E animais de estimação.

— Que tal isso para quebrar o gelo? Qual sua história mais constrangedora?

Ele riu. — Isso certamente seria interessante. Estou feliz por não ser eu recebendo essa pergunta.

— Claro que está — disse ela. — Estamos em um primeiro encontro falso, certo? Portanto, devemos agir como tal. O que significa que você tem que responder à minha pergunta para quebrar o gelo.

— Você disse que ainda não estava pronta para um encontro falso. É por isso que viemos almoçar no parque.

Zoe apontou a colher para ele. — Está dizendo que ninguém nunca fez um

piquenique no primeiro encontro antes?

— E-eu tenho certeza de que alguém já... algum dia — Stephen gaguejou, tentando encontrar uma saída para isso. Realmente não queria contar seu momento mais embaraçoso para Zoe. Gostava muito dela para submetê-la a isso.

Ela assentiu satisfeita. — Estou feliz por estarmos de acordo, então. Este é o nosso primeiro encontro e você tem que responder à minha pergunta.

Ele suspirou. — Tudo bem. Mas não diga que não avisei.

— Fala sério. Você não tem nada que temer. A minha história vai fazê-lo rir por semanas.

Era quase como se Zoe estivesse orgulhosa de seu momento embaraçoso, o que estranhamente deixou Stephen à vontade e o fez querer que o seu momento fosse muito mais humilhante do que o dela, apenas para vencer.

— Ok, então eu estava neste café com um amigo meu — disse ele, sem acreditar que iria realmente admitir isso em voz alta. Nunca havia contado a ninguém antes. Calor invadiu suas bochechas só de pensar nisso.

— Isso é constrangedor — disse Zoe. — Você pagou o milhão de dólares que eles cobram, em vez de apenas fazer sua própria xícara de café em casa?

— Ela balançou a cabeça negativamente. — Onde esse mundo vai parar?

Stephen franziu a testa. — Eu não terminei.

Ela sorriu. — Ah, desculpe. Por favor, continue.

— De qualquer forma, a fila do *drive-thru* estava muito longa, então corri até lá dentro bem rápido. Mas quando o barista me entregou os dois cafés, meu chefe ligou.

— Achei que seu pai fosse seu chefe.

— Ele é, mais ou menos. Mas quis dizer o chefe. O chefe de toda a empresa.

Zoe se inclinou para frente, seu sorriso se alargando. — Ah... você estragou tudo, não foi?

— Não. Talvez. — Stephen balançou a cabeça. — Essa não é a questão. Então, eu estava falando ao telefone enquanto fazia malabarismos com os dois copos de café e depois me sentei no banco do passageiro do carro do meu amigo para encerrar a ligação.

— Você derramou tudo sobre o seu amigo? — Zoe adivinhou. A mulher simplesmente não conseguia se conter. Contar toda essa história seria como uma maratona.

— Não, coloquei os copos no console central e terminei minha ligação.

Ela piscou. — O que há de constrangedor nisso?

— Nada. Exceto que fiquei sentado no carro por dez minutos conversando com meu chefe, apenas para descobrir, depois de desligar, que aquele não era o carro do meu amigo. Era de um estranho, que estava educadamente esperando que eu terminasse a ligação para me dizer que eu estava no carro errado.

A risada explodiu de Zoe como um canhão, e ela não parou até que

lágrimas rolaram pelo seu rosto. — Você realmente estava tão absorto em sua conversa que não percebeu nada?

Ok, este jogo não era mais divertido. A única coisa que o fez se sentir melhor foi saber que ouviria um momento embaraçoso dela.

— Foi muito traumático e você é a única pessoa no mundo inteiro que sabe — disse Stephen. — Então, seja legal.

Zoe assentiu, os lábios em uma linha apertada, como se estivesse tentando evitar que a risada explodisse novamente.

— Sua vez — disse ele.

— O que você quer dizer? Acabei de te fazer uma pergunta. Agora é a sua vez.

— Eu quis dizer que é a sua vez de me contar o seu momento mais embaraçoso.

Zoe deu uma mordida gigante em seu sanduíche e disse com a boca cheia de comida:

— Ah, não tenho nenhum.

Stephen ergueu uma sobrancelha. — O que quer dizer com não ter um?

— Eu não fico envergonhada — disse ela, encolhendo os ombros.

— Isso não é justo, me fazer contar tudo e depois não contar nenhum momento seu. Você disse que tinha um.

— Posso ter distorcido a verdade.

Ele franziu a testa e se lembrou da vez em que a viu corar ao falar sobre nunca ter sido beijada. — Não acredito em você. Está blefando.

Zoe estreitou os olhos e o estudou. — É sério.

— Você simplesmente não quer falar sobre isso.

— Você não pode provar isso, então terá que perguntar outra coisa.

Ele cruzou os braços, tentando pensar em algo que fosse equivalente à pergunta dela. Perguntas fáceis estavam, agora, fora de questão. — Por que nunca beijou alguém?

Zoe engoliu em seco com tanta força que começou a engasgar e teve que pegar sua bebida.

Stephen tentou bater nas costas dela, mas ela o dispensou.

— Estou bem — falou, embora as palavras saíssem roucamente. Assim que pareceu estar no controle novamente, disse:

— Escolha uma pergunta diferente.

— Não.

Zoe inclinou a cabeça, como se a resposta dele a tivesse surpreendido. — Não?

— Você me fez uma pergunta difícil, agora eu estou a questionando. Você é obviamente atraente, de boa índole e divertida de conviver. Tenho certeza de que teve muitas oportunidades. Então, por que nunca beijou alguém?

Um canto de sua boca se abriu em um sorriso. — Não achava que você fosse do tipo assertivo. Cai bem em você.

— Obrigado — disse Stephen, novamente envergonhado. Não sabia se era

porque ela havia dito que ele normalmente não parecia tão assertivo, ou porque, agora que ela tinha visto, havia achado atraente. — Mas não vou retirar a pergunta.

— Tudo bem — ela disse lentamente, como se estivesse tentando organizar seus pensamentos. — Você está certo ao dizer que houve oportunidades no passado. Mas, honestamente, tudo isso me assusta.

Ele amassou a embalagem do sanduíche e jogou-a na lata de lixo ao lado deles. — Como assim?

Ela mordeu o lábio inferior enquanto pensava em sua resposta. Isso a fazia parecer tão vulnerável, mas ainda assim cativante. Stephen teve dificuldade em desviar o olhar, mas conseguiu voltar a focar nos olhos dela.

— Sei que para alguns não é assim, mas vejo um beijo como um sinal de compromisso. Eu estaria revelando uma parte de mim que mantenho privada, destinada apenas aos momentos mais íntimos. Como posso saber se posso confiar isso a alguém?

— Uau. Isso foi... profundo. — Isso o fez sentir vergonha das vezes em que beijou uma mulher só porque era o que as pessoas geralmente faziam no final de um encontro. Se eles se achavam atraentes e queriam prolongar a noite um pouco mais, por que não? Mas, ao ouvir o quão pessoal isso era para Zoe, Stephen percebeu que era assim que deveria ser. Assim que sempre deveria ser.

As bochechas dela coraram. — Desculpe, sei que é estranho. Eu só... quero ir em encontros. Mas não tenho certeza se posso fazer... você sabe o quê.

— Beijar?

Zoe assentiu.

— Você não deveria se preocupar com essa parte. Se for o cara certo - e você saberá se ele for - então tudo vai dar certo sem nem precisar pensar nisso.

— Você acha? — Seus olhos estavam arregalados e incertos, mas esperançosos.

— Tenho certeza.

Ambos se recostaram, sem comida, e observaram um pássaro correr pelo parque. Ele tinha longas penas na cauda e era mais rápido do que Stephen esperava. Por que não voava?

Ele se endireitou. — Isso é um papa-léguas?

— Sim. Eles estão por toda parte nesta época do ano.

— São menores do que eu imaginava — disse Stephen. — Pelo menos comparado com aquele que sempre luta contra o Coiote. Sempre presumi que aquele Papa-léguas era fiel à vida real.

Zoe riu. — Você presumiu que um personagem de desenho animado que estava sempre sendo perseguido por um coiote obcecado por TNT era fiel à vida real?

— Bem, qualquer coisa parece ridícula quando você diz isso com esse tom

de voz — disse Stephen desafiadoramente.

Eles observaram o papa-léguas desaparecer no deserto do lado oposto do parque.

— Eu amo este lugar — Zoe disse suavemente.

— Amor?

Ela deu-lhe um olhar de soslaio. — Eu adoro Amor, mas estava me referindo ao parque. Ele proporcionou coisas tão boas para tantas pessoas. É um lugar tranquilo para escapar em um dia claro e ensolarado como hoje, mas também é um lugar onde podemos nos reunir e apoiar uns aos outros em diferentes eventos da cidade. Costumava ser um lar para aqueles que não tinham um. Barracas costumavam ser alinhadas do outro lado do parque, antes de nosso programa para moradores de rua conseguir o financiamento necessário. Já foram tantas coisas - o que quer que precisássemos que fosse.

Culpa o envolveu. Ele gostava de finalmente estar tendo um bom relacionamento com Zoe, mas tinha certeza de que, quando saísse da cidade, ela iria odiá-lo. E isso iria doer. Para valer. Stephen percebeu que queria estar perto dela, cada vez mais a cada dia.

Mas o prefeito Freedman havia concordado em vender parte do terreno onde ficava o parque. Não tudo, mas o suficiente.

Stephen iria transformá-lo em um hotel.

E Zoe iria matá-lo.

Capítulo 10



— Então, como funciona depois do primeiro encontro? — Zoe perguntou, levantando-se para jogar fora o lixo. — Espero ansiosamente que o homem me ligue e me convide para um segundo encontro, ou devo ligar porque foi ele quem me convidou para sair primeiro? Tipo, um revezamento. — Fez uma pausa. — Ou talvez tenha sido eu quem o convidou para sair primeiro. Como estamos numa era de mulheres independentes, posso fazer isso agora?

A testa de Stephen estava franzida, como se estivesse pensando profundamente, mas agora a olhou e riu. — Você pode fazer o que quiser. Mas, tecnicamente, acho que você me convidou para sair no nosso primeiro encontro. Então, suponho que deva esperar ansiosamente, verificando seu telefone a cada dois minutos, imaginando se vou lhe mandar uma mensagem. Porque você não quer parecer muito ousada, convidando-me para sair duas vezes seguidas. — Fez uma pausa. — Sim, acho que revezar é a melhor maneira de agir na maioria das situações. Como uma partida de tênis. A bola agora está do meu lado.

Ela balançou a cabeça e jogou o lixo fora. — É sempre tão complicado?

— Não, só quando as pessoas tentam descobrir as regras do mundo do namoro. Porque, na verdade, não há nenhuma. Estou apenas inventando coisas — disse ele.

Sua boca se abriu ligeiramente. — Sério? — Esse era um assunto que realmente a preocupava, um no qual havia o procurado em busca de ajuda e, no fim, descobriu que ele não sabia nada mais do que ela. Bem, talvez um pouco mais. Mas não muito.

— Desculpe — ele disse com um pequeno encolher de ombros. — Cada vez que tento descobrir as regras, elas mudam.

— Acho que posso entender isso.

Zoe o observou enquanto ele examinava o banco, certificando-se de que não haviam esquecido nada. Quanto mais tempo passava com ele, mais entendia o que Sam quis dizer quando disse que Stephen seria bom para ela.

Mas não tinha como funcionar. Não quando a presença dele em sua vida era tão temporária.

Mesmo assim, machucaria conhecê-lo melhor? Ela se viu querendo um segundo encontro - e não um encontro falso. Perguntou-se o que ele pensaria disso. Apenas o pensamento causou-lhe ansiedade, mas uma onda de excitação rapidamente se seguiu.

E se?

— Eu deveria voltar para o meu quarto de hotel. Tenho algumas ligações para fazer — disse ele, embora parecesse tão hesitante em sair quanto Zoe.

— Ok, vejo você por aí — disse ela, dando um passo para trás. — Ou talvez não. Acho que não sei, né? Por que é agora que fico observando meu

telefone ansiosamente, esperando, certo?

Stephen riu. — Veja, eu sabia que teria um talento natural para isso.

Acenaram, sem jeito, um para o outro e depois caminharam em direções diferentes pelo caminho do parque. O de Zoe a levava de volta à prefeitura e o de Stephen para o seu hotel. Mas ela não tinha dado mais do que alguns passos quando olhou por cima do ombro.

Ele não havia se mexido. Estava ali, observando-a.

— Esqueceu alguma coisa? — ela perguntou, eletricidade zumbindo pelos dedos das mãos e dos pés.

Stephen assentiu. Deu um passo em direção a ela. — Não quero deixá-la esperando ao lado do telefone.

Zoe engoliu em seco. — Ok.

— Quero levá-la para um segundo encontro.

Ela assentiu, adrenalina percorrendo-a, deixando-a tonta. — Ok.

— Sei que há um bilhão de razões pelas quais isso é inconveniente ou não deveria funcionar. Sei que você não gosta do motivo de eu estar aqui em Amor e sei que isso não vai mudar. Mas também sei que você é uma pessoa incrível e estou me apaixonando por você, Zoe Flores. Por favor, me dê uma chance. Como pessoa. Não como incorporador imobiliário. Esqueça meu trabalho e veja meu verdadeiro eu.

A língua de Zoe parecia ter virado chumbo e demorou um pouco para fazê-la funcionar novamente. Nunca tinha tido ninguém falando consigo assim antes - com tanta intensidade. Consequia ver que ele queria dizer cada palavra. E sentia o mesmo. Já se sentia assim há algum tempo, se fosse honesta consigo mesma.

— Ok.

Stephen inclinou a cabeça com um sorriso incerto. — Então... posso levá-la para jantar hoje à noite?

Zoe balançou a cabeça e o sorriso dele vacilou. — Devíamos fazer algo diferente para o nosso segundo encontro. Principalmente porque este será real — disse ela.

Seu sorriso voltou. — O que você tem em mente?

— Não se preocupe com nada. Me pegue amanhã às seis e meia da noite.

— Sim, senhora. — Ele deu-lhe uma piscadela rápida e depois girou na direção oposta.

Zoe tinha acabado de se virar quando ele a chamou mais uma vez. — Preciso usar algo especial?

— Algo que você não se importe de sujar — ela gritou por cima do ombro.

Ela nunca havia sentido nada parecido com a energia que zumbia por si enquanto voltava para o escritório. Não conseguia se concentrar em nada além dos sentimentos de desejo e atração que sentia por Stephen. Eles estavam separados há apenas alguns minutos, mas já pareciam horas.

Era assim que era se apaixonar por alguém?

Se fosse, ela poderia se acostumar com isso.



Três batidas rápidas na porta da frente deixaram-na em frenesi. Ela já tinha a grelha para a fogueira na parte de trás do carro. Havia saído cedo do escritório para pegar as compras de que precisava, então eles estavam tranquilos nesse departamento. Água. Ok. Cobertores, cadeiras dobráveis de acampamento e um balde extra. Ok. Stephen... ah, meu Deus, Stephen ainda estava na varanda da frente.

Zoe correu pela sala da frente e abriu a porta. Seu coração disparou e ela se encostou no batente da porta, tentando parecer natural. Isso foi difícil, considerando que ele estava incrível com uma camisa de manga curta, que abraçava seu torso nos lugares certos.

— Ei — ela disse, ainda sem fôlego.

— Ei, para você também — ele devolveu, seus olhos brilhando como se estivesse tão animado em vê-la quanto ela estava em vê-lo. Quando Zoe não respondeu imediatamente, porque ainda estava hipnotizada pelos olhos dele, Stephen perguntou: — Você precisa de ajuda com alguma coisa? — Ele acenou com a cabeça para a pilha de suprimentos que ainda estava na sala da frente.

— Ah, sim. Isso seria ótimo — disse ela. — Tudo pode ser colocado no porta-malas do carro.

Ele pegou um punhado de sacolas e então parou. Ergueu um pedaço de tubo de cobre que tinha um pouco menos de trinta centímetros de comprimento. Tinha um antigo arame de cabide pendurado em uma das extremidades. — Você está planejando me dar uma surra e me deixar no deserto? Se for o caso, quero saber com antecedência para poder me preparar.

Zoe ergueu uma sobrancelha. — Você ainda iria comigo, mesmo se eu dissesse que era exatamente isso que estava planejando fazer?

Stephen deu um aceno solene. — Sim.

— Para sua sorte, não sou uma assassina psicopata, mas agora você me faz pensar sobre sua falta de bom senso. Sua mãe nunca lhe ensinou a não se envolver em situações em que alguém planejasse matá-lo? — Assim que as palavras saíram de sua boca, ela percebeu o que havia dito. Um lapso momentâneo de seu próprio julgamento, ao lembrar que a mãe dele faleceu quando ele ainda era criança. De todas as coisas estúpidas para dizer...

Suas sobrancelhas franziram por um momento, depois relaxaram lentamente, quase como se tivesse que forçá-las a voltar às posições originais. — Ela sempre foi aventureira — disse, com a voz suave. — Me encorajava a explorar.

Zoe não mencionou o fato de que sua mãe provavelmente não pretendia que ele fosse explorar com um assassino. — Tenho certeza de que teria gostado dela.

Então, desesperada por mudar de assunto para não falar besteira novamente, ela pegou várias sacolas também e as levou para o carro. Depois de colocá-las no porta-malas, percebeu que um dos cadarços de seu sapato

havia se desfeito e se abaixou para amarrá-lo. Ela se viu no mesmo nível da bota hospitalar de Stephen.

Endireitou-se tão rápido que quase lhe deu uma cabeçada no estômago. Não tinha percebido que ele estava tão perto.

— Você está bem? — ele perguntou, dando um passo para trás, as sacolas de compras ainda penduradas em suas mãos.

— Você ainda está usando a bota.

— Sim, estou — disse com um sorriso torto. — Tenho mais quatro semanas com essa coisa, lembra?

— Quero dizer, sou tão descuidada — disse Zoe com um pequeno gemido.

— Estou levando-o para o deserto, e sua meia vai coletar todos os cardos e espinhos, sem falar que voltará coberta de areia. Desculpe. Vou pensar em outra coisa.

Stephen passou por ela e colocou as sacolas no porta-malas, depois colocou a mão no ombro dela e olhou-a nos olhos. — Não.

— Não?

— Não. Quero fazer tudo o que você planejou e estou disposto a correr o risco de ser espetado e sujado para fazer isso.

Zoe sufocou um nó na garganta. Ele realmente era o melhor cara para ela. Na verdade, era o melhor cara, ponto final. Assentiu. — Ok.

Em quinze minutos, eles tinham tudo pronto e estavam na estrada.

— Sabe, para alguém que insistiu que não queria sair para comer, há muita comida no carro — disse Stephen.

— Eu quis dizer que não queria sentar enquanto outra pessoa preparava nossas refeições em um restaurante ou algo parecido — disse ela. — Mas temos que comer. Além disso, é muito mais divertido cozinhar nos mesmos.

Stephen sorriu. — Bem, não tenho muita experiência com cozinhar ao ar livre, mas, com base no dia em que nos conhecemos naquela fogueira, diria que teremos uma noite divertida.

— Assar cachorro-quente não é cozinhar ao ar livre — disse Zoe rindo.

— Estava tentando ser educado.

Ela saiu da estrada principal e eles seguiram aos solavancos pelo deserto por mais trinta minutos em uma estrada de terra que não tinha sido bem conservada.

— Estou começando a achar que não estava brincando sobre aquele cano de cobre — disse ele. Mas assim que as palavras saíram de sua boca, Zoe virou para outra estrada lateral, que os levou além de uma estação de guarda abandonada. Depois disso, havia o que costumava ser um acampamento.

Não era mais usado, mas ainda havia fogueiras e era um ótimo lugar para fugir das luzes da cidade e ver as estrelas.

O sol estava baixo no céu, mas não havia desaparecido completamente, dando-lhes luz suficiente para desfazerem as sacolas. Listras rosa e laranja acentuavam tudo, dando um toque romântico à noite. Ela tentou não pensar

muito nessa parte. Isso dava um nó em seu estômago.

— É melhor acendermos o fogo ou não comeremos antes da meia-noite — disse Zoe.

— Não vi nenhuma pederneira em seus suprimentos — disse Stephen, olhando através de uma das sacolas.

Ela riu. — Pode fazer isso à moda antiga, escoteiro, mas estarei aqui com meu fluido de isqueiro. — Colocou vários troncos uns contra os outros para que parecessem uma tenda, amassou alguns jornais, que colocou entre eles, e depois os encharcou com fluido de isqueiro. — Acho melhor se afastar — disse a ele. Riscou um fósforo e jogou-o dentro. Chamas irromperam da fogueira, calor explodiu em direção a eles. Zoe se perguntou se ainda tinha todo o cabelo com o qual havia chegado. Esperançosamente, ao menos suas sobrancelhas estavam intactas.

— Isso que eu chamo de fogo — disse Stephen. Mesmo que as chamas tivessem diminuído para um nível apropriado, ele ainda lançava olhares ansiosos para elas.

— Como eu disse, queremos comer antes da meia-noite. Enquanto queima um pouco, você pode colocar a comida que quiser em um papel alumínio, depois cozinharemos na grelha.

Zoe havia trazido salsichas, batatas, cebolas e pimentões, todos cortados naquela tarde. Colocou saleiros e pimenteiros ao lado deles.

Stephen esfregou as mãos, fome estampada em seus olhos. — Isso parece tão incrível que eu quase poderia comer tudo isso cru. — Ela torceu o nariz e ele riu. — Eu disse ‘quase’. Não se preocupe, não vou virar um homem das cavernas.

A pilha de toras havia caído e as chamas diminuíram o suficiente para que Zoe pudesse colocar a grelha sobre a fogueira e eles pudessem cozinhar a comida. Não demorou muito e logo estavam soprando pedaços de batata, tentando não queimar os lábios.

Comeram em um silêncio confortável e, assim que a comida acabou, Zoe amassou o papel alumínio até formar uma bola. — Agora que terminamos de comer, posso lhe contar o motivo do cano de cobre — disse, agarrando-o e balançando-o no ar. — Na verdade, contém parte de uma mangueira de jardim.

— Uh — disse Stephen, com a cabeça inclinada para o lado.

Quando ele não disse mais nada, Zoe colocou outra lenha no fogo para acendê-la novamente, depois pegou uma luva de forno e colocou cuidadosamente o tubo de cobre bem fundo no fogo.

Recostou-se, com os braços cruzados, sentindo-se presunçosa. Mas então nada aconteceu e ela se inclinou para frente. Sempre havia funcionado antes. Zoe realmente queria impressionar Stephen e esperava que isso não fosse ser um fracasso.

Alguns momentos depois, uma chama verde surgiu de uma das toras. Foi rapidamente seguido por um fluxo azul, depois vermelho e então roxo. Não

demorou muito até que o fogo normalmente laranja se transformasse em um que continha todas as cores do arco-íris.

Zoe olhou para Stephen, ansiosa pela reação dele.

Este encarava a fogueira, a boca parcialmente aberta, paralisado. Tinha esse efeito nas pessoas. Pelo menos, sempre acontecia com ela. — Isso é incrível — ele finalmente disse em um sussurro reverente.

— Meu pai me ensinou esse pequeno truque — disse Zoe, satisfeita com a reação dele.

Ambos se recostaram nas cadeiras de acampamento, em silêncio, olhando para o fogo multicolorido, dando uma olhada ocasional para o céu, que agora estava repleto de estrelas.

Stephen a olhou. — Você mora em um lugar muito especial aqui. Com pessoas especiais. Posso ver por que ama tanto esse lugar.

— Sim. Mesmo que eu não tenha crescido aqui, sempre me senti mais em casa do que na Flórida.

— É de onde eu venho — disse ele, com as sobrancelhas arqueadas de surpresa. — Por que você foi embora?

— Senti que estava faltando alguma coisa e comecei a procurar. Busquei em muitos lugares, mas nem percebi o que procurava até pousar em Amor, há cerca de uma década. — Fez uma pausa. — Por quanto tempo você vai ficar? O projeto vai demorar pelo menos mais um mês, certo?

Stephen soltou um longo suspiro. — Se fosse para eu escolher, para sempre. Há um tipo de paz aqui que nunca senti em nenhum outro lugar.

— Mas tudo isso está mudando. Não é mais tão pacífico como antes — disse Zoe. Assim que disse isso, percebeu que ele poderia achar que o culpava por isso. Mas não o culpava. A mudança havia começado antes mesmo dele chegar à cidade. Ela havia ignorado, mas já estava acontecendo.

Olhou-o e descobriu que ele já estava observando-a, a luz azul e verde do fogo refletindo em seus olhos.

— É o meu trabalho, não é quem eu sou — disse calmamente.

— Eu sei.

Ele a estudou. — Sabe mesmo?

Ela assentiu, com a boca subitamente seca, ao perceber que gostava de Stephen. Realmente gostava dele. E o mais importante, confiava nele.

Uma leve brisa soprou e Zoe pulou da cadeira, juntando o lixo antes que ele tivesse a chance de ser levado embora. Ficou grata pela distração.

Stephen ajudou-a a arrumar os suprimentos, e não demorou muito para que as únicas coisas que restassem fossem as cadeiras e o fogo, que continuava aceso.

— Devemos apagá-lo? — ele perguntou, aproximando-se e acenando com a cabeça em direção às chamas.

Zoe estremeceu quando outra brisa passou e ela se abraçou. — Ainda está meio grande agora. Podemos deixar por um pouco mais de tempo.

— Mas você parece com frio — ele disse, dando um passo mais perto.

Zoe deu um passo para trás. — Acabei de me lembrar, tenho cobertores no carro. — Virou-se e se ocupou de ir lá buscá-los, mas se repreendeu o tempo todo. Gostava de Stephen. Ele já havia admitido que gostava dela. Por que então não podia simplesmente permitir que ele se aproximasse? No último segundo, colocou de volta um dos cobertores.

— Só encontrei este — disse, voltando para onde Stephen ainda estava.

Ele fez uma expressão estranha, como se soubesse que não era verdade. Afinal, havia ajudado a arrumar as sacolas no carro. Era uma mentira esfarrapada e ela nem sabia por que tinha feito isso. Mas se sentiria mais estúpida se tentasse recuar agora.

— Você deveria usá-lo. Estou vestindo uma camisa de mangas compridas — disse Stephen.

Então, foi por isso que ele fez aquela cara. Achava que ela queria que ele sentisse frio ou algo assim, e havia propositadamente mantido o outro cobertor longe dele?

— Nós poderíamos compartilhar — disse ela, tentando manter a voz leve e natural. Não tinha certeza se tinha conseguido. — Há uma rocha plana por aqui e há espaço suficiente para nós dois.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — Isso parece bom.

Eles se acomodaram na rocha, mas ela não era tão grande quanto parecia, e foram necessárias algumas manobras para que ambos se acomodassem confortavelmente. Stephen pegou o cobertor e envolveu-o nos ombros de ambos.

Zoe se aninhou nele na tentativa de lutar contra o frio, e ele não pareceu se importar porque a puxou para mais perto. Ela se encaixava tão bem ao lado dele que parecia natural. E certo.

— Obrigado pelo encontro — disse Stephen contra o cabelo dela. — Eu me senti um pouco culpado por deixar você planejar tudo, mas, honestamente, foi muito melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter pensado.

— Eu gostei — disse ela, inclinando a cabeça na direção dele. — Sei mais sobre o que há para fazer aqui, então fez sentido ser eu a planejar.

Ele soltou um longo suspiro que fez cócegas em sua orelha. — Aprendi a gostar de Amor. Não quero ir embora.

— Foi apenas da cidade que você aprendeu a gostar? — Zoe brincou, obviamente pescando por elogios. Poderia ser mais transparente?

Stephen riu. — Talvez tenha mais a ver com uma certa mulher que conheci.

Era a resposta que ela esperava, mas ainda assim fez seu coração acelerar em um ritmo peculiar. — Talvez pudéssemos prolongar um pouco as coisas. Você sabe, fazer algumas coisas darem errado para que o trabalho o mantenha aqui por mais tempo.

— Ah, você quer dizer mais do que você já tem? — Ele perguntou, mas sua voz era leve e cheia de humor.

— Pedi desculpas por essas coisas.

— Não pediu não.

Zoe fez uma pausa. — Hum. Poderia jurar que sim. — Ela se virou mais completamente para poder vê-lo. — Gostaria de compensá-lo. Sei que fui horrível quando chegou aqui.

Seus olhos brilharam e pareciam perfurar os dela, enquanto ele sustentava seu olhar. — O que você propõe?

— Bem... — Ia dizer-lhe que compraria qualquer lembrancinha turística do Novo México que ele gostasse ou algo igualmente ridículo, mas antes que seu cérebro se recuperasse, já havia pressionado seus lábios contra os dele.

Ela sempre se perguntou como seria seu primeiro beijo, mas nada poderia tê-la preparado para o choque de emoções que a percorreu quando seus lábios colidiram. Excitação, paixão e eletricidade percorreram seus nervos, fazendo com que parecesse que ela nunca ficaria totalmente satisfeita.

Os lábios dela tocaram os dele e ele respondeu da mesma forma. O beijo foi faminto e ainda assim gentil, enquanto ela se aproximava ainda mais. O cobertor caiu quando Zoe colocou as mãos na nuca de Stephen, mas ela não precisava mais dele. Seus braços a envolveram e eram tudo de que precisava para se manter aquecida.

Seus lábios se separaram por um breve momento e ele mordiscou seu lábio inferior, provocando-a, e isso só fez com que o desejasse mais. Ela não conseguia acreditar que havia perdido tanto tempo sem isso. Mas talvez não tivesse perdido, porque tinha certeza de que apenas Stephen poderia fazê-la se sentir assim.

E quando ela se agarrou a ele, soube que era por ele que ela estava esperando o tempo todo.

Capítulo 20

Stephen rolou na cama com um gemido. Talvez o fim de semana devesse começar mais cedo. Ainda cheirava à fogueira e a meia que usava com a bota estava agora no lixo. Não tinha dito nada porque não queria que Zoe se preocupasse com ele, ou pior, insistisse em voltar mais cedo, mas estava coberto de todo tipo de coisa cujo único propósito era causar dor. Acabou apenas a cortando para evitar maiores danos.

Então, seus pensamentos se voltaram para o beijo. Ou melhor, para a enxurrada de beijos. Um sorriso surgiu em seu rosto e eletricidade passou por ele. Se ele se levantasse e fosse trabalhar, poderia vê-la. Só isso já era suficiente para tirá-lo da cama.

Depois de um longo banho, Stephen checkou seu telefone e viu que havia perdido uma ligação dela. Seu coração dançou em seu peito ao ver-lhe o nome. Sabia que gostava dela, mas agora que sabia que ela correspondia a seus sentimentos, haviam atingido novos patamares.

Apertou o símbolo de chamada ao lado do nome dela. Zoe atendeu no terceiro toque.

— *Bom dia!* — Sua voz estava otimista e desperta. Como isso era possível? Ela não poderia ter ido para a cama antes das três da manhã. Entre apagar o fogo e a longa viagem de volta, sem falar em mais alguns beijos furtivos, já era tarde quando voltaram. Muito tarde.

— Ei — disse Stephen. — Vi a sua ligação.

— Sim, agora que só temos mais duas empresas para fechar contratos, pensei que poderíamos repassar as próximas etapas do projeto. Quer passar no escritório em uma hora?

— Estarei lá — ele prometeu. — Quer que eu pegue algo no restaurante para você? Podemos comer enquanto examinamos as coisas.

— Ah, isso parece incrível — disse ela. — Minha cabeça está latejando e terei sorte se minhas roupas combinarem.

Stephen sorriu. Não importava o que ela vestisse, porque tudo parecia muito bem nela. — Ótimo. Vejo você em uma hora. — Desligou, olhou no espelho para ter certeza de que seu cabelo não estava em pé atrás e saiu correndo para comprar o café da manhã.

Hoje seria um bom dia.

Stephen saiu do elevador, assobiando uma música envolvente. Não conseguia se lembrar onde tinha ouvido, mas não saía de sua cabeça.

— Está muito animado esta manhã — disse Bob, colocando a cabeça para fora do escritório de RH. — Importa-se de manter isso para você?

— Não sei se posso fazer isso — disse Stephen com um sorriso. Continuou pelo corredor em direção ao escritório de Zoe. Quanto mais se aproximava, mais rápido andava, sem se importar com a bota que ainda tinha que usar. Mal

podia esperar para vê-la, embora tivessem se passado apenas algumas horas desde que se separaram.

Passou pela porta e ergueu as sacolas que segurava. — Comprei o seu favorito.

Ela ergueu os olhos de um arquivo aberto em sua mesa, mas não retribuiu o sorriso. Na verdade, foi bem o contrário disso.

O sorriso dele vacilou. — Posso voltar e comprar algo diferente para você, se quiser.

Isso só pareceu piorar as coisas.

As sobrançelhas de Zoe se juntaram e ela parecia tão zangada que não conseguia falar. Abriu a boca algumas vezes, mas nada saiu. Finalmente apertou os lábios e olhou feio para ele.

— Posso voltar mais tarde — disse ele lentamente, dando um passo para trás. Não sabia o que havia mudado na última hora, mas fosse o que fosse, não queria estar presente.

— Você mentiu para mim. — As palavras de Zoe saíram por entre seus dentes cerrados. — Você sabia o tempo todo, e mesmo depois que eu lhe disse o quanto isso era importante para mim... — Sua voz foi sumindo, mas seus olhos ainda lançavam punhais.

Stephen deu outro passo para trás. — Não sei o que você acha que eu fiz, mas nunca menti para você. Nunca!

Ela pegou o arquivo que estava em sua mesa e jogou-o na direção dele. — Você está comprando o parque para poder destruí-lo e transformá-lo em qualquer coisa ridícula que tenha sonhado. Você sempre disse que estava fazendo o que era melhor para a cidade. Nada de bom vem disso daqui, nada além de um salário no seu bolso.

Ela havia encontrado os planos antigos.

Stephen havia bolado um novo plano com o prefeito Freedman, um que envolvia demolir o hotel de beira de estrada atual e construir um mais atualizado em seu lugar. Depois de ver o que o parque significava para a cidade - e para Zoe - ele sabia que não poderiam destruir nenhuma parte dele.

Demorou um pouco para ser convencido, mas o chefe de Stephen finalmente havia concordado em aprovar os novos planos. A nova planta mostrava o hotel atualizado com um nível extra para oferecer mais quartos, além de academia e piscina coberta no andar principal.

Abriu a boca para dizer isso a ela, mas Zoe ergueu a mão e balançou a cabeça. Lágrimas escorreram por seu rosto e isso partiu o coração dele.

— Não quero ouvir suas desculpas — ela sussurrou.

— Mas não é o que parece — disse ele, com a voz baixa. — Por favor, deixe-me explicar.

— Isso daqui mostra que você irá destruir uma parte do parque.

— Sim, mas...

— Você estava fazendo isso pelas minhas costas e pelas costas de Sam, e pensou que poderia escapar impune?

— Não, nunca faria algo assim.

Zoe empalideceu. — Então... Sam sabia disso?

Stephen fez uma pausa. — Foi ideia dele.

Imediatamente, sentiu uma pontada de culpa. Não queria jogar o prefeito na fogueira daquele jeito. Era covardia colocar a culpa em outra pessoa, um amigo de Zoe. Mesmo que fosse verdade.

Os punhos dela cerraram-se com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Saia do meu escritório. — Disse as palavras baixinho, mas foi como se tivesse gritado.

— Mas...

— Eu confiei em você. E você me traiu. Traiu esta cidade. E vou garantir que todos saibam disso. — Estreitou os olhos. — Saia.

Stephen olhou para o chão. Achava que merecia isso. Deveria ter contado o plano a Zoe desde o início, mas não sentiu necessidade de complicar as coisas. E, então, quando o plano mudou, achou que não havia nada para discutir, ou assim pensava.

Mas também era verdade que ele queria que ela o visse da melhor maneira possível e havia propositalmente escondido coisas dela. Mas o que pensou que aconteceria? Realmente esperava um felizes para sempre para eles?

Colocou os sacos de comida da lanchonete na mesa dela, incluindo o que havia pedido para si mesmo. — Você tem razão. O parque deveria estar fora dos limites desde o início. E eu deveria ter sido sincero com você sobre os planos. Mas não vamos destruir o parque. — Não havia mais nada a dizer. Saiu do escritório dela sem olhar para trás.

O prefeito Freedman estava parado no corredor quando ele dobrou a esquina. Pelo que parece, tinha ouvido tudo.

— Sinto muito — disse Stephen. — Não queria ter te culpado. Assumo total responsabilidade por tudo e farei minhas malas. Quer que eu ligue para Debbie e para o resto dos proprietários que assinaram contratos com minha empresa e diga que o negócio foi cancelado? — Seu chefe ficaria furioso, é claro. Stephen provavelmente seria demitido. Mas, por algum motivo, a perspectiva de perder o emprego não parecia tão terrível quanto deveria.

— Você não fará nada disso — disse o prefeito Freedman. — Os proprietários já estão planejando o que vão acrescentar às suas lojas quando reformarem, e você não vai tirar isso deles. Na verdade, quando visitei a confeitaria ontem, Rebecca perguntou quando você pretendia passar por lá novamente. Parece que ela está se sentindo excluída. — Ele exibia um pequeno sorriso e não parecia nem um pouco preocupado com o que acabara de acontecer.

— Mas... o parque — disse Stephen. — Zoe acha que estamos destruindo tudo e ela vai contar para todo mundo. Você terá um motim em suas mãos. Este projeto não vai acontecer sem luta.

— Deixe que eu me preocupe com isso. Basta seguir em frente conforme planejado — disse o político.

— Tudo bem — respondeu Stephen, lançando um olhar ansioso para o escritório de Zoe.

— Irei lidar com ela também — assegurou o prefeito Freedman. — Ela vai mudar de ideia.

Stephen não tinha certeza se o prefeito estava certo sobre essa parte, mas sabia que o homem era alguém em quem podia confiar. Aliás, era provavelmente a única pessoa em quem ele podia confiar no momento. Assim que a notícia do parque se espalhasse pela cidade, Stephen estaria na lista negra de todos.

Assentiu e se virou para sair. Pela primeira vez em uma semana, dor subiu pelo seu pé. Seu mancar voltou enquanto se dirigia para o elevador. Deveria passar na confeitaria e na oficina de conserto de eletrônicos antes que a notícia se espalhasse. Eram os últimos dos quais ele precisava de contratos e parecia que seria fácil agora.

Mas não estava com cabeça para isso. O cansaço lhe atingiu em cheio, e tudo o que queria fazer era deitar-se e fingir que o dia de hoje nunca tinha acontecido.

Teria que superar isso, no entanto. Se conseguisse resolver tudo até o fim de semana, poderia voltar para casa na segunda-feira.

A ideia o deprimiu, mas não havia nada que pudesse ser feito a respeito. A única maneira de tirar sua mente do que poderia ter sido - se Zoe não tivesse encontrado aqueles planos antigos - era ir embora e se concentrar em garantir a promoção que lhe havia sido prometida.

Mas nem mesmo a perspectiva de uma promoção era mais atraente.

Nada era.

Capítulo 21



— Recusei-me a falar com ele esta manhã no escritório, então o que o faz pensar que quero falar com ele agora? — Zoe perguntou a Katie, que havia feito um esforço para visitá-la em sua casa, provavelmente porque ela não atendia nenhuma das ligações de Sam.

— Ele só quer explicar.

— Explicar por que ele está vendendo a única coisa que une esta comunidade? — Zoe perguntou. — A propósito, também estou brava com você. Já deve ter percebido.

Culpa passou pelas feições de Katie. — Não cabia a mim contar.

— Todo mundo vai odiá-lo por isso, sabe. Seu legado como o maior prefeito que já tivemos vai para o ralo.

— Isso só prova o quão difícil essa decisão deve ter sido para ele — disse Katie.

Ela tinha razão.

— Tudo bem. Mas não vou mais ajudar nesse projeto. Então, ele pode dizer a Stephen que está sozinho nessa.

Katie abriu a boca para dizer alguma coisa, mas depois a fechou novamente, como se tivesse mudado de ideia.

— Desembucha. Sei que sabe algo que não deveria me contar.

Katie pareceu querer negar, mas então deu de ombros, resignada. — Stephen garantiu os dois últimos contratos esta tarde. Ele vai se reunir com empreiteiros amanhã e depois vai embora. Fará o resto remotamente.

Zoe assentiu, decidida. — Ótimo. Quanto mais rápido ele for embora, melhor.

Exceto que não parecia ótimo. Parecia mais como um soco no estômago. Havia dado a ele uma parte dela que nunca havia confiado a mais ninguém. Não devia ser assim que as coisas terminavam. E ainda assim, seria. Não havia como voltar atrás em sua traição. Não era algo que ela pudesse perdoar.

— Você poderia, por favor, falar com Sam? — Katie perguntou. — Ele quer contar a você o lado dele das coisas.

— Não há mais nada que ele possa dizer que não me faça querer torcer seu pescoço. — Zoe fez uma pausa. — Já que estamos neste assunto, diga a ele que eu me demito. — Não tinha planejado isso, mas se não aguentava ver o prefeito hoje, certamente não conseguiria aguentar no dia seguinte, ou no dia depois dele.

A boca de Katie formou um pequeno O e ela torceu as mãos. — Por favor. Apenas cinco minutos. A amizade de vocês vale pelo menos isso.

Zoe cruzou os braços e estreitou os olhos. — Você está me dizendo que nada disso te incomoda?

— Incomodou.

Ela ergueu uma sobancelha cética. — Mas não incomoda mais?

Katie hesitou. — Sam quer contar a você pessoalmente.

— Me contar o quê? — Não tinha como Zoe deixar Katie sair de lá sem revelar todas as informações que deveria ter sabido o tempo todo.

— O plano mudou — disse Katie, esfregando as têmporas. — Você encontrou uma versão antiga dele.

— Você tem dado ouvido às baboseiras de Stephen. E não acredito que esse homem tenha proferido uma palavra verdadeira a alguém até hoje.

— É verdade — insistiu Katie. — Stephen se reuniu com alguns empreiteiros para avaliar as coisas e encontrou uma maneira de concluir o projeto e salvar o parque.

A respiração de Zoe falhou, mas ela se recusou a acreditar em tudo de imediato. — Sam confirmou isso?

Katie assentiu. — Você está certa ao dizer que eles deveriam ter sido francos desde o início. Mas eu prometo a você, eles não vão destruir o parque.

Zoe ficou quieta por um longo momento. Estava convencida. Mas não conseguia acreditar que Sam tivesse concordado com isso para começo de conversa - não só concordado, mas, segundo Stephen, tinha sido ideia de Sam. — Ok. Vou falar com ele. — Olhou para o relógio. Já eram quase cinco horas. — Posso estar na sua casa em uma hora. Mas lhe diga que ele só tem cinco minutos para me convencer a não largar meu emprego. Ainda estou brava com ele.

O alívio relaxou as feições tensas de Katie e ela correu em direção à porta da frente, como se temesse que Zoe fosse mudar de ideia. — Vou transmitir a mensagem — gritou por cima do ombro.

Assim que a porta da frente se fechou, Zoe afundou em um dos bancos do balcão e enterrou a cabeça nas mãos. Toda a raiva se dissipou e ela se sentiu exausta. Não estava acostumada com emoções tão intensas e negativas assim. Nunca havia dado lugar a elas em sua vida e não gostava disso. Apesar de tudo o que havia acontecido ao longo do dia, precisava fazer as pazes com Sam e pedir desculpas a Katie. Precisava de seus amigos.

Ela de repente se endireitou. Se tudo isso fosse verdade, e Stephen tivesse salvado o parque... ah, meu Deus, o que tinha feito? Encolheu-se quando pensou na maneira cruel como o tratou naquela manhã. Pegou o telefone e tocou o ícone ao lado do nome dele. Zoe sabia que provavelmente era tarde demais para eles serem algo mais do que... o que quer que fossem. Mas não podia deixá-lo ir embora com a última lembrança dela como a pessoa horrível que tinha sido naquela manhã. Por que ele trazia à tona o que havia de melhor e de pior nela?

O telefone tocou, mas não houve resposta.



Armada com suas botas de arco-íris da coragem, Zoe subiu os degraus do hotel de dois em dois degraus. O elevador ia demorar demais. Correu pelo corredor e bateu na porta de Stephen. Não houve resposta. Tentou novamente,

mas tudo estava quieto.

Ele provavelmente estava jantando. Ela voltou pelo corredor e desta vez pegou o elevador, debatendo consigo mesma se deveria ir até o restaurante ou tentar novamente no dia seguinte. Sam a esperava em trinta minutos; talvez devesse simplesmente ir até lá.

Enquanto atravessava o saguão, convenceu-se de que perseguir Stephen por toda a cidade enviaria o tipo errado de mensagem. Com resolução e cabeça erguida, abriu a porta para sair do hotel. Exceto que estava tão preocupada que não percebeu alguém entrando no hotel ao mesmo tempo que ela saía.

Zoe bateu direto nele, fazendo com que vários sacos que ele segurava caíssem no chão.

— Ah, meu Deus, sinto muito — disse, ajoelhando-se no chão. Estendeu duas sacolas de comida para a vítima inocente.

Stephen.

Ela tentou conter a surpresa, mas um pequeno suspiro ainda lhe escapou. Os seus olhos encontraram os dele, então seu olhar caiu para as outras duas sacolas de comida que ele já segurava. E a única coisa que conseguiu pensar em dizer foi:

— Isso é muita comida para uma pessoa só.

Um lampejo de emoção passou por seu rosto, tão rápido que ela quase não percebeu. Mas uma emoção permaneceu ali um pouco mais do que as outras. E era algo que parecia muito com dor.

— Lido com as minhas emoções através da comida — disse ele, com a voz rouca.

Zoe assentiu, mas não sabia mais o que dizer. Havia planejado um discurso no caminho, mas o que quer que fosse, não se lembrava mais. As palavras haviam fugido quando colidiu com Stephen.

— Posso ter minha comida de volta? — ele perguntou, inclinando a cabeça em direção às sacolas que ela ainda segurava.

Zoe olhou para baixo. Uma parte dela queria jogar a comida nos braços dele e fugir. A outra não estava pronta para dizer adeus. — Posso carregá-las para você. Você está com as mãos ocupadas.

Stephen hesitou, mas depois soltou um suspiro resignado. — Eu não deveria comer tudo isso sozinho, de qualquer maneira. Quer ajudar? Poderíamos nos sentar no banco lá fora.

Bem, isso já era alguma coisa. Pelo menos ele não estava a afastando. — Lidere o caminho.

Quando eles se acomodaram no banco e dividiram a comida, Zoe se perguntou se ter aparecido ali tinha sido um erro.

Mastigou devagar e, quando terminou um burrito grande, começou a comer alguns nachos, tudo para evitar dizer o que tinha ido dizer. Só quando a comida estava quase acabando é que o silêncio foi quebrado, e foi Stephen quem encontrou coragem para falar primeiro.

— Por que está aqui? — Sua voz estava áspera e estranha.

Zoe manteve o olhar na embalagem vazia que segurava na mão. — Estou aqui para me desculpar.

Stephen assentiu. — Desculpas aceitas. — Então, levantou-se e jogou seu lixo em uma lixeira próxima.

— Você precisa que eu leve você para visitar mais pessoas amanhã? — ela perguntou, observando-o do banco. — Eu poderia te ajudar a conseguir suas licenças.

Ele balançou a cabeça, o olhar fixo nos pés. — Acho que tenho tudo do que preciso. Obrigado de qualquer maneira. — Virou-se e começou a caminhar de volta para o hotel.

Zoe saltou do banco e se colocou em frente à porta principal do hotel, bloqueando seu caminho. — Não quer saber pelo que estou me desculpendo?

A testa dele franziu-se em frustração enquanto tentava contorná-la. — Não. Ela cruzou os braços. — Por que não?

— Porque isso não importa. Vou embora logo pela manhã.

A boca dela se abriu de surpresa. — Achei que você só ia embora na segunda-feira.

Desta vez, foi a vez dele se surpreender. — Quem te disse isso?

— Tenho minhas fontes — respondeu ela.

Um olhar duro eliminou a surpresa nas feições de Stephen. — Bem, terminei as coisas mais cedo e tenho um voo cedo para pegar, então se me der licença... — Acenou com a mão para a porta atrás de Zoe.

— Você pode pelo menos me deixar explicar? — ela perguntou, odiando o desespero que tingia suas palavras.

— Você não me deu a mesma consideração. Quando eu quis explicar, você fechou a porta na minha cara — disse ele, em tom cortante.

A culpa e o remorso inundaram Zoe e lágrimas brotaram de seus olhos. Ele estava certo. Merecia alguém melhor que ela. Alguém que pensasse antes de agir. Zoe era muito emotiva - muito impulsiva.

Com um único aceno de cabeça, ela se afastou e Stephen passou por ela sem olhar para trás.

A única vez que havia permitido que alguém bom quebrasse suas barreiras, ela tinha estragado tudo.

Capítulo 22



Stephen ficou acordado na cama, olhando para o teto. Deveria dormir, considerando que precisava acordar às quatro horas para poder dirigir durante três horas até o aeroporto.

Está bem, certo. Como se isso fosse acontecer. A dor do seu encontro com Zoe o assombrava. Tinha sido errado da parte dele não a deixar explicar, como ela havia feito com ele?

A resposta era um sonoro não. Pelo menos ele não tinha sido cruel, como ela havia sido. Mesmo com o tratamento ruim que recebera em outras cidades, nunca tinha tido alguém lhe falando do jeito que ela fez.

Stephen não sabia quando finalmente caiu em um sono agitado, mas quando acordou, algo parecia errado. Olhou para o telefone e percebeu o que era.

— Seis e meia — resmungou, saltando da cama. — Eu deveria estar na estrada há duas horas. — Vestiu uma calça, mas depois sentou-se na beira da cama. Mesmo que entrasse no carro e dirigisse o dobro do limite de velocidade, ainda assim não chegaria ao aeroporto a tempo para o voo. Verificou seu telefone novamente e viu que de alguma forma o alarme havia desligado. Fez isso enquanto dormia? Não importava como isso tinha acontecido; o que importava era que estava preso em Amor.

Com ela.

Pânico cresceu em seu peito. Esta não era uma opção. Seu pai sempre lhe ensinou que precisava pensar fora da caixa quando enfrentasse problemas.

Esperança substituiu o pânico.

A amiga de Zoe. Ruby. Ela tinha seu próprio avião.

Stephen pegou seu telefone e buscou nos contatos. Graças a Deus, havia salvado o número dela, enquanto estava no hospital.

Era cedo - provavelmente cedo demais. Mas Ruby era sua única esperança. Não aguentaria ficar em Amor por mais um dia.

Prendeu a respiração quando o telefone tocou.

— Olá? — uma voz alegre o cumprimentou. Ele não a havia acordado? Ninguém deveria parecer tão feliz logo pela manhã.

— Oi, Ruby, é o Stephen... — Não sabia como terminar sua introdução. Quase disse “amigo de Zoe”, mas isso nunca foi algo tão mentiroso. — O incorporador imobiliário.

— Está tudo bem? — ela perguntou, sua voz cheia de preocupação.

Ele esfregou a testa. — Não tenho certeza de como isso aconteceu, mas meu alarme desligou e preciso chegar ao aeroporto internacional para pegar meu voo para casa. Existe alguma maneira de contratá-la para me levar até lá? Sei que é cedo e de última hora, então entendo se for pedir muito. — Cruzou os dedos enquanto esperava a resposta dela.

— Na verdade, estou com meu avião agora. Ia levar outro passageiro, mas se você se apressar, posso levar os dois. Vocês têm o mesmo destino.

— Estou a caminho — disse ele e desligou antes que Ruby mudasse de ideia.



Não se passaram nem quinze minutos antes que ele estivesse derrapando pelo estacionamento sujo do pequeno aeroporto de onde Ruby decolava. Graças a Deus, tinha sido fácil de encontrar. Ele não tinha certeza do que faria com o carro alugado, mas talvez pudesse pagar a Ruby para devolvê-lo.

Com uma mão segurando a alça da mala e a outra correndo nervosamente pelos cabelos, Stephen caminhou rapidamente em direção ao único avião que conseguia ver. Ruby o encontrou quando ele se aproximou e pegou a mala dele.

— Vou guardar isso na frente comigo — disse ela. — O outro passageiro já está lá dentro e pronto para partir.

— Nem sei como te agradecer por isso — disse ele, já planejando pagar o dobro do valor normal.

Ruby abriu a porta para ele. — Talvez seja melhor esperar antes de expressar sua gratidão — disse ela.

Stephen quase perguntou por que, mas quando entrou no avião, nenhuma explicação foi necessária. Fez uma pausa, curvado, sem saber se deveria sentar-se no banco ou sair correndo.

Zoe o olhou do único assento ocupado.

— Você é o passageiro? — ele perguntou, atordoado. Como isso era possível? E por que Zoe estava indo para o aeroporto internacional?

— Fiz minha reserva ontem à noite — disse ela, dando-lhe um sorriso nervoso. — Mas você vai perder seu voo se ficar parado aí por muito mais tempo.

Então, suas opções eram ficar em Amor ou ficar sentado por quarenta e cinco minutos em uma cápsula voadora com a única mulher que tentava evitar.

Stephen desabou no assento mais próximo. — Isso parece mais do que uma coincidência — disse enquanto colocava o cinto de segurança.

— Eu não sabotei o seu alarme, se é isso que está pensando — disse Zoe.

O pensamento havia passado por sua cabeça, mas era absurdo demais para considerá-lo seriamente. Mas ainda assim... quais eram as chances dele se encontrar nesta situação?

— Estava indo ao aeroporto ver você — disse ela.

Stephen não pôde evitar encontrar o olhar de Zoe. — Você o quê?

— Pedi a Ruby que me levasse ao aeroporto para que eu pudesse impedi-lo de ir embora.

Ele procurou por qualquer indicação de que ela estivesse brincando, mas seus olhos eram sérios e sua expressão era franca e honesta.

— Por que você faria isso? — perguntou. — Você deixou bem claro ontem

o que sente por mim.

— E eu estava errada. Mais errada do que consigo expressar em palavras — disse Zoe, baixando o olhar. — Nunca agi assim com alguém antes. Não é quem eu sou, e quando penso na maneira horrível como tratei você... — A voz dela falhou e ela desviou o olhar.

O avião decolou pela pista e Stephen se concentrou nas nuvens do lado de fora da janela, com os pensamentos em turbilhão. Eles estavam rápidos e furiosos, como um furacão, e ele não sabia como os entender. Estavam apenas o deixando mais confuso.

— Por que você fez isso, então? — perguntou, sua voz baixa. — O que me fez ser tão especial para merecer esse tipo de tratamento?

Quando a olhou, ela não estava olhando para ele, mas seus olhos estavam úmidos.

— Não sei — disse ela, com o lábio inferior tremendo.

Isso fez com que Stephen quisesse tomá-la nos braços e confortá-la. Mas então ele se forçou a lembrar por que estava naquele avião - do que estava escapando.

— Não consigo parar de pensar nisso desde ontem — ela continuou. — E a melhor conclusão a que cheguei é que foi porque eu dei a você tudo o que tive medo de dar a alguém no passado. E, então, quando pensei que você tinha me usado, me traído, a força dos meus sentimentos em relação a você se transformou em sentimentos igualmente fortes de raiva. — Balançou a cabeça. — Estava planejando ir ao aeroporto e implorar que você me perdoasse, que me desse outra chance. Mas vejo agora que não mereço uma. Pelo menos fui capaz de me explicar - de lhe pedir desculpas de verdade. E agora vou trabalhar para não cometer o mesmo erro no futuro.

Zoe ficou em silêncio e voltou seu olhar para fora da janela. O sol estava começando a nascer e parecia que o céu estava em chamas.

O olhar de Stephen se mudou para Ruby, perguntando-se se ela conseguia ouvir a conversa deles. Se conseguisse, não estava dando nenhuma indicação.

Sentimentos conflitantes giraram em seu peito. As palavras de Zoe pareciam verdadeiras, mas como podia ter certeza de que ela não o trataria da mesma maneira no futuro? Como podia saber que esta era uma experiência única? A questão era essa: ele não podia. Por mais atraído que estivesse por ela, por mais incrível que ela fosse, ele sempre se perguntaria se o leão estaria escondido logo abaixo da superfície. E se ele errasse novamente no futuro? Como ela reagiria?

Ficaram em silêncio pelo resto do voo e, embora Stephen não conseguisse desviar o olhar de Zoe, ela não se virou para encará-lo novamente.

Quando o avião pousou, ela desafiou o cinto de segurança e ele fez o mesmo.

— Estaremos aqui por cerca de trinta minutos — Ruby disse quando ele saiu do avião. Por que ela estava lhe dizendo isso quando ele tinha um avião diferente para pegar? Fez menção de tirar a carteira do bolso, mas Ruby tocou

seu braço e balançou a cabeça. — Este é por conta da casa.

— Ah, eu não posso aceitar isso...

— Sim, você pode — disse Ruby, interrompendo-o. Fez uma pausa e então pareceu tomar uma decisão sobre alguma coisa. Baixando a voz, disse: — Zoe é uma mulher incrível. Apesar do comportamento dela ontem, você não encontrará pessoa mais carinhosa, que traz vida e luz por onde passa. — Pegou a mala dele na frente do avião e estendeu-a para ele.

— O-k — disse Stephen, pegando-a dela. — Obrigado. — Olhou para o grande aeroporto enquanto se virava e caminhava em direção a ele. Parecia distante, ainda mais agora, onde cada passo mais perto do voo que precisava pegar significava um passo a mais para longe da única mulher que ele sabia que nunca esqueceria.

Com uma última olhada por cima do ombro, viu que Zoe estava do lado de fora do avião, observando-o. Foi o pequeno aceno com a mão que ela lhe deu que desfz os nós do estômago dele.

Como poderia abandoná-la, sabendo que nunca mais a veria? Ansiava por seu sorriso e sua confiança, e a ideia de desistir de tudo isso... era demais. Stephen não tinha todas as respostas e não conseguia prever o futuro, mas sabia que Ruby estava certa. Precisava da luz de Zoe e estava disposto a correr o risco.

Virou-se para ela e a boca de Zoe se abriu ligeiramente de surpresa.

Deixando a mala no chão, caminhou rapidamente de volta até ela, e nem mesmo o pé machucado foi capaz de detê-lo. Parou quando estava a centímetros dela. — Eu não posso te deixar — sussurrou.

— Achei que nunca me perdoaria — disse ela, com umidade acumulando em seus olhos, embora desta vez ele pudesse dizer que era de felicidade.

Ruby falou com um sorriso engraçado. — Achei que você com certeza iria até o terminal antes de dar meia-volta. Acho que Zoe estava certa sobre você.

— Claro que estava — disse ela, antes de passar os braços em volta do pescoço de Stephen e puxá-lo para um longo beijo. Ele se perdeu em seu abraço, consciente apenas de seus batimentos cardíacos acelerados e da sensação dos dedos de Zoe brincando com seu cabelo enquanto seus lábios se moviam em seu próprio tipo de dança.

Quando eles finalmente se separaram, sem fôlego, ele olhou nos olhos dela - eram tão puros. — Vamos fazer isso funcionar. Não sei como, mas nunca mais vou me afastar de você.

Zoe sorriu e ficou na ponta dos pés para poder dar um beijo no nariz dele. — E eu não vou lhe dar nenhuma razão para isso.

Epílogo



Um ano depois

Bob sentou-se em uma mesa coberta com linho branco e enfiou um garfo no cheesecake enquanto as risadas borbulhavam ao seu redor.

Casamento. Eca.

Mas havia prometido a Sam que estaria aqui, então aqui estava. Algo sobre apoiar aqueles com quem ele trabalhava, ou alguma outra bobagem assim.

Stephen posou para uma foto com Zoe, os sorrisos de ambos ofuscando as luzes penduradas acima deles no parque da cidade.

Bob balançou a cabeça, franzindo a testa. Não estava certo. Stephen tinha entrado na cidade com a intenção de comprar empresas locais, e ainda assim conseguira a garota.

Mas Bob não. Nunca era a vez de Bob.

Sempre havia seguido as regras, feito tudo que lhe foi pedido, mas não era isso que uma mulher queria. Ela queria emoção - alguém que jogasse a cautela para o espaço.

Soltou um longo suspiro, observando Debbie com o canto do olho. Seu cabelo agora estava rosa e na altura dos ombros. Ela estava linda, como sempre.

Sempre que a via, o que não acontecia com tanta frequência agora que ela havia construído um novo salão no outro extremo da cidade, ele se lembrava da última vez que haviam se falado.

Estavam em seu escritório e ele a observava assinar um contrato de venda. Essa era uma das vantagens de ser tabelião; ele sabia praticamente tudo o que acontecia na cidade. Todas as coisas importantes, de qualquer maneira.

Mas observá-la lidar com essa papelada significava a demolição de seu salão, tinha sido demais para ele.

Bob estava sentado em uma das cadeiras do salão quando Debbie o havia beijado pela primeira vez. E na segunda vez.

Tinha sido no salão dela que ele lhe dissera que a amava pela primeira vez.

Debbie sempre insistiu que tinha sido ele quem havia rompido o relacionamento. Mas só porque ele não estava pronto para tornar as coisas públicas, não significava que não quisesse namorar.

Quando ela decidiu que precisava de espaço, bem, isso não aconteceu no salão. E tinha sido por isso que ele não suportara vê-lo demolido. Tinha sido um lugar de esperança. E agora essa esperança havia ido embora - em uma pilha de escombros.

Bob arrancou-lhe a papelada, tentando impedi-la. Aparentemente, essa tinha sido a coisa errada a se fazer. A primeira vez que conversaram por meses, e isso se transformara na maior briga que já tiveram.

Observou-a se movimentar entre os convidados, segurando um copo em

uma das mãos e rindo como se fosse a mulher mais feliz do mundo. Talvez fosse.

Mas então ela o pegou, olhando-a fixamente. Debbie fez uma pausa no meio do caminho. Parecia em conflito, como se não tivesse certeza se deveria se aproximar dele ou seguir em outra direção.

Ele lhe deu um sorriso hesitante, mas isso apenas pareceu solidificar a opinião de Debbie de que Bob não era alguém com quem desejasse falar. Virou-se, mas então o surpreendeu ao olhar por cima do ombro. Seus lábios se curvaram em um meio sorriso e então ela desapareceu novamente, misturando-se com as outras pessoas que haviam aparecido para o casamento.

Não tinha sido muito, mas tinha sido o suficiente.

Uma pequena chama se acendeu no peito de Bob, aquecendo-o.

Talvez um dia ele também pudesse ter o seu feliz para sempre.

Quem sabe?

Fim

Vem aí



Capítulo Um



Debbie saiu da Prefeitura sentindo-se rejuvenescida. Ela frequentemente ouvia outras pessoas reclamando das reuniões semanais do conselho municipal, mas as adorava. Este fato apanhou-a de surpresa depois de ter sido eleita para o conselho, visto que normalmente não tinha tendência para se envolver em política. Contanto que tivesse seu salão de beleza, estava feliz.

Mas ouvir as preocupações dos seus amigos e vizinhos e ter o poder de fazer algo a respeito era revigorante. E certamente havia muitas preocupações, pois a cidade via mais tráfego e mais lojas e restaurantes sofisticados se mudando por causa da indústria do turismo espacial que havia se instalado a menos de uma hora de distância.

— Debbie, espere aí — alguém gritou atrás dela.

Debbie fez uma pausa e olhou para trás. Rebecca, a dona da confeitaria local, caminhava rapidamente em sua direção. Ela se virou, mas Rebecca já estava com a mão em seu braço antes que pudesse escapar.

— Percebi que ficou estranhamente quieta quando mencionei a preocupação sobre a inauguração de outra confeitaria nos próximos meses — disse Rebecca.

Debbie voltou-se para a confeitaria com um sorriso forçado.

— Eu não tinha nada a acrescentar ao assunto. Acho que os outros membros do conselho cobriram isso muito bem.

Rebecca hesitou.

— A cidade não precisa de duas confeitarias.

— Você está certa — disse Debbie. Mas antes que o sorriso satisfeito de Rebecca pudesse se estabelecer completamente, acrescentou: — A cidade precisa de três confeitarias. Infelizmente, duas é tudo o que conseguimos por enquanto.

Os lábios de Rebecca se encurvaram para baixo e ela balbuciou:

— Três? Está tentando me tirar do mercado?

— De jeito nenhum. Se eu precisar de um bolo lindo, já sei aonde ir. Mas você não faz pães, bagels ou qualquer coisa que alguém queira levar para qualquer lugar. Todos temos as nossas especialidades e há espaço para todas elas em Amor.

— Achei que você tivesse sido eleita para representar as necessidades dos proprietários das pequenas empresas — disse Rebecca.

— Eu fui e é isso que faço. — Debbie agora sentia que sua integridade pessoal estava sendo atacada. Ela puxou o braço do aperto de Rebecca e tentou manter a paciência. — O crescimento e a mudança não são fáceis, mas acho que todos vimos no ano passado que são necessários.

— Diz a mulher cujo cabelo não fica da mesma cor por mais de um mês seguido. — Rebecca olhou para o cabelo loiro de Debbie. — Eu gostava mais do rosa. — Ela então girou nos calcanhares e foi embora.

Um longo suspiro saiu dos lábios de Debbie, fazendo um som de assobio. Ok, normalmente sentia-se rejuvenescida depois dessas reuniões. Em outros momentos elas a faziam querer voltar para a cama com uma tigela de sorvete.

— Você lidou bem com isso.

Debbie se virou. Zoe estava lá em seu terninho, parecendo toda oficial para desempenhar suas novas funções de prefeita. Ela havia sido assistente do prefeito anterior durante anos e foi quem ajudou a iniciar a transição de uma cidade pequena para uma cidade turística, por isso tinha sido natural ocupar o lugar de prefeita. E esse posto caía bem nela.

— Ela acha que não estou protegendo seus direitos como proprietária — disse Debbie. Ela sabia que não conseguiria agradar todo mundo, mas os comentários de Rebecca haviam lhe incomodado da mesma forma.

Zoe sorriu.

— Ela vai mudar de ideia. Rebecca sempre será a última a mudar de atitude, mas ela não pode negar como todo o dinheiro do turismo está melhorando nossa cidade.

Debbie assentiu, mas não respondeu imediatamente. As coisas certamente estavam mais movimentadas e muitas melhorias haviam sido feitas, inclusive a cidade finalmente conseguira ter um atendimento urgente para os momentos em que o consultório médico estava fechado. Mas Amor também estava mantendo o charme de uma cidade pequena apesar de tudo, e Debbie atribuía isso a Zoe e Sam, o prefeito anterior.

— Bem, todo mundo parece estar feliz com a expansão de seus negócios — disse Debbie, forçando seus pensamentos a se afastarem de Rebecca.

— O que me leva a um assunto sobre o qual gostaria de conversar com você. — O tom formal de Zoe transmitia que agora estava falando como prefeita McAllister e isso despertou a curiosidade de Debbie. — Vamos voltar para o seu salão.

— Com o que posso ajudar? Precisa de permanente? — Debbie brincou.

Zoe sorriu, mas negou com a cabeça. Ela permaneceu em silêncio enquanto caminhavam pela calçada em direção ao centro recém-reformado, onde era tão provável encontrar uma celebridade se preparando para seu voo espacial quanto um morador local de Amor. Só quando estavam na metade do caminho para o salão é falou.

— Você é muito boa em lidar com as pessoas.

Debbie lançou um olhar curioso para a prefeita. Essa era uma maneira interessante de iniciar uma conversa.

— Obrigada — disse lentamente.

— Estamos crescendo rapidamente, não em residentes permanentes, mas com empresas e turistas — continuou Zoe. — Muito rápido. Não estamos conseguindo acompanhar. Ou fornecer o número de funcionários que precisamos. Até na Câmara Municipal estamos tendo pessoas trabalhando muitas horas para compensar a diferença.

Debbie havia percebido, mas não sabia o que isso tinha a ver com ela.

— Estou enviando um recrutador para ajudar a atrair residentes. — Então, olhando de soslaio, Zoe disse: — E eu gostaria que você fosse junto.

Debbie se engasgou com a própria saliva.

— Oi? — foi tudo o que conseguiu dizer em troca.

Zoe sorriu, embora não estivesse mais olhando para ela.

— Você ajudaria a recrutar estudantes universitários para os negócios sazonais e recém-formados para os cargos mais permanentes. Precisamos que as pessoas se mudem para Amor para gerir a infraestrutura que estamos construindo.

— As pessoas não se mudam naturalmente para onde há oportunidades? — Debbie perguntou, finalmente encontrando sua voz.

— Eventualmente — Zoe disse com um aceno de cabeça. — Mas não podemos esperar que a natureza siga seu curso. Precisamos de pessoas agora.

— Mas por que eu?

— Como eu disse, é boa com as pessoas e representa o comércio local de Amor. Você tem funcionários no salão agora, certo? Eles poderiam ficar sem você por uma semana?

Os pensamentos de Debbie giraram.

— Sim, tenho certeza de que ficariam bem, desde que não fosse mais tempo do que isso. Quantos de nós estaríamos viajando e recrutando?

— Três. E será paga pelo seu tempo, é claro.

Ganhar dinheiro por fora enquanto seu salão continuava a ganhar dinheiro para ela na cidade era tentador. Deus sabia que precisava disso. A expansão do salão tinha custado mais do que esperava, e a sua conta bancária ainda estava pagando o preço.

— Tudo bem. Quando devo partir?

— Este fim de semana seria muito cedo?

— Tipo... daqui a três dias?

Zoe lançou um olhar de soslaio para Debbie.

— Isso não será um problema, não é? Só preciso finalizar algumas coisas com algumas universidades antes de você partir, e isso lhe dará tempo para revisar os detalhes técnicos com nosso recrutador. Ele é muito bom no que faz e garantirá que tudo corra bem.

Debbie estava prestes a dizer que tudo bem, mas ao ouvir as palavras de Zoe, seu queixo se contraiu.

— O recrutador é um homem? — Debbie havia presumido que estaria viajando com a assistente da prefeita, Sarah. Era o tipo de coisa que Zoe teria feito quando era assistente do prefeito.

— Vocês terão quartos de hotel separados, se é com isso que está preocupada — Zoe disse rapidamente, embora parecesse estar evitando propositalmente seu olhar.

Debbie semicerrou os olhos, desconfiada, e então parou na frente da prefeita, de frente para ela.

— Quem é ele?

A expressão de Zoe continha tanta culpa que Debbie suspeitou que não tinha sido escolhida para esta viagem de recrutamento apenas por suas habilidades pessoais.

— Você está ocupada. Não quero te atrasar — disse Zoe, olhando para o outro lado da rua.

— Não estou ocupada — disse ela, não deixando a prefeita ignorar sua pergunta.

— Pode não estar ocupada agora, mas estará em cerca de dez segundos. — Zoe acenou com a cabeça para onde ficava o salão de Debbie, do outro lado da rua.

Quando Debbie se virou, viu que uma das janelas da frente estava quebrada e suas cabeleireiras tentavam freneticamente limpar os cacos de vidro. Uma delas ergueu os olhos e viu Debbie. Quando seus olhares se encontraram, viu o rosto da cabeleireira empalidecer.

— Acho que já sei como usarei esse dinheiro extra que você vai me pagar — disse Debbie com um longo suspiro.

— Você não tem seguro?

— Sim, e uma franquia absurdamente cara.

Zoe fez uma careta.

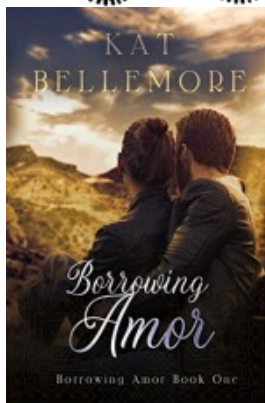
— Desculpe. Que azar. E o seu novo salão abriu há apenas alguns meses. Venha ao meu escritório amanhã à tarde e conversaremos mais. Talvez por volta das quatro e meia? Eu prometo que não demorará muito. — Ela caminhou rapidamente na direção oposta, sem lhe dar chance de responder.

Debbie sabia que a prefeita era conhecida por suas travessuras pouco convencionais e, enquanto observava Zoe recuar, não conseguiu afastar a sensação de que aquela era uma dessas travessuras. Zoe parecia culpada demais para que ela não se sentisse assim.

Enquanto atravessava a rua correndo para descobrir como a janela de seu salão havia quebrado, teve que deixar suas suspeitas de lado. Ela descobriria

em breve.

Série Emprestando Amor



O prefeito de uma cidadezinha. Uma estranha com um passado misterioso.

A duas semanas do Natal, Katie é despejada de seu apartamento. De novo. Ao invés de vagar pelas ruas e continuar a trabalhar para um policial corrupto, decide fugir, determinada a desaparecer de vez. Até seu carro quebrar em uma pequena cidade no Novo México e ela ver tudo ameaçado quando se apaixona pelo encantador prefeito.

Sam Freedman é o primeiro prefeito solteiro de Amor. Após convencer os habitantes de que um prefeito sem responsabilidades familiares poderia dedicar todo seu tempo à comunidade, passa a ser observado de perto. Até que Katie Andersen aparece. Contra sua própria vontade, Sam a contrata para substituir sua ex-organizadora de eventos. Agora, mal consegue pensar direito, quanto mais dirigir uma cidade.

Entre meias verdades e completas mentiras, Katie e Sam buscam desesperadamente pelo lugar onde a honestidade e a confiança levam ao amor. Mas precisam encontrá-lo antes que o passado os alcance.

Emprestando Amor é o primeiro livro dessa série de romances em cidadezinhas do Novo México. Se cidades pequenas, personagens peculiares e beijos de arrepiar te encantam, então irá amar essa história sobre amor e recomeços.



É melhor ter amado e perdido, disseram eles. Estavam errados.

Ruby Freedman não deixa a pequena cidade de Amor há quatro anos - não desde a morte de seu marido. A memória de seu fatídico acidente foi suficiente para fazê-la vender seu avião, e nunca mais andar de carro. E então Parker Loveland retorna à cidade. Agora terá que adicioná-lo à lista de coisas cujo as quais pretende evitar.

Após anos longe, Parker Loveland está de volta a Amor para celebrar o trigésimo aniversário de casamento de seus pais. Ele trabalhou duro para escapar das garras de sua cidade natal, mas quando se depara com Ruby, a única garota da qual gostava no colegial, e a única que o deixou plantado em um encontro, fica dividido entre o embaraço que sentiu mais de uma década antes, e seu desejo de estar perto dela.

Apanhado entre memórias do passado e o medo do futuro, será preciso deixar Amor para ajudar Ruby e Parker a encontrarem a segunda chance que não sabiam que estavam procurando.

Emprestando Paixão é o segundo livro da série Emprestando Amor de romances na cidadezinha do Novo México. Se gosta de balões de ar quente, beijos doces e segundas oportunidades, então vai adorar este romance atemporal.



Melinda Garrett tem estado presa administrando o restaurante de seus pais por mais de uma década, sem fim à vista. Quando sua irmã mais nova fica noiva, Melinda relutantemente concorda em assistir ao casamento com seu amigo,

Daniel. Mas quando a pressão é exercida, ela afirma que ele é seu noivo, na esperança de que a opinião de seus pais sobre a venda da lanchonete mude.

Daniel Armstrong não é o tipo de rapaz que uma garota leva para casa para conhecer seus pais, mas quando ele se oferece para participar de um casamento como acompanhante de Melinda, se vê rotulado como seu futuro cônjuge. Agora, os desafios estão em cada esquina, colocando à prova a afirmação de Melinda de que ela e Daniel estão apaixonados.

A cada toque e beijo falso, a linha se confunde entre ficção e realidade, e parece inevitável que pelo menos um coração seja partido até o final do fim da semana.

Emprestando um noivo é o terceiro livro da série romance em cidade pequena Emprestando amor. Se você gosta de química abrasadora, beijos proibidos e romance doce, vai adorar esta comédia romântica.

Emprestando um noivo é um romance para ler com um sorriso!



Bev Miller fica chocada quando ganha um assento no voo inaugural de turismo espacial da Galactic Enterprise, considerando que ela nunca colocou seu nome no sorteio. Mas graças à sua melhor amiga, Bev se encontra em um porto espacial, preparando-se para a aventura de sua vida. Infelizmente, isso inclui Charles Michael. Bonito, solteiro e rico - ele é tudo o que ela está abandonando. Desde que se tornou uma sem-teto, não deseja namorar alguém que represente sua antiga vida, quando ela também era rica.

Charles Michael achava que passar da pobreza à riqueza resolveria todos os seus problemas, mas agora que as contas dos pais estão pagas, o dinheiro não passa de uma âncora em seu pescoço. Ele reserva um assento em um voo de turismo espacial na esperança de que isso o ajude a entender sua vida - para lhe dar uma perspectiva sem distrações. Não contava com o fato de conhecer Bev Miller.

Bev e Charles têm apenas três dias para se livrar de seus preconceitos e aprender a confiar. Será que seu retorno à Terra significará o início de uma nova aventura?

Emprestando um bilionário é o quarto livro da série de romance de cidade pequena *Emprestando Amor*. Se você gosta de personagens peculiares, beijos doces e romance fora do comum, vai querer ler essa história de amor única.

Sobre a Autora



Kat Bellemore é a autora de romances da cidadezinha de Amor, Pegando Emprestado. Decidir ter o Novo México como localidade da série foi uma escolha fácil, considerando os incríveis pores do sol, céu azul e a saborosa pimenta. Isso e o fato de Kat viver lá atualmente com o marido e os dois lindos filhos. Esperam, um dia, acrescentar um cão à família, mas, por enquanto, os animais nativos do deserto devem bastar. Apesar de Kat não se importar caso o mundo se livrasse de escorpiões e centopeias. São apenas maus. Vocês podem visitar a Kat em www.kat-bellemore.com.

Informações Leabhar



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)